

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

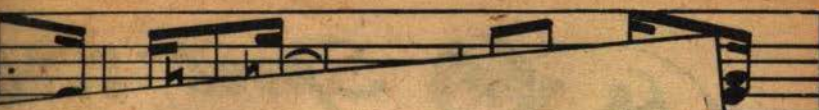
Vol. XXXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1944

N.º

## SUMÁRIO:

- Editorial .....
- A Administração de uma cidade ocupada — Adaptação do Ten. Cel. Paulo Mac Cord .....
- Os grupamentos de combate de uma D. I. — Trad. do Ten. Cel. A. Vasconcellos .....
- A tática dos blindados no norte da África — Trad. de "The Calvary Journal" .....
- A Artilharia Divisionária na defensiva — Trad. do Ten. Cel. Armando Vasconcelos .....
- Psicologia para o homem combatente — 1.º Ten. Nilton Freixinho .....
- Sobre o Exército Francês — Pelo Major Felicíssimo de Azevedo Aveline .....
- A Campanha da Tunísia em gráficos — Major Riograndino da Costa e Silva .....
- "Uma página de heroísmo das Tropas de Transmissões do Exército Inglês" — Pelo Major Adalardo Filho .....
- Ataques a baixa altura — Cap. Welt Durães Ribeiro
- Operações de Engenharia contra Carros de Combate — Por Maria Mariante Ferreira .....
- Livros Novos .....
- Noticiário & Legislação .....



A "boite" do Cassino  
Atlantico tem o segredo  
dos grandes centros cos-  
mopolitas. E' o "foyer"  
onde, na presente esta-  
ção, se reúne a nossa  
sociedade.

CASSINO

**Atlantico**







*Sport* factor de SAÚDE

# GYMNASTICA



"Moinho de vento" Gymnastica dos musculos abdominaes 10 vezes



Gymnastica dos musculos das pernas. 20 vezes.



Extensao dos musculos dos braços. 20 vezes.



Flexão do tronco. 10 vezes.



Arqueamento do corpo. 10 vezes



"Font" 10 vezes.



Oscillação de arvore 10 vezes



FLEXÕES DE CABEÇA

De 5 a 15 vezes cada exercicio



Para o pescoço, o thorax e as costas.

O corpo humano tem necessidade de exercicio. A vida sedentaria, impedindo a açao normal dos musculos, afecta a saúde e favorece o accumulo de reservas gordurosas. A gymnastica evita esses inconvenientes. Para maior efficiencia, deve ser praticada como um habito diario, pela manhã, si possivel so ar livre. É um exercicio racional que não rouba tempo, pois requer apenas alguns minutos.

Para sair de casa disposto, com uma physionomia atrahente, deve o homem moderno fazer tres coisas, todas as manhãs: a gymnastica, o banho e a barba. São tres preceitos basicos de hygiene, indispensaveis para se adquirir boa apparencia, que tanto ajuda a vencer na vida. Com Gillette é facil, rapido e economico barbear-se em casa. Adquira uma Gillette e passe a fazer sua propria barba, com lamina Gillette Azul, as unicas rigorosamente assepticas.

# Gillette

Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro



# A DEFESA NACIONAL



REVISTA  
DE ASSUNTOS  
MILITARES

TOMO I

ANO XXXI





## EDITORIAL

Os acontecimentos militares do ano de 1943 marcaram a franca inflexão da guerra no rumo da vitória aliada. Verdade é que ao expirar 1942 já se desenhavam alguns sinais dessa reviravolta, com o vitorioso desembarque anglo-americano na África do Norte e o fracasso alemão diante de Stalingrado. Mas, de fato, nessa altura, a Wehrmacht dominava uma vasta e preciosa área do território russo, inclusive toda a Ucrânia, com as suas fabulosas riquezas minerais e agrícolas, e ameaçava os poços petrolíferos do Cáucaso, enquanto na África a cabeça de ponte instalada firmemente na Tunísia representava dificuldades muito sérias para a consumação desta primeira parte da campanha aliada.

Já, porém, em fevereiro de 1943 se inaugura a série, nunca mais interrompida, dos decisivos êxitos militares aliados: os russos encerram a batalha de Stalingrado, com a captura do VI Exército do Gen. Von Paulus e os norte-americanos, recuperando Kassarine, obrigam as forças do Eixo à retirada geral na região central da Tunísia.

Daí por diante a contra-maré germanica avoluma-se aceleradamente. O VIII Exército força

a linha Mareth e estabelece ligação com o VII Exército norte-americano, a sudoeste de El-Guetar; o I Exército britânico bate nitidamente os alemães ao sul de Med'jez-elBab. São sucessos de março e abril. Em maio, dia 7, é o fim da campanha africana, com a queda de Tunis e Bizerta.

Na frente oriental o Exército Vermelho, com o impulso adquirido em Stalingrado, recuperara Rostov, Voroshilovograd e Kharkov, embora tivesse, pouco depois, que ceder novamente esta última cidade. Aguardava-se uma prometida ofensiva nazista de verão. Estava na consciência da unanimidade dos observadores que essa ofensiva era imprescindível, e devia ser fulminante, devia golpear de uma vez e por todas o poderio militar soviético, devia em suma, arrancar a decisão na frente oriental. E ei-la desencadeada a 4 de julho, no setor Orel-Kursk. Durante 8 dias se despedaçaram, de encontro às sólidas linhas russas, vagas sobre vagas de forças nazistas, sem lograr a tão almejada rutura. Esgotaram-se, assim, nesse balizado e custoso esforço.

Estava fracassada a clássica ofensiva germanica de verão, em 1943, enquanto os russos, que até então só atacavam no inverno, retomaram nessa oportunidade a iniciativa não propriamente para uma ofensiva de estação, mas para uma ofensiva permanente, pois que se prolonga até hoje, tendo resultado na libertação de quasi todo o território da União Soviética. E ainda agora, recobrando novo ímpeto, após as dificuldades entorpecedoras do outono, desenvolve-se irresistivelmente em três direções: a da Letonia, a da Polónia e da Bessara-



bia. Os germanicos articularam um contra-golpe no saliente de Kiev, mas suas vantagens locais alcançadas num tremendo esforço de cinco semanas, o Gen. Vatutin anulou-as em oito dias e prossegue além, é a marcha sobre a Polonia.

Quanto aos anglo-americanos, encerrada a campanha da Africa, saltaram sem demora sobre a Sicilia, cuja conquista completa foi feita em 38 dias. Seguiu-se, com o intervalo de 17 dias, o asalto à península italiana, e consequente capitulação do governo Badoglio.

Da luta na Italia o episódio mais significativo, até agora, foi o desembarque norte-americano em Salerno, efetuado sob a enérgica oposição dos alemães, que chegaram a anunciar o reembarque dos invasores. Não foi, porém, o que se deu, e a difícil operação anfíbia ficou como uma clara demonstração da impotência das forças nazistas ante o poderio militar dos anglo-norte-americanos.

A campanha peninsular, sob a influência das tenaz resistencia dos germanicos, tem-se desenvolvido lentamente. Contudo, não se deve perder de vista que, embora lenta, é uma campanha admirável pela regularidade. Os anglo-americanos avançam sempre, e a Wehrmacht conta vantagens na medida em que consegue retardar esses avanços.

— :: —

Os japoneses também, em 1943, receberam um apreciável quinhão de golpes rijos. Logo em fevereiro foram desalojados de Guadalcanal. Em abril as forças dos Estados Unidos ocupavam a ilha de Funaffuti, ao sul do arquipélago das Gilbert, no

mês seguinte Attu, nas Aleutas, e em agosto Kiska. Depois são, pela ordem, os seguintes assaltos: Bougainville, as ilhas Gilbert, e a Nova Bretanha.

O ano de guerra de 1943, no Pacífico, caracterizou-se, destarte, pela campanha preliminar de conquista de bases. E o êxito sem contrastes com que foi empreendida, não deixa dúvidas sobre o futuro das operações naquele teatro.

— :: —

Outro importante aspecto do desenvolvimento da guerra em 1943 residiu nos bombardeios estratégicos. Vimo-los, ora partindo das bases nas Ilhas Britânicas, ora das bases no Mediterraneo, intensificarem-se de uma forma impressionante. Orientaram-se no lógico sentido de destruir as indústrias de guerra a serviço da Alemanha e de desorganizar a sua retaguarda. Dessa forma, o primeiro esforço se concentrou na batalha do Ruhr, cujo remate foi a destruição das represas de Moehne e de Eder. Depois Bremen, Hamburgo e Berlim, cada uma por vez, experimentaram o castigo metódico das forças aéreas anglo-americanas.

Outras operações aéreas estratégicas, embora sem o mesmo caráter sistemático, em razão de dificuldades técnicas ou mesmo porque não fosse necessário, incluem-se no acervo do 4.º ano da guerra. Tais são: o bombardeio dos poços petrolíferos da Rumania, das cidades de Viena, Sofia, Roma, Milão, do porto de Toulon e outros pontos ao alcance das novas bases aliadas, algumas já no território continental da Italia.

— :: —



E a guerra no mar ? Esta ofereceu transformações substanciais. O acontecimento mais grato, porém, terá sido a capitulação da esquadra italiana, não só pelo desafogo imediato trazido à distribuição das forças navais aliadas, como pela possibilidade de fazê-la intervir, de um momento para outro, na batalha contra os alemães, uma vez que o governo Badoglio está em guerra com Hitler.

No Pacífico os marinheiros do Micado evitam qualquer engajamento a fundo, desde a desastrosa batalha do mar de Bismarck, logo no começo do ano, em março.

E a campanha submarina, uma das vigas mestras da estratégia alemã, está praticamente subjugada. O bombardeio implacável das bases de submersíveis no litoral francês, os ataques demolidores aos principais centros de construção naval na Alemanha, e de outro lado o aperfeiçoamento dos processos de escolta dos comboios, respondem pela impotência a que se acham reduzidos os submarinos do almirante Doenitz. Essa situação acabou de consolidar-se com a cessão aos aliados das bases portuguesas dos Açores, de onde os aviões agora partem para completar a rede de vigilância sobre as rotas do Atlântico.

O ano naval teve um coroamento de gala com a eliminação do encouraçado nazista "Scharnhorst". Foi mais um atestado da eficiência da Marinha inglesa, tanto mais quanto o comboio endereçado a Murmansk passou intacto e as unidades de combate também não sofreram baixas. Além disso, o fato de o almirantado alemão arriscar, como arriscou, um dos seus escassos encouraçados

para interceptar um comboio, indica que não pôde ou não quis valer-se dos submarinos. Em qualquer das duas hipóteses a conclusão é desfavorável a capacidade atual da referida arma.

—:—

Do ponto de vista político a guerra teve em 1943 dois acontecimentos culminantes: a capitulação da Itália e a conferência de Teerã.

O primeiro significou a desagregação do Eixo, com todas as suas consequências morais e materiais.

A conferência de Teerã representou, singularmente, o reverso no tocante ao bloco das Nações Unidas, porque selou a firme identificação político-militar da Rússia com os Estados Unidos e a Inglaterra.

Um entrou a desmoronar-se, o outro chegou à consolidação final !

—:—

Podemos, pois, dizer que 1943 foi o ano em que os aliados desbravaram o caminho da vitória, isto é, arrebataram definitivamente a iniciativa ao inimigo e minaram por todos os lados o seu poderio. Agora, para 1944, está reservada a fase final. Poderá ser extremamente onerosa, é mesmo muito provável que o seja. Em todo caso, não como engodo otimista, o que seria contrário à nossa posição de militares, mas como referência para um cálculo, refletimos que também a capacidade ofensiva do Eixo parecia ilimitada quando, em fins de 1942, as suas garras atingiam as vizinhanças



de Bakú, do Cairo, de Port Moresby e da fronteira da Índia.

Onde se encolhem agora, após o primeiro ano da reação aliada? Foi o que vimos de fixar nesse rápido apanhado.

Não é nada provável, convenhamos, que a capacidade defensiva dos germânicos se equipare à ofensiva, que se esgotou em menos de três anos de luta. Aquela arrogante organização militar, criada pelo nazismo, foi regulada para avançar sempre; não será sem transtornos que lhe invertem o movimento...



Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1943

À Diretoria de "A Defesa Nacional"

Na data em que a "A Defesa Nacional" comemora seu 30º aniversário, é com prazer que assinalo o quanto tem sido proveitosa sua atuação no sentido de propagar pelo Brasil, até às mais longínquas guarnições, o conhecimento de assuntos técnico-militares, além de informações de interesse geral, igualmente úteis a todos quantos cooperam em prol do engrandecimento nacional.

É-me grato felicitar-vos nesta data, recordando-me do tempo em que fiz parte da Diretoria dessa benemérita Revista.

Ernesto G. Dutra





É com justificado desvanecimento que estampamos a honrosa carta que, a propósito do trigésimo aniversário de "A Defesa Nacional", S. Excia. o Snr. General Eurico B. Dutra, Ministro da Guerra, dignou-se de enviar-nos.

Vale por uma recompensa a quantos se esforçaram por elevar nossa Revista à altura de suas finalidades e como estímulo aos que ainda trabalham para aumentar, cada vez mais sua reconhecida utilidade.

Rio de Janeiro, 15-12-1943.

# A DEFESA NACIONAL

Matéria para o número de 10 de fevereiro de 1944

1. — EDITORIAL (Gen. Gomes Carneiro).
2. — OS REAJUSTAMENTOS DÁ DOCTRINA — Cel.  
J. B. Magalhães.
3. — S. MIGUEL ARCANJO — Gen. Silveira de Melo.
4. — ORGANIZAÇÃO DA A. A. AE. DO CORPO DE  
EXÉRCITO ESPANHOL — Cmt. Ricardo Castro  
Carruncho.
5. — O VISCONDE DE TAUNAY E SEUS EDIFICAN-  
TES EXEMPLOS COMO MILITAR E CIDADÃO. —  
Cap. Riograndino da Costa e Silva.
6. — PISTA DE APLICAÇÕES NA REMOÇÃO DE MINAS  
— Cap. Robert B. Rigg, U.S.A.
7. — A COMPANHIA DE FUZILEIROS — Cel. Oscar  
Rosa.
8. — PENSAMENTOS DO CAMPO DE BATALHA —  
Major Barbosa Pinto.
9. — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO PARA A A. A. AE.  
Cap. Propício Machado Alves.
10. — SERVIÇO DE INTENDÊNCIA NO EXERCITO DOS  
ESTADOS UNIDOS — Cap. A. Alvaro de Souza.
11. — NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO.





# A ADMINISTRAÇÃO DE UMA CIDADE OCUPADA

O "GOVERNO MILITAR ALIADO DE TERRITÓRIO OCUPADO" (*ALLIED MILITARY GOVERNMENT OF OCCUPIED TERRITORY* — ABREVIADAMENTE *AMGOT*) CONSTITUIDO DE OFICIAIS DO EXÉRCITO ESPECIALIZADOS, QUE SE DESLOCAM A RETAGUARDA DAS TROPAS COMBATENTES DURANTE O AVANÇO E ASSUMEM A DIREÇÃO CIVIL DAS ZONAS SUBMETIDAS. A PRESENTE REPORTAGEM, DE UM CORRESPONDENTE DA "LIFE", REVELA, SOB O ASPECTO HUMANO, O QUE O *AMGOT* VEM FAZENDO NA SICÍLIA OCUPADA.

Adaptação do Ten. Cel. PAULO MAC CORD

De modo geral, os trabalhos militares de gabinete são famosos por sua insipidez. Contudo, uma das cousas mais atraentes da Sicília, neste momento, é a gente passar o dia ao lado da mesa do Major que governa a cidade de Licata em nome dos Aliados.

Regozijámo-nos, durante muito tempo, com as dificuldades encontradas pelos alemães e japoneses em organizar as terras invadidas. Hoje, porém, junto do Major, deparamos, analogamente, com inúmeras dificuldades, mas constatamos, ao mesmo tempo, sua ação pronta e atilada, de par com uma generosidade e um idealismo que tocam as raíças da sentimentalidade, num ambiente de inata simpatia que decorre da afinidade racial de grande parte dos nossos homens com os filhos da terra. Assistimos à incrível penúria do povo italiano, aos hábitos fascistas remanescentes, a um pouco de hipocrisia em meio de



O governador militar da cidade recebe em seu gabinete uma delegação do povo, para discutir assuntos de interesse local

muita humildade e a muitas cenas do gênero tragi-cômico. Entretanto, percebemos também que, acima de tudo, paira uma atmosfera de confiança no futuro.

O Major chega às 7 e 45. O cabo, seu auxiliar, já se encontra a postos em pequena mesa improvisada, no extremo oposto da enorme sala. Após fazer a sua primeira refeição de suco de laranjas enlatado, na própria mesa de trabalho, o Major engolfa-se no exame do seu livro conta-corrente, balanceando o *crédito*, representado pelo valor das multas impostas e pelo produto da venda de material apreendido, com o *débito*, proveniente dos pagamentos realizados sob a rubrica *Home Relief* (Contribuição para a Pátria) e das despesas de reparações. Debruçado sobre o seu trabalho, o Major aparenta invulgar energia. A pele bronzeada, crescido o bigode, seus olhos castanhos conservam-se, todavia, límpidos e lesto, sem denunciar a vigília da noite anterior, em consequência da preocupação causada pela responsabilidade dos afazeres do dia.



Terminado o exame dos livros, redige breve relatório, iniciando em seguida a audiência pública, que empresta à sua jornada um caráter ao mesmo tempo contristador e fascinante.

### *história da desgraça de duas mulheres*

Em primeiro lugar apresentam-se duas mulheres vestidas preto. A mais moça traz uma criança ao colo. O Major fã-las sentarem-se. Enquanto a mais idosa começa a explicar suas dificuldades, com hábeis circunlocuções, a primeira abre a blusa e passa a amamentar o bebê. Parece que a família tinha nove crianças, oito das quais foram mortas pelo bombardeio... que o marido da casa onde moram tem goteiras, etc. O marido da moça está no exército italiano. Seu irmão desertou, mas se encontra em Palermo. A família sempre esteve contra o fascismo. Há muita malária na Sicília... E, assim, o rosário da desgraça vai sendo desfiado, até que o Major sutilmente pergunta: "E o senhor deseja?".

"Desejamos", responde a senhora, "permissão para ir a Palermo procurar o irmão da minha filha aqui presente, meu filho, que lutou pela pátria mas ainda não trabalha para a família".

O Major delicadamente explica que a situação é de anormalidade, que os trens não podem conduzir civis, que todo o esforço está sendo feito no sentido de apressar a terminação da guerra, mas que, por enquanto, é preciso ter paciência.

### *necessivo apêgo às cousas terrenas*

O consultante seguinte é um advogado, muito gordo, trajando terno branco, e usando óculos azuis, e que, por força do hábito, saúda à moda fascista, mas, caindo em si da irreverência, faz deslizar a mão, disfarçadamente, pela testa, como a indicar o gesto impensado. Com gesticulação estudada, descreve a situação desdita de um velho, seu cliente, proprietário de um prédio com cinco apartamentos. Três destes já foram vendidos. Mas o velho está moribundo e deseja permissão para vender os outros dois, afim de não morrer intestado ainda na posse dos mesmos. O Major atende-o.



*Suplício de Tântalo*

Comparece agora ao recinto um homem decentemente trajado, declarando que possui fundos depositados no Banco da Sicília, não podendo, entretanto, sacá-los para satisfazer seus compromissos. O Major explica que os Aliados foram obrigados a fechar os bancos por alguns dias, como medida preventiva ao estabelecimento do pânico, que poderia levar à ruína todas aquelas casas de crédito. Fundos aliados, acrescenta êle, serão em breve fornecidos aos bancos, que ficarão autorizados a fazer transações dentro de limites pre-estabelecidos. Entrementes, cumpre conformar-se com a situação.

*Negócio honesto*

Chega a vez de um comerciante. Usa camisa abotoada, mas sem colarinho. Havia sido recomendado ao Major por sua seriedade. Declarou que estivera contra os fascistas durante muitos anos, desejando agora colaborar com a nova causa. O Major informou-o de que se achava na posse de artigos de vestiário e peças de fazenda que haviam sido sonegados ao consumo pelos antigos dominadores e que desejava, agora, vender à população, há muito impossibilitada de renovar seus trajes. Poderia o comerciante organizar uma tabela que permitisse aquela venda a preços razoáveis, incluindo uma pequena comissão para os armarinhos e revertendo a renda líquida em favor do governo da cidade, sob o título "Home Relief"? O interrogado ergue o braço maquinalmente e responde que sim.

Sôa a hora do almoço. Ao sair o Major do seu escritório e realizar o seu trajeto através da multidão expectante, ouvimos como um sussurro: "Beijo vossa mão... beijo vossa mão... beijo vossa mão..." É uma expressão tradicional de respeito vinda dos tempos em que realmente se beijavam as mãos. O Major sente-se embaraçado e declara que vai proibir o uso dessa expressão.

O almoço é servido em pequeno restaurante onde o menu, para qualquer refeição do dia, é constituído de massas, de hortaliça — espécie de solano (*solanum melongena*) — peixe frito,



vinho tinto e uvas. Durante a refeição, o Major relata a sua própria história, até então toda passada na América. Seus pais eram camponeses de Parma (Itália), que emigraram para os Estados Unidos aos 16 anos. Frequentou escola superior. Casou-se com a filha de um dos proprietários de uma grande firma de consignações, fez um empréstimo, adquiriu uma loja de especiário, que explorou com sucesso durante dois anos, vendendo-a depois, e empregou-se, finalmente, como funcionário público. Depois, então, ingressou no Exército.

### *Racionamento e câmbio negro*

De volta ao escritório, encontrou o Major uma carta de Arturo Verdirami, velho excêntrico de 82 anos, dono de quase todas as minas de enxofre de Licata e antigo agente de companhias de navegação estrangeiras. Em inglês cujo estilo éle próprio classifica de "shakesperiano", a guisa de desculpa espirituosa, diz o missivista que a população humilde de Licata há meses não recebe suas quotas de óleo de oliva e outras gorduras, enquanto as famílias e os amigos pessoais das autoridades conseguem tudo o que desejam. Em consequência, os preços do mercado negro subiram vertiginosamente.

"Não deveis permitir que perdure essa tirania contra os pobres", conclue Arturo Verdirami na sua queixa.

Informado anteriormente, com as devidas minúcias, das especulações do mercado negro, já havia o Major tomado as medidas sugeridas por Verdirami. Reunira, para isso, todos os funcionários municipais, muitos dos quais ainda no desempenho de antigos cargos fascistas, e dissera-lhes: "Agora, com a presença dos americanos, Licata é uma democracia, o que significa que as pessoas dos governantes não são os senhores do povo. Como são renumerados os homens do Governo? Com o produto dos impostos pagos pelo povo. Então, o povo é que tem, realmente, ascendência sobre o Governo e não este sobre aquele. Sois agora servidores do povo de Licata". E aconselhara-os a entrarem, dali por diante, na fila das rações.



*Justiça primária*

O julgamento das contravenções acha-se, também, a cargo do Major que, para isso, transforma a sua mesa num tribunal improvisado. O Chefe dos Carabineiros lê as acusações e faz a interpretação do crime, com apurado senso dramático. Os réus permanecem, de ordinário, enfileirados, diante da mesa, fazendo todos, sem excepção, inadvertidamente, a abominada, mas ainda não de todo esquecida, saudação fascista.

*Quinta-colunismo e avareza*

O primeiro caso trazido à barra do tribunal de emergência é o de um homem que recusou receber dólares americanos e, peor ainda, não se quis sujeitar a vender pão a crédito à população local. Apoiado pelo adiposo advogado de terno branco e óculos azuis, alega ignorância, como justificativa. Diz que nunca tivera tempo de ler as proclamações. O Major rispivamente declara que a ignorância da lei não constitue defesa e aplica-lhe elevada multa, como penalidade.

*Pária social*

Segue-se o caso de um pobre homem, autor de furto de peças de fardamento de um depósito militar. Confessa-se culpado e afirma que não sabe ler, mas odeia os fascistas. Sua aparência é tão miserável que o Major condena-o à pena de três meses de reclusão, libertando-o, ao mesmo tempo, condicionalmente, e faz-lhe uma preleção sobre honestidade.

*Caracteres simplórios*

Depois, seis camponeses são introduzidos no salão. Expressam-se deficientemente, revelando grande atraso de espírito e inspirando compaixão aos presentes. São todos acusados de terem retirado um pouco de feno de um celeiro abandonado. De novo, o Major apenas adverte.

O último caso é, a um tempo, o mais engraçado e o mais enternecedor. Trata-se de um velho carroceiro. Apresenta-se



com o boné de pano amassado na mão, em atitude tão provocadora como se estivesse sendo julgado por fascistas, aos quais declara odiar. O Chefe dos Carabineiros começa a ler a acusação. Parece que, quando conduzia sua carroça pela cidade, aproximou-se do indigitado contraventor um combóio de caminhões anfíbios norte-americanos, cuja passagem interceptou, por vir dormitando na boléia. Saltando pela sala e rugindo, o Chefe dos Carabineiros descreve como um dos seus homens agarrou-se às rédeas do cavalo e, com esforço gigantesco, afastou a carroça, salvando a honra de Licata. O velho manteve-se em silêncio.

Prossegue o espalhafatoso acusador, descrevendo como o réu saltou em seguida da sua carroça e atacou o carabineiro, tentando lutar com o mesmo. Decidê-se, finalmente, o ancião a articular sua defesa.

#### *A história do carroceiro*

Fala lentamente a respeito da morte de sua esposa e do número de filhos e netos atacados de malária. Descreve minuciosamente o roubo de um cavalo feito pelos fascistas. Começa, por sua vez, a reproduzir a cena em questão, de maneira a convencer os presentes, depois de muitos gritos e variados golpes em todas as direções do espaço, numa luta simulada, de que o verdadeiro motivo de sua investida contra o carabineiro estava no seu próprio amor ofendido, por ver o seu animal de estimação maltratado por um simples motociclista. O Major julgou improcedente a denúncia.

#### *Depredações*

Ao terminar a sessão, sobreveiu uma contrariedade na pessoa do Signor Giuseppe Santi, proprietário da casa n. 29 da Piazza San Sebastiano. A referida casa havia sido requisitada para alojamento de tropa, o que constituía motivo de prazer para o queixoso, pelo ódio que votava aos fascistas. Mas sentia-se pezaroso, declara, em encontrar as gavetas rebentadas, os vidros quebrados e os painéis das portas fendidos, ao regressar à residência. O Major esclarece que os soldados, em regra, não possuem índole destruidora, mas que as contingências da guer-



ra dão-lhes maneiras selvagens. A exposição do Major é uma obra-prima de eloquência: termina aconselhando ao Signor Santi a encaminhar um pedido de indenização.

### *Cupido em cena*

Por fim, ainda comparece uma linda senhorita, muito amedrontada.

Diz que seu noivo está servindo no Exército, constando-lhe ter sido o mesmo capturado pelos americanos. O Major entra em ligação com o campo de concentração de prisioneiros e certifica-se de que, de fato, o procurado jôven achava-se ali recolhido. Lágrimas. "Senhor Major, muito obrigada, muito obrigada, beijo vossa mão", exclama a senhorita, ao retirar-se.

### *Fim de jornada.*

"Antes de ir para casa", declara o Major, "desejo encontrar uma nota alegre para terminar o dia, afim de esquecer a série interminável de tristezas e lamentações que me é dado presenciar". Mas, se lhe pedirmos ainda as suas impressões sobre o novo estado de cousas em Licata, após a recente ocupação americana, ouvi-lo-emos dizer: "Sem duvida a situação para o povo melhorou muito em relação ao que se passava sob o regime fascista. E' permitida a reunião na via pública a qualquer hora para comentar qualquer assunto. E' permitido ouvir as irradiações de *broadcasting*. Causou surpresa não haver proibição de sintonizar para estações estrangeiras. Passou, até, a existir certa predileção pelas notícias inglesas, em contraposição às irradiações de propaganda italianas, que proclamavam aos quatro ventos a opressão americana na Sicília. E' permitido ir ao Palácio da Cidade e falar ao Prefeito quando necessário. O Prefeito fascista fazia expediente das 12 a 1 e as audiências eram marcadas com muitos dias de antecedência. As vias públicas acham-se limpas, depois de séculos. Tenho 45 homens com um caminhão d'água e oito viaturas de limpeza. As condições de vida tem melhorado consideravelmente e continuarão a melhorar daqui por diante."



# OS GRUPAMENTOS DE COMBATE DE UMA D.I.

Artigo do Major General KARL TRUESDELL Cmt. da E. de E. Maior

(Extraído da Military Review de Julho de 1942)

Trad. do Ten. Cel. A. VASCONCELLOS

## I — GUERRA MODERNA

O "grupamento de combate" (combat team) como uma formação de combate no âmbito das divisões constitui a estruturação básica das manobras correntes na guerra atual.

Sua concepção se apoia na mobilidade, velocidade, iniciativa e no controle para o desdobramento da força. Colunas reforçadas e mixtas aptas a tarefas especiais ou subsidiárias, foram empregadas pelos centuriões.

Tais grupamentos temporários, porem, possuíam o inconveniente de disporém de Comando e Estado Maior improvisados e, na falta de exercícios combinados, tiveram necessidade de um trabalho em parceria.

Hoje, grandemente treinados, grupamentos de combate equilibrados movem-se e desdobram-se sob as ordens da Divisão para empreender uma ação ofensiva e estabelecer uma *frente de combate*, partindo da qual a divisão ou o comando superior, poderá atacar em direções decisivas para obter a destruição das forças inimigas. Contra um inimigo bem organizado, no entanto, em que a manobra fica limitada e reclama um esforço concentrado sobre o objetivo vital, a divisão para realizar um ataque mais poderoso terá que empregar todos seus elementos, sob controle centralizado ao envez de atuar combinando seus grupamentos de combate (combat teams).

O *grupamento de combate* é uma formação básica de Infantaria — artilharia para combater e seu emprego tem aplicação especial na situação de movimento, desdobramento e no engajamento, fases típicas da guerra de movimento.

Possue uma grande maneabilidade, velocidade, flexibilidade e aptidão a golpes de força. Faltam-lhe porém, meios para sustentar o esforço e é altamente inapto ao emprego nas guerras estabilizadas, nos ataques contra grandes localidades fortificadas ou nas defezas estáticas.

A falta de conhecimento das condições precedentes poderá resultar em equívocas impropriedades — no emprego do grupamento de combate — e na falta de julgamento sobre os factores da derrota.

A composição dos vários grupamentos de combate da Divisão de Infantaria, como tem sido ensinado nesta Escola, é a seguinte:

*Grupamentos táticos* — Para as marchas e o combate, em que são empregados os grupamentos de combate, a divisão fica organizada em 4 principais grupamentos táticos e um escalão de reconhecimento, como segue:

a) — *Principal Grupamento tático*

(1) *Grupamento de combate 1 (CT 1)* composto de:

1.º Regimento de infantaria

1.º Gr. de A. de Campanha (obuzes 105 m/m)

1.º Pelotão da Companhia A. do 1.º Btl. de Engenharia  
Companhia A do 1.º Btl. de Saúde (menos um dest.).

(2) *Grupamento de Combate 2 (CT 2)* constituído de:

2.º Regimento de Infantaria

2.º Gr. de A. de Campanha (obuzes 105 m/m)

1.º Pelotão da Companhia A. do 1.º Btl. de Engenharia  
Companhia B do 1.º Btl. de Saúde (menos um dest.).



(3) *Grupamento de Combate 3 (CT 3)* composto de:

3.º Regimento de Infantaria

3.º Gr. de A. de Campanha (obuzes 105 m/m).

1.º Pelotão da Comp. C do 1.º Btl. Engenharia.

Companhia C do 1.º Btl. de Saúde (menos um dest.).

(4) *Tropas Divisionárias (DT)*, constituídas de:

— Artilharia Divisionária (menos os 3 grupos 105 m/m)

— 1.º Btl. de Eng. (menos os destacamentos)

— 1.º Btl. de Saúde (menos os dest.)

— 1.º Btl. de Quartel Mestre

— Q. G. e Cia. de Pol. Militar (menos os dest.)

— 1.ª Cia. de Transmissões (menos dest.).

b) — *Escalão de Reconhecimento*

(1) *Tropa de Reconhecimento.*

## II — COMANDO

O comando de um grupamento de combate compete ao oficial mais antigo das unidades que o integram. Por isto, comumente recae no Cmt. do R.I., mas outros que lhe seguem na hierarquia profissionalmente habilitados, podem ser conduzidos a comandar provindo de qualquer das unidades que o compõem.

O Estado Maior do Comando de um grupamento de combate é o de sua própria unidade, acrescido pelos Comandantes (com capacidade para conselheiro) de outros elementos do grupamento (combat team). Uma constante articulação e simplicidade nas proposições constitue a inicial preocupação e zelo nas relações internas, desses elementos de comando.

## III — TAREFAS DOS OFICIAIS GENERAIS

Para auxiliar o comandante da divisão ha 2 generais brigadeiros na D.I.: um "conselheiro do Cmt. da Divisão" e outro comandando os elementos da A.. O último tem uma função orgânica, juntamente com seu E.M., que o habilita a desempenhar-se de suas funções do comando.

Dentro da concepção do grupamento de combate, a dificuldade (está provado) consiste em determinar o melhor método para utilizar a capacidade destes comandantes experimentados, os quais, ao mesmo tempo, devem se empenhar por assegurar as vantagens da autonomia tática do grupamento representada pelo tempo, flexibilidade e iniciativa dos subordinados. Como oficiais generais combatentes, todos são capazes de exercer um comando adequado, esquecidos da arena inicial de que provêm. Geralmente, e em complemento a de suas funções, têm sido dados aos generais de brigada as seguintes tarefas de comando:

- Substituir o Comando Superior.
- Comandar as vanguardas das diferentes colunas, dos reconhecimentos força, dos postos avançados quando fornecidos, pelos diferentes regimentos de I. e, de improviso, comandar as grandes unidades em que os problemas de comando possam surgir.
- Comando de 2 ou mais grupamentos de combate desde que seja reclamada a influência diretora ou de coordenação de uma autoridade no trabalho de ambos.
- Comandar temporariamente um grupamento de combate em substituição a um comando que venha a faltar ou qualquer outra tarefa como alto poder (trouble shooter) para dominar uma situação difícil.
- Comandar os escalões divisionários grupados à retaguarda, reservas ou de um flanco importante.
- Comandar ou coordenar as operações de segurança contra carros e anti-aérea, incluindo ao mesmo tempo os sistemas de alerta.



O divisionário em campanha expede ordens ao brigadeiro bem como correntemente, instruções são remetidas a este último e às unidades subordinadas.

Isto poupa tempo e não sobrecarrega o trabalho do E.M. divisionário. O brigadeiro, que provavelmente assistiu a elaboração da ordem inicial, dá oralmente as diretivas complementares às suas unidades, ficando em seguida livre para superintender a execução e tornar efetiva sua influência nos momentos e pontos decisivos.

#### IV — DESTACAMENTO DE LIGAÇÃO

As Unidades para a composição do Grupamento de Combate devem ser designadas pela divisão. Segundo a situação, pode ser completamente dissolvidas; uma ou mais unidades podem ser retiradas ou reforços essenciais podem ser fornecidos para suas operações mais longinquas. As ordens divisionárias, apenas, põem em causa os antecedentes. Isto é, um grupamento de combate, em si, não representa uma organização porque:

- 1.º) — não pode ser largamente empregado nem correspondente justamente ao valor de uma unidade;
- 2.º) — essa unidade é adjacente ou está na jurisdição do grupamento de combate;
- 3.º) — seus serviços no momento são parcos de recursos. As alterações prescritas nas ordens de combate (field orders) podem ser as seguintes:

“CT-2 desaparece” (Dissolvido o grupamento de combate, o 2.º R.I. poderá receber na ordem de combate certa missão ao passo que as outras unidades ou destacamentos reverterão a seu comando orgânico cujo ato não carece ser mencionado mais tarde nas ordens).

“CT-2, menos o 3.º Batalhão de A. de Campanha”.

“CT-2 reforçado pela Cia. B do 1.º Btl. Eng. (o remanescente da companhia reúne-se sempre ao pelotão com o grupamento de combate).



“CT-2, reforçado pela 1.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> Btl. de Artilharia de Campanha e 24.<sup>o</sup> R.I.”.

“CT-2, reforçado pelo destacamento da Cia. B do 1.<sup>o</sup> Btl. de Saúde.”

“CT-2, menos 1 bateria do 3.<sup>o</sup> Btl. do A. de Campanha em tal lugar”.

O momento e o local são indicados explicitamente nas ordens quando a situação tática os reclama. Caso contrário, são designados por entendimento entre os comandos interessados. A Artilharia constitui-se exceção; não passará da divisão para o grupamento de combate sem receber ordem formal da divisão que lhe dá as missões a cumprir, inclusive informações completas e a designação do grupamento de combate a que se destina.

Similarmente, antes de passar para a divisão ou receber outras novas incumbências (admissíveis apenas se estiverem dentro do alcance) a artilharia continua com o encargo de apoio previamente designado até que a observação seja completada utilizando as comunicações existentes.

Quando o deslocamento for necessário, entendimentos especiais devem ser realizados no sentido de assegurar a continuidade do fogo de apoio, evitando-se os longos períodos de silêncio a que se ve obrigada e A que se desloca.

Nos incidentes, a Engenharia divisionária pode temporariamente reforçar com 1 Pel. o grupamento de combate, fornecendo os meios convenientes ou o pessoal necessário, afim de satisfazer com antecipação um dado serviço ou atender uma situação especial.

Ordens nesse sentido são desnecessárias, tanto na ação como no serviço em campanha. Por exemplo, a construção de um extenso campo de minas na zona do grupamento de combate pode ser executada separadamente por outra unidade de engenharia ou pelo oficial engenheiro do grupamento desde que venha a ser reforçado e seja incumbido de dirigir a tarefa. A



travessia de simples cursos d'água será feita sob as ordens do grupamento (combat. team).

As grandes operações de pontagens (construção de pontes) porém, deverão ficar sob ordens da divisão ainda que visem beneficiar o próprio grupamento de combate.

Os destacamentos de transmissões e saúde, que devem executar uma tarefa continua ou serviço, são aumentados ou diminuídos em efetivos pelo oficial do E.M. da Divisão, no que e fizer necessário para se manterem eficientes.

Grupos de caminhões, bem como motoristas são explicitamente designadas nas ordens quanto ao número, momento e local de sua utilização. Frequentemente devem ser indicadas ainda as restrições sobre seu emprego e os momentos de recuperação. Essa ordem pode ser do teor seguinte:

"CT-2 Cia. A do 1.º Btl. Quartel Mestre (S.I.) — 24 Caminhões, apresentados ao mesmo tempo ao 6.º Grupo de Caminhões do Btl. Saúde — 5 de 1 1/2 Tons. a E. de Saúde de Shirley as 9, h. 10 da noite.

"CT-2 10 Caminhões da 1.ª Cia. Trans. utilizáveis até 4,00 da manhã de 24 de julho.

AMM Tn 3.º Btl. A. Campanha, depósito de carga, situada em Ayer, livre de 6,00 h. da manhã de 24 de junho".

## V — ARTILHARIA DE APOIO

Na ordem divisionária, as missões gerais ou de apoio imediato são estabelecidas apenas para as unidades não atribuídas aos grupamentos de combate. A Artilharia integrante do grupamento de combate (combat team) é considerada "adiada".

O Comando da A. do Grupamento de combate coordena todos os fogos uteis de apoio para as próprias unidades. Ele pede ao Comandante da A.D. os fogos complementares, as munições e as missões de observação aérea.



Mantem o Cmt. da A.D. informado sobre as posições e missões de suas baterias, sobre seu PC e sistema de observação e ainda sobre a situação de suas munições.

## VI — SUPRIMENTOS

A Classe I de suprimentos, será distribuída na base do grupamento de combate. O S4 corresponde ao (Chefe da 4.<sup>a</sup> Sec. e 1 E.M.) do Grupamento de combate (Combat team) controla o movimento dos caminhões e fiscaliza as entradas e saídas para as unidades integrantes do grupamento bem como os pormenores do serviço dentro de sua própria organização. Os destacamento de saúde e de transmissões incluídos no grupamento são demasiadamente pequenos para trazer consigo pessoal e equipamento de rancho.

Eles serão adidos para efeito de rações aos E. Maiores de Companhia ou baterias.

Estimativas exatas bem como o volume das rações, inclusive para os adidos, tornam-se portanto essenciais. As alterações na composição e força do grupamento de combate devem ser conhecidas com antecedência, do mesmo modo que as saídas de emergência fora o depósito da divisão (si ocorrer) ou as rápidas e antigas retiradas de qualquer outra parte são necessariamente notificadas

## VII — CONCLUSÃO

O princípio diretor da formação do Grupamento de Combate é fundamental. Aplica-se na aproximação da batalha e nos ataques locais, de preferência nas zonas de marchas e de bivaques porque removem as intervenções hostis.

Este princípio fundamental visa a composição de uma força especial que é organizada com os meios de combate indispensáveis para cumprir uma dada missão tática, numa área local do campo de batalha, para combater nessa zona e também para marchar no campo de batalha. Deve-se dissolver, habitualmente, o grupamento de combate quando o combate for



iminente. Desprezar o grau de resistência apresentado pelo inimigo, é tão temerário e erroneo como continuar empregando os múltiplos grupamentos de combate (combat teams) em desconjuntados esforços quando a situação reclamar a utilização da força integral da divisão, coordenadamente para realizar uma ação decisiva. Os grupamentos de combate são compactos, constituídos com elementos aptos a desfecharem pesados golpes, principalmente de elementos de I. e A. susceptíveis de "furar" a resistência inimiga numa frente local em que falte ao inimigo uma resistência organizada ou que esteja largamente dispersa.

Estes "golpes de varar" serão empregados para conquistar a máxima vantagem tática sobre o inimigo sem nenhuma preocupação de produzir esforços intimamente coordenados de que só a divisão de I. é susceptível e para cuja ação está naturalmente reservada.

A audácia no emprego dos grupamentos de combate pode, em certos casos, prevenir a necessidade de uma ação coordenada pela divisão como um todo.

As recentes manobras têm revelado o perigo de se empregarem os grupamentos de combate com intervalos demasiado grandes, mas também permitiram indicar a vantagem de determinada ação executada por movimento rápido, bem organizado, por meio do qual as forças dos grupamentos de combate poderão abrir brechas nas posições inimigas e realizar um rápido avanço em largas frentes, acarretando assim, às forças hostis e por efeito de envolvimento, o colapso da frente. Os alemães combateram com grupamentos de combate na Flandres e no NE da França em Maio e Junho de 1940 e mais tarde na Iugoslávia e na Grécia, demonstrando a eficácia no combate das missões dessas forças tão pesadamente agressivas.



A PUBLICIDADE

NA

# A Defesa Nacional

COMUNICAMOS AO PÚBLICO, EM GERAL, AO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DO PAÍS E AOS NOSSOS ANUNCIANTES DO RIO DE JANEIRO E DOS ESTADOS, EM PARTICULAR, QUE TODO O SERVIÇO DE PUBLICIDADE DESTA REVISTA ESTÁ A CARGO, DESTA DATA EM DEANTE, DO

## Bureau Interestadoal de Imprensa

com escritórios à

Praça Mauá, 7 - 13.º andar

TELEFONES: 43-9918, 23-1451 E OFICIAL 2-515  
CAIXA POSTAL, 365 — END. TELEGR.: "BUREAU"

### SUCURSAIS:

SÃO PAULO: R. M. Garrido, Praça da Sé 23, 1.º andar  
telefone 3-3252

CURITIBA: Percival Loyola, Rua 15 de Novembro 573

PORTO ALEGRE: Arthur Batista Gonçalves, Rua  
Shuller 44



# A TÁTICA DOS BLINDADOS NO NORTE DA ÁFRICA

Traduzido do "THE CALVAKY JOURNAL"

A GUERRA DE TANQUES no Deserto Ocidental, que se estendeu desde o Delta do Nilo, através da Líbia, até Trípoli, se divide em três fases.

Durante essas fases, a tática empregada pelo Exército Britânico sofreu modificações, de acordo com o desenvolvimento e transformação do equipamento e da tática do inimigo.

## PRIMEIRA FASE — TANQUES CONTRA INFANTARIA

*Dezembro de 1940 — Março de 1941*

Quando o General WAVELL atacou o exército italiano sob o Comando do Marechal GRAZIANI, a 9 de Dezembro de 1940, tinha um punhado de tanques, tipo Cruzador Britânico, antiquados e um novo tanque de infantaria, chamado "Matilde", veículo lento pesadamente blindado e armado de um canhão de 2 libras.

Os tanques italianos, julgados pelo padrão moderno, eram pobremente equipados e pessimamente manejados.

O novo tanque britânico "Matilde", era realmente o fator decisivo da campanha, porque os italianos não possuíam canhões anti-tanques de 1.<sup>a</sup> classe, capazes de combatê-los e nem tampouco dispunham de bons tanques e, na parte do deserto onde a luta se travou, os tanques eram de necessidade vital.

Os grandes espaços planos do Deserto Ocidental prestam-se perfeitamente para a manobra.

Não há posição que não possa ser flanqueada pelos tanques.

A pesada força blindada dos britânicos ultrapassava as linhas fortificadas dos italianos, enquanto suas unidades mais leves, operando no flanco que estes apelavam no deserto esmagavam seus veículos "casca-mole" e se arremessavam entre os comboios de transporte, como lobos entre um rebanho de carneiros.

A campanha de WAVELL atingiu seu climax, quando o 1.º Batalhão do Regimento Real de Tanques, com um destacamento da 7.ª Divisão Blindada, arremeteu através do deserto, de Makili a Beda-Fomm, uma distância de, aproximadamente, 150 milhas e interceptou a testa da coluna italiana que se retirava de Bengasi para o Sul.

Por essa ocasião, as longas distâncias percorridas tinham reduzido o número de tanques utilizáveis e a armadura do Btl. consistia apenas de 8 cruzadores e alguns tanques leves.

No começo da batalha o inimigo dispunha de 20.000 homens, 2.000 caminhões e 48 tanques. Parte do Btl. britânico, com 8 tanques, atacou os tanques que formavam a vanguarda italiana e ao cair da noite estava de posse de todos eles, sem perdas próprias.

Esse êxito parece ter paralisado o inimigo que só na manhã seguinte, depois de suficientemente reunido, pode prosseguir novamente.

A força britânica nessa ocasião, estava desfalcada de dois tanques, em consequência de panes mecânicas, mas os 6 restantes, ousadamente atacaram os italianos e, após uma hora de luta, os repeliram do campo.

Logo após esta ação, chegaram reforços britânicos e toda a coluna italiana foi obrigada a render-se. Esta ação marcou o fim da 1.ª fase, no desenvolvimento da tática de tanques britânica, que pode ser grosseiramente descrita como "tanques contra infantaria" porquanto a qualidade inferior dos tanques italianos tornou-os quase inexistentes. Mas a campanha não tinha terminado.



## A SUPERIOR POTÊNCIA DE FOGO GERMANICA DOMINA A FORÇA BRITANICA :

O auxilio germânico aos italianos estava sendo despejado em Trípoli e em Março de 1941, ROMELL com o seu "Afrika Korps" que incluía 2 divisões dotadas do Mark IV, entrou em campanha.

Estes tanques eram superiores a quaisquer outros produzidos até então pelos britânicos. O Mark III é dotado de um canhão de 50 mm e o Mark IV de outro, de 15 mm.

Ambos esses canhões são eficientes até a distância de 1500 jardas e esses bem-armados tanques eram apoiados por um canhão que, naquele tempo, parecia capaz de tornar-se um fator decisivo no deserto.

Este canhão era o alemão de 88 mm., que desempenhava duas missões e que então aparecia na Líbia pela 1.<sup>a</sup> vez. Em face desse novo desenvolvimnto, os britânicos, com força blindada deficiente e colocados no extremo de uma longa linha de comunicações, foram forçados à retirada. Eles foram vigorosamente perseguidos, mas manobraram e estabeleceram uam linha defensiva, justamente no interior da fronteira egípcia. Esta retirada deixou o porto de Tobruk, estreitamente cercado, em precária situação, a 90 milhas à retaguarda das linhas inimigas.

Nos 5 ou 6 meses seguintes, durante o calor do verão egípcio, nada ocorreu de espetacular. De ambos os lados foram feitos grandes preparativos para a renovação da batalha, enquanto Tobruk anida resistia, mas a custo de incalculavel preço.

### SEGUNDA FASE — TANQUES CONTRA TANQUES

*18 de Novembro de 1941 a 25 de Dezembro de 1941*

Esta fase teve início na madrugada de 18 de Novembro de 1941, quando o General Sir Claude Auchinleck, que tinha substituído sir Archibald Wavell, no Comando Britânico do Médio-Oriente, atacou fortemente. Antes desse ataque, jul-



gava-se que a força inimiga na Cirenáica compreendia o "Afrika Korps" germânico (as 15 e 21 Divisões blindadas e a 55.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria Saboiana) fortemente instaladas na área Bardia-Solum-Sidi Omar; o 21.<sup>o</sup> Corpo Italiano (3 divisões de infantaria) com a infantaria germânica, localizado em Tobruk e seus arredores; o 10.<sup>o</sup> Corpo Italiano (Divisão Blindada Ariête e 2 Divisões motorizadas) em reserva na área de El-Adem — El-Gobi-Bir-Hacheim, ao sul de Tobruk.

Ao todo, avaliava-se que o "Eixo" possuía 387 tanques, fora os de modelos antiquados e outros muito leves.

Acreditava-se que as forças aéreas do Eixo na Cirenáica somavam 200 aviões italianos e 150 germânicos, aos quais se deve acrescentar 100 aviões da Tripolitânia e 200 na Grécia e no Egêu, que podiam ser chamados a intervir na luta.

Não se conhece detalhes da composição das forças do General Archinleck, mas presume-se que as 2 forças adversárias eram sensivelmente iguais, posto que os britânicos tivessem ligeira superioridade aérea.

Estes possuíam também novas armas. Grande número de tanques americanos Stuart, tinham chegado à Africa e em adição ao original "Matilde", os britânicos possuíam os "Valentinas" e os "Cruzadores".

Cada um destes tanques estava armado com um canhão de 2 libras, eficiente a curtas distâncias. Apoiando esses tanques haviam muitos canhões anti-tanques de 2 libras, montados em caminhões e canhões de campanha de 25 libras, os quais eram armas de primeira classe, mas impróprios para serem usados como verdadeiros canhões anti-tanques.

Logo que o General Archinleck desencadeou o ataque, os Cmts. de tanques verificaram que seus canhões não tinham alcance suficiente. Os canhões germânicos os atingiam antes que eles pudessem se aproximar bastante para responder. A única possibilidade de ação dos britânicos, entretanto, era carregar e chegar até à distância de 800 jardas ou menos, distância na qual seus canhões de 2 libras podiam alcançar o inimigo.

Esta tática demonstrou ser eficiente, mas muito dispendiosa. Depois de 10 dias de luta desesperada, os remanescentes



dos blindados do Eixo fugiram através do deserto, deixando as guarnições de Passo de Alfáia e Bardia entregues à sua própria sorte.

Tobruk foi libertado e no Dia de Natal os britânicos, mais uma vez, estavam de posse de Bengasi, Romell e suas panzers, entretanto, tinham se estabelecido em El-Ageila, no Golfo de Sirte.

Nesta primeira grande batalha de tanques contra tanques, o campo de ação era um paraíso para a tática desses veículos e nenhuma das partes tinha vantagem permanente ou definida de terreno.

Nenhuma conquista de terreno tinha importância, salvo quando podia ser utilizada imediatamente para fins estratégicos e os comandos dos exércitos opostos tinham apenas um objetivo; por fora de combate as forças blindadas do inimigo.

O grosso das forças inimigas se aproximava um do outro como duas esquadras no oceano, com as suas escoltas de apoio de carros blindados e com os veículos de reabastecimentos e reparações, marchando próximos, prontos a serem imediatamente utilizados.

Eles se aproximavam, combatiam, se afastavam e entravam no "laager" para passar a noite, muitas vezes à vista um do outro. Qualquer vantagem oferecida pelas dobras do terreno, nuvens de poeiras, cortinas de fumaça e o levantar e o pôr do sol, era aproveitada.

Os tanques britânicos mais leves, combatendo muitas vezes em movimento, experimentavam se aproximar a curta distância, enquanto os veículos do Eixo, mais pesados, recuavam lentamente ou manobravam para um flanco, afim de manter as distâncias, que ofereciam vantagens aos seus canhões de maior alcance.

O número de inimigos mortos e feridos na primeira parte da campanha, foi dado por Mr. Churchill, como sendo 24.500, inclusive os feridos da infantaria, na luta ao redor de Bardia e Passo da Alfáia.



O número de prisioneiros atingiu a 36.000, enquanto, as perdas britânicas eram computadas em 18.000. Mas a campanha não estava terminada.

#### A PERDA DE TANQUES PRECEDE A RETIRADA PARA EL-ALAMEIN :

Os britânicos, preparando-se para um avanço ulterior na direção de Trípoli, tinham estabelecido grandes depósitos avançados em pontos a S. E. de Bengasi. Antes, porém, dos britânicos poderem preparar uma defesa adequada nessa região, Romell, que tinha sido reforçado, tanto em homens como em tanques, atacou novamente, em março de 1942.

Ele empregou o grosso da sua força blindada em um largo movimento de varredura, em torno do flanco inimigo do deserto e depois contorná-lo, girou para o N. por detraz do campo de minas britânico.

O seu objetivo era passar através das linhas de comunicações, desorganizar as áreas da retaguarda e possivelmente tomar Tobruk. Mais uma vez a luta tornou-se furiosa e dispendiosa, mas agora o caso era menos de ataque contra tanque do que contra infantaria e artilharia.

A princípio pareceu que a força blindada de Romell seria colocada contra a retaguarda do campo minado britânico e destruída. Mas depois de, aproximadamente, 3 semanas de luta, foi a força blindada britânica a derrotada. O VIII Exército viu-se forçado a retirar-se e Tobruk foi capturado.

E' impossível dizer exatamente quantos tanques britânicos foram destruídos, mas foi declarado na Câmara dos Comuns, a 8 de Setembro de 1942, que o VIII Exército perdera 200 tanques, entre 12 a 18 de Junho.

Nenhum exército tinha conseguido ainda permanecer no deserto, uma vez destruída sua força blindada. Nesse caso a infantaria tinha que se retirar e quanto mais depressa melhor.

Isso explica a derrota e a retirada de qualquer exército no deserto, seja o Italiano, o Germânico ou o Britânico.

Não há posição defensiva no deserto Ocidental, com apenas uma exceção a esta regra — a linha de El-Alamein, porque a



sua extremidade N. está fortemente apoiada no mar e a extremidade S. nas areias movediças e no terreno entrecortado, da Depressão de Quatara.

Foi para essa linha que o VIII Exército Inglês com suas forças enfraquecidas, retirou-se de El-Gazala, quando seus tanques foram destruídos. Esta operação pode ser considerada o fim da 2.<sup>a</sup> fase, quando os tanques combateram, principalmente, contra tanques.

### TERCEIRA FASE — CANHÕES ANTI-TANQUES PONTAS DE LANÇA DO ATAQUE — EXPLORAÇÃO PELAS UNIDADES BLINDADAS :

— Agosto de 1942 a Abril de 1943 —

Quando a 3.<sup>a</sup> e última fase da luta começou, em Agosto de 1942, o Exército Britânico tinha sido reequipado e, em grande escala, rearmado. O tanque "Sherman", com o seu canhão de 75mm. competia agora em alcance e couraça com o melhor tanque que Romell poderia por em ação, enquanto o canhão britânico anti-tanque de 6 libras, nas mãos da infantaria e também montado nos novos tanques "Cruzadores", tinha chegado a frente em grande número.

Os tanques já não mais se achavam garantidos quando experimentavam cair sobre a infantaria intacta. As batalhas sob esse ponto de vista progressivo, mostram a infantaria como a ponta de lança do ataque, com os blindados, conservados como cavalaria, na retaguarda, esperando a exploração do êxito.

Os fatores que, principalmente, concorreram para essa transformação foram o emprego de bons canhões anti-tanques pela infantaria, o aumento de emprego das minas terrestres e o poder e precisão da artilharia de campanha.

Romell não parece ter se apercebido dessa mudança de condições, quando atacou a posição de El-Alamein, com seus blindados, em Agosto de 1942. Ele penetrou em uma concentração pesada de canhões anti-tanques e de fogo de artilharia de campanha e depois de ser bombardeado consecutivamente, durante



três dias, desengajou-se e retirou-se novamente para traz dos seus campos de minas.

Nesta ação os nazistas nada apresentaram de novo, quer em equipamento quem em tática. Coube ao VIII Exército Britânico, sob o Comando do seu novo Chefe, General Montgomery, mostrar como os novos métodos, tinham sido desenvolvidos, poderiam romper o impasse que aparentemente tinha se estabelecido em El-Alamein.

Artilharia, engenharia e infantaria combatiam agora através dos campos de minas inimigos, que eram muitos extensos e de extrema complexidade. Romell sabia o que estava para acontecer e esperava que Montgomery atacasse seu centro, que era a parte mais fraca da sua linha.

Assim dividiu sua força blindada e colocou-a atrás de ambos os seus flancos N. e S., afim de que, quando a ponta de lança blindada britânica penetrasse suas posições, experimentar esmagá-la por meio de ataques convergentes.

Esta decisão, ficou demonstrado, ser o seu mais caro erro, porque Montgomery em lugar de atacar a parte mais fraca da linha, lançou sua infantaria contra o flanco N., que era o mais forte. Depois de aberta uma brecha, a força blindada, como uma torrente canalizou-se através dessa abertura e foi ao encontro das divisões panzers do Eixo, que foram quase aniquiladas em uma grande batalha de tanques em El-Aqqair, a 2 de Novembro, quando foram destruídos cerca de 260 tanques germânicos e italianos.

Se não tivesse ocorrido uma mudança de tempo brusca, é possível que nem um só tanque nazista tivesse escapado. A perseguição foi exercida sem trégua, enquanto as forças aéreas bombardeavam sem cessar as colunas inimigas em retirada.

A chuva, entretanto, tornou parte do deserto intransponível e as retaguardas nazistas semearam profusamente minas ao longo das estradas de retirada. As dificuldades do terreno impediram os britânicos de perseguirem os germânicos ao longo de linhas paralelas à sua retirada.

Romell, ponde, contudo escapar ao cerco, durante o longo percurso de 1.700 milhas, de El-Alamein, ao N. da Tunísia.



Mas onde quer que ele parasse, por algum tempo, as forças blindadas britânicas podiam sempre contornar o seu flanco do deserto e forçá-lo a continuar sua retirada "de acordo com os planos". Finalmente com as costas para o mar, a rendição eventual tornou-se inevitável.

### O REAL CORPO BLINDADO

A evolução da tática de tanques, da força bruta à manobra judiciosa e à técnica do conhoneio, são interessantes: o Real Corpo Blindado Britânico, combinou os velhos regimentos de cavalaria, agora mecanizados com o Regimento Real de Tanques.

A estes deve-se acrescentar os regimentos de cavalaria territorial ou Yeomanry, que também tinham sido mecanizados (alguns como artilharia movel) e agora formam uma parte do Corpo Real Blindado.

O Corpo Real Blindado está organizado baseado na cavalaria, em pelotões, esquadrões e regimentos.

Vários tipos de tanques, carros blindados e porta-canhões Bren, são incluídos em cada Regimento.

Uma parte essencial da instrução é feita com pequenas colunas altamente moveis, as quais além dos tanques, possuem artilharia, engenharia, canhões anti-aéreos e anti-tanques e infantaria motorizada.

Essas colunas dispõem de apoio aéreo próprio.

Quando operam independentes, essas pequenas forças combinadas são sempre comandadas pelo mais antigo oficial das unidades blindadas, mesmo quando outros oficiais de infantaria, artilharia ou engenharia são mais graduados.

O deserto aberto gerou sua guerra de tanques própria.

Resta saber até onde a estratégia e a tática surgidas na Líbia, serão aplicadas no terreno mais complexo da Europa.

## Biblioteca de "A Defesa Nacional"

### Livros à venda :

Caderneta do Capitão de Infantaria . . . . .	Cr\$ 13,00
Cinalização a Braço e Ótica — Cel. Lima Figueiredo . . .	Cr\$ 3,00
Coletânea de Leis e Decs., 1544-1938 — Maj. Bento Lisbôa	Cr\$ 13,00
Combate e Serviço em Campanha — Cel. Araripe . . . . .	Cr\$ 13,00
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klinger . . . . .	Cr\$ 13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da S. Filho	Cr\$ 27,00
Curso de Topografia Militar — Cap. Olívio Gondin de Uzeda	Cr\$ 27,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga . . . . .	Cr\$ 7,50
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horácio Garcia . . . . .	Cr\$ 13,06
Escola de Pelotão — Cel. Araripe . . . . .	Cr\$ 13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha . . . . .	Cr\$ 13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos . . . . .	Cr\$ 3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assumpção . . . . .	Cr\$ 11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos . .	Cr\$ 3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Ayres de Miranda . . . . .	Cr\$ 10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota . . .	Cr\$ 8,00



# A Artilharia Divisionária na defensiva

Pelo Ten. Cel. T. E. BINFORD,  
Instrutor da Escola de Comando e Estado  
Maior do Exército Americano.

("Military Review" de Julho de 1943)

Trad. do Ten. Cel. ARMANDO VASCCNCELOS

De modo geral, a missão da artilharia de campanha na defensiva consiste de *impedir* ao inimigo de conduzir um ataque coordenado (dissociá-lo), *auxiliar a quebrar* um ataque que tenha sido lançado (detê-lo) e apoiar os contra-ataques.

Para facilidade de exposição vamos considerar a defesa instalada em uma única posição.

## I — Escolha de posições :

Em princípio, devem permitir o máximo emprego da características e flexibilidade do fogo. As posições são normalmente procuradas de tal forma que as baterias fiquem escalonadas em profundidade dentro da área ocupada pelo Batalhão recuado do Regimento de Infantaria de reserva. Este escalonamento se faz reclamado ainda por outras razões. Algumas das baterias do regimento em condições de poder executar um fogo profundo no terreno inimigo. Todas as baterias devem estar aptas a realizar um apoio cerrado da linha principal de resistência, e, além disso, a maior parte dela deve poder apoiar o regimento de reserva. Analogamente, caso o inimigo logre penetrar a posição, o escalonamento em profundidade das baterias deverá permitir o deslocamento das baterias da frente para



posições na retaguarda, enquanto que os restantes continuarão a prestar o apoio às unidades de infantaria.

Por outro lado, se o escalonamento for de grupos (batalhões), o deslocamento para a retaguarda de todo o grupo privaria a unidade de infantaria do necessário apoio enquanto durasse o deslocamento salvo se outro grupo o tomasse a sua conta nessa fase. Isto exigiria dos observadores avançados e dos oficiais de ligação o trabalho junto a diferentes batalhões o que seria causa de possíveis fontes de confusão.

## II — *Natureza (classificação) dos fogos :*

Fundamentalmente, há duas espécies de fogos de artilharia : a concentração e a barragem. A barragem é atualmente uma modalidade da concentração conforme será mostrado mais adiante nesta exposição.

Uma concentração é o volume de tiros realizados numa área dentro de determinado limite de tempo. Quase todos os fogos de artilharia são concentrações. As exceções são os tiros de regulação e os tiros de destruição. O fogo concentrado de um grupo leve (batalhão) deverá cobrir em média uma área de 150 jardas (137 m. mais ou menos) de largura e 200 (182 m.) jardas de comprimento. Analogamente um grupo (batalhão) médio ou pesado deverá cobrir aproximadamente 250x400 jardas (228,5 m. x 364 m.). As concentrações podem também fazer-se por baterias mas é preferível empregar grupos (batalhões) porque o mesmo volume de tiros lançados sobre uma determinada área será conseguido em muito menor tempo pelo grupo (batalhão). Além do mais, a surpresa obtida é maior.

Uma barragem é uma concentração feita sobre uma área restrita das linhas de frente que não pode ser eficientemente coberta pelas armas das tropas apoiadas.

As barragens são realizadas por baterias com alça (elevação) única para cada bateria. Em outras palavras, a barragem é feita sobre uma linha e sua profundidade é limitada à dispersão. A grandeza desta dispersão depende diretamente do valor do desvio provável que, por sua vez, varia com o alcance.



As barragens são classificadas em *normal* e de *emergência*. Uma bateria só poderá realizar uma barragem normal ao passo que poderá executar um certo número de barragens de emergência. A barragem normal de uma bateria de artilharia de campanha corresponde a última linha protetora das metralhadoras. A barragem de emergência é designada para socorrer uma unidade vizinha.

A localização das barragens normais das 3 baterias de um grupo (batalhão) são decididas mediante entendimentos entre os comandantes da Infantaria e do grupo.

Quer queiram quer não, os fogos da artilharia devem ser organizados em um plano previamente estabelecido em que os fogos são classificados em previstos e não previstos. Este plano é concluído por meio de entendimentos entre os comandantes da Infantaria apoiada e o do grupo de Artilharia de apoio.

As barragens são sempre previstas e as concentrações são preparadas em qualquer momento desde que se façam reclamações. Alguns tiros podem ser previstos tanto na sua localização como no momento de desencadearem-se, ao passo que outros o devem ser apenas quanto a sua localização. Estes últimos tiros pois devem ser desencadeados a pedido.

A despeito do plano previsto, haverá muitos tiros a serem executados que não haviam sido preparados. Estes tiros serão dirigidos contra objetivos eventuais e de oportunidade que serão assinalados pelos observadores avançados, pelos observadores terrestres, aéreos ou pelas unidades apoiadas em linha, mormente por meio dos oficiais de ligação. Posto que este gênero de tiro (a vista dos nossos regulamentos) se baseia no conhecimento oportuno dos objetivos hostis, devem normalmente preceder as concentrações preparadas, as quais, na melhor hipótese, foram apenas bem previstas.

O processo pelo qual o tiro é amarrado aos objetivos de oportunidade (fugazes) será de grande interesse para muitos oficiais, e de tal modo que, conhecida a casual ocorrência verificada pelos observadores avançados, o tiro possa cair sobre os objetivos descobertos levando em conta o tempo necessário para o seu trajeto da boca da arma ao ponto de chegada.



O método empregado é o seguinte : o observador avançado terá consigo uma carta ou esboço indicando entre outras cousas a localização dos pontos de referência, um ponto básico e algumas concentrações numeradas, das quais algumas podem ser acompanhadas de sua localização; tudo isto é necessário para poder-se estimar as distâncias em jardas (0m,914) de tal modo que o objetivo correspondente a uma dessas concentrações numeradas esteja amarrado aos pontos de referência ou ao ponto base e proporcione, além dos meios de comunicação, aos observadores avançados a facilidade de transmitir uma informação como esta : "Deveis ajustar. A concentração número tal está a 500 m. a direita 1.000 m. além da metralhadora"; quando os tiros começam a cair devem poder estimar em jardas (0m,914) o desvio em direção e alcance do centro da salva em relação ao objetivo e transmitir esses desvios. Desta forma, o tiro será comumente conduzido ao objetivo num surpreendente lapso de tempo.

### III — *Conduta da defesa:*

O apoio de um posto avançado é proporcionado pela artilharia na batalha de posição quando a linha de postos avançados está ligada à linha principal de resistência. Quando porém a linha de postos avançados está situada além da distância de apoio da artilharia na batalha de posição, então uma parte da artilharia é atribuída aos postos avançados.

Quando a missão dos postos avançados for cumprida, a artilharia que lhe foi atribuída retira-se para posições previamente preparadas à retaguarda da linha regimental de reservas. Reverterá naturalmente ao controle da divisão quando ultrapassar a linha principal de resistência. As forças de cobertura operarão normalmente além da distância de apoio da artilharia na batalha de posições. É geralmente proveitoso atribuir a tais unidades tanto a artilharia leve como a média. Durante a ação das forças de cobertura e dos postos avançados a artilharia se esforça para burlar a observação do inimigo sobre as disposições defensivas e por forçá-lo a desdobrar-se prematuramente e sobre linhas desfavoráveis.



Caso o inimigo continue a avançar, deverá ser tomado sob o fogo das concentrações preparadas e dos tiros a vista (objetivos de oportunidade). A seu tempo a contrapreparação será desencadeada.

A contrapreparação é uma série de concentrações preparadas e desencadeadas justamente na iminência do ataque inimigo. Ela é organizada para quebrar e desorganizar a ameaça do ataque antes que ele seja lançado. As contrapreparações são planejadas para se oporem a cada provável plano de ação do inimigo. Elas são classificadas em *gerais e locais*.

Uma contrapreparação geral é prerada para enfrentar um ataque geral e nela participa toda a artilharia suscetível de atirar sobre a frente ameaçada.

A contrapreparação local engloba somente a parte da frente ameaçada por um ataque local e normalmente só a artilharia divisionária é empregada.

Devemos esperar que o inimigo empregue os vários meios possíveis para provocar o desencadeamento de nossa contrapreparação, antes disso correríamos o risco de denunciar nossas posições de artilharia e lhe indicariamos quais as áreas a evitar em seu ataque. Por conseguinte, a ordem de desencadear a contrapreparação constitui uma decisão muito importante a ser tomada pelo Comando. Se o inimigo logra sucesso ao partir para o ataque, a artilharia desencadeia um fogo concentrado contra seu principal ataque. Submete-o ao fogo por concentrações sobre os escalões de ataque e as reservas (2.º escalão). Os objetivos fugazes (de oportunidade) são também atacados e com especial atenção contra qualquer elemento mecanizado inimigo.

Assim que o inimigo se aproxima da linha principal da resistência as barragens normais são desencadeadas a iniciativa ou a pedido da infantaria apoiada. Se o ataque penetrar na posição, as concentrações serão desencadeadas para desorganizar os ataques do inimigo e deter sua progressão.

A artilharia de apoio dos contra-ataques é similar a artilharia de apoio de qualquer outra ação ofensiva. Cada plano de contra-ataque inclui uma artilharia de apoio corresponden-



te cujo plano de emprego é formulado em consequência de entendimentos entre os comandantes interessados. Se o tempo disponível não permitir a preparação completa do plano, o apoio mínimo da artilharia será atribuído a unidade de contra-ataque e o máximo será previsto num plano pela generalidade da artilharia de apoio.

Na defensiva, os fogos de artilharia são preparados ao máximo e são coordenados simultaneamente em largura e profundidade, para todo o setor. É essencial que a artilharia seja submetida a um controle centralizado, tal que o fogo possa ser concentrado nas regiões e nos momentos críticos. A coordenação lateral é obtida pela designação das zonas de ação de cada grupo. A zona de ação engloba todas as regiões sobre que cada grupo pode ser chamado a intervir e pode ser dividida em *zona de ação normal* e *zona ou zonas de ação eventuais*.

A zona de ação normal da artilharia de apoio direto coincide lateralmente com a zona de ação da unidade apoiada enquanto que a artilharia de apoio conjunto coincide lateralmente com o setor da divisão.

#### IV — *Sigilo* :

Um grande esforço deve ser feito para evitar que nossas posições de tiro sejam localizadas pelo inimigo. Se forem localizadas, certamente nossas baterias não poderão permanecer em ação por muito tempo. Devem-se, nesse sentido, empregar amplamente o disfarce e as coberturas naturais, os quais para serem efetivos precisam ser inspecionados frequentemente pela observação aérea.

Durante as fases calmas da defesa em que se desenvolve a ação dos postos avançados, as baterias atiram de posições diferentes (provisórias ou avançadas) daquelas que terão que ocupar (definitivas) por ocasião da batalha de posições. Analogamente, durante essas fases, peças e baterias nomades podem ser empregadas especialmente para desorientar o inimigo tanto sobre a importância como sobre o dispositivo de nossa artilharia.



*Um*  
**POSTO AVANÇADO**  
em cada cidade ou vila



**N**ÃO obstante todas as  
dificuldades causadas

pela guerra, a Anglo-Mexican mantém as suas filiais e agencias para a venda dos produtos SHELL de Norte ao Sul do país, cooperando e tudo fazendo no sentido de bem servir ao Governo e as industrias nacionais.

## **ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.**

PRACA 15 DE NOVEMBRO, 10 - RIO DE JANEIRO - RUA DR. FALCÃO FILHO, 56-B\* - SÃO PAULO

Posições fantasmas são também preparadas nesse sentido. Desde que possível, a regulação será executada por peça, por bateria ou grupo atuando de uma posição que não será ocupada (provisória) durante a batalha. As posições definitivas serão ocupadas pela artilharia o mais tarde possível e ao abrigo da noite se for praticavel.

Em conclusão, podemos admitir que o atacante será correntemente superior em artilharia e outros meios de modo que somente com o emprego mais eficiente possível dos meios disponíveis poderemos esperar detê-lo. O oficial da artilharia divisionária e seu estado maior deverão ser consultados devendo apresentar proposições ou sugestões relativas ao emprego da artilharia divisionária.

Parece assim que não há muita cousa de novo e que justifique o terror de que tudo haja mudado quanto ao método de raciocinar os problemas táticos especialmente os da Artilharia. Em outra oportunidade voltaremos ao assunto, sempre estimulados pela generosa acolhida dos camaradas estudiosos.



BIBLIOTECA DE "A DEFESA NACIONAL"

LIVROS À VENDA

	CR\$
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klingler . . . . .	13,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga . . . . .	7,50
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horacio Garcia	13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha . . . . .	13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos . . . . .	3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assumpção . . . . .	11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos . . . .	3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Aires de Miranda . . . . .	10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota . . . .	8,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolívar Teixeira . . . . .	17,00
Exercício de Combate de Campanha — Major Alcebiades Tamcio . . . . .	18,00
Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles . . . . .	5,00
Formulário Processual — Major Niso Viana Montezuma . .	7,00
Guia para Instrução Militar — Major Rui Santiago . . . . .	17,00
Guerra da Secessão — Ten.-Cel. Artur Carnaúba . . . . .	5,00
História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gen. Tasso Fragoso . . . . .	100,00
História do Duque de Caxias (ilustrada) — Cap. Frederico Trota . . . . .	5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	13,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga . .	2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos . . . . .	13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva . . . . .	5,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. F. Josette N. Dias . . . . .	13,00
A Concepção da Vitória entre os Grandes Generais — Cap. F. Mindelo . . . . .	21,00
3 Anos de Ortografia Simplificada — Gen. B. Klingler . . . .	16,00
Idem, para os assinantes . . . . .	12,00
Dispersão do Tiro — Cel. Arnaldo Morgado da Hora . . . .	12,00
Regt. de Educação Física, 1.ª Parte, n.º 7 . . . . .	25,00
Estratégia do Terror — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	15,00
Exterior e julgamento dos Equideos — Walter Jardim . . . .	30,00
A Compreensão da Guerra — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	30,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes . . . . .	16,00
Instruções de Transmissões — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . .	16,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet . . . . .	21,00
Pedagogia de Educação Física — J. B. Aquino . . . . .	16,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	3,00
Instrução na Cavalaria — Major João de Deus Mena Barreto	11,00
Instrução na Cavalaria — Major José Horacio Garcia . . . .	5,00
Instrução de Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves . . . . .	9,00



# PSICOLOGIA PARA O HOMEM COMBATENTE

O presente artigo é uma tradução e condensação de um trabalho publicado no Infantry Journal, May 1943.

É uma afirmação do que prescrevem os nossos regulamentos sôbre a instrução. O nosso R. I. Q. T. deve ser lido e meditado pelos tenentes que na tropa recebem a missão de preparar homens para a guerra.

NILTON FREIXINHO

1.º Ten.

## I — A instrução faz o soldado.

Quando os homens ingressam no Exército, é-lhes explicada a importância de se abrigar contra o fogo inimigo, no campo de batalha. Este assunto é ensinado nos livros, nas leituras, nos filmes instrutivos, nas demonstrações e exibições. Quando o soldado chega ao campo de batalha, êle já aprendeu que deve "se abrigar em abrigo individual" sempre que parar por mais do que alguns minutos.

Isto é um processo de instrução. De um modo geral é o processo mais usado. Com o conhecimento de como as coisas devem ser feitas e porque elas são importantes, um soldado está preparado para atuar em diferentes situações — e não há nada que produza tantas situações diferentes como o combate. Mas este processo de instrução, infelizmente, nem sempre dá resultados, em ação.

Um soldado pode saber perfeitamente que deve cavar uma trincheira. Pode ter aprendido por meio de demonstrações, exatamente como fazer ao cavar uma trincheira. Ainda assim, quando os aviões inimigos mergulharem sobre sua cabeça, pode, no seu nervosismo, esquecer o que aprendeu nos campos de instrução. Em tais situações, deve, de preferência, agir pelo reflexo mais do que pelo raciocínio.

**A formação do hábito é o período mais avançado da instrução.** Esta formação depende da prática, da experiência e da repetição.

Nenhuma ação se torna automática pelo ensinamento por meio da palavra. Mas, pela repetição, o manejo de uma metralhadora ou de um fuzil ficará reduzido ao hábito, tanto que, torna-se quasi ou inteiramente mecânico. E' como andar. Você não precisa pensar se coloca seu pé esquerdo na frente depois de plantar o pé direito. Isto é porque você já andou muito. Você não conseguiria aprender a andar, ouvindo leituras que ensinassem como andar.

Se durante as manobras, um soldado pratica abrigar-se instantaneamente sempre que vê ou ouve sinal de um ataque aéreo ou um avião que se aproxima — se êle sempre se lança ao solo quando ouve os primeiros assobios de uma granada ou a canção dos projetis em seus ouvidos — estas ações cêdo tornar-se-ão uma segunda natureza. Os sinais particulares de advertência e sons provocam sempre reações imediatas.

**Numa situação real o soldado não pode parar para pensar o que deve fazer. Age de acôrdo com reflexos adquiridos.** Esta sorte de instrução — de pouca importância no ginasio ou na universidade — é básica no Exercito.

Eis porque o exercício no campo é tão importante. Eis porque a disciplina é tão essencial.

No jogo da guerra o soldado fica subordinado a todas as cenas e rumores da batalha. No treinamento primário pode ser possível figurar o barulho real das granadas que explodem, o som enlouquecedor dos aviões de mergulho e as



explosões das bombas por meio de discos reproduzidos pelos altos-falantes.

Na instrução avançada deve ser ensinado ao soldado como deitar-se de encontro ao solo enquanto que projetis reais arrebentam a poucos metros de distância suficiente que faça a areia levantada, cair sobre nua nuca.

Então verá que está seguro enquanto permanecer deitado, mas si se levantasse e corresse, estaria nas garras da morte.

Este é um bom treinamento para a guerra. Um projétil real sôbre o soldado em exercício forma reflexos mais rápidos do que a leitura sôbre os efeitos dos projetis e os processos de livrar-se desses efeitos.

Tais hábitos tornam um soldado capaz de agir quando não houver tempo para pensar.

Garantem que sempre procederá correta e mecânica-mente todas as vezes que seu raciocínio estiver confuso e pensar fôr quasi que impossível.

Mas o conhecimento da ciência da guerra e a prática em resolver os problemas militares sempre novos, são também importantes porque eles tornam o soldado capaz de agir com sensatez em milhares de situações inesperadas, que surgem no decorrer da batalha.

O hábito é mais seguro do que o pensamento para a estandardização de atos, mas, isto nunca auxiliaria a resolver novos problemas.

Exercícios para o combate transformam o recruta numa eficiente máquina combatente. A instrução pode converter um grupo de civís, numa unidade organizada com poder mortífero.

Exercícios, prática de instrução de combate, e disciplina combinados com a experiência da guerra, são elementos que transformam as tropas combatentes da América em tropas de elite.

Nós nos defrontamos com inimigos que são soldados profissionais que empregaram anos — talvez toda uma geração — preparando seus ataques sôbre nós.



O Exército da América é, na maior parte, um exército de civis, constituído por homens que nunca pensaram nas coisas da guerra até o momento que foram ameaçados por ela.

O treinamento do Exército dos Estados Unidos deve ser atualmente intensificado tendo em vista que os homens que vem para suas fileiras são completamente bisonhos e indisciplinados.

E nós necessitamos de velocidade. As democracias sempre devem andar depressa no último momento. O inimigo já está nos defrontando, já treinado, e não ha muito tempo a perder.

**Nós devemos avançar sempre que possível, pelo caminho mais curto que nos leve à criação de tropas selecionadas, tropas armadas com a adequada instrução.**

O primeiro passo é uma compreensão clara sôbre importância da instrução para a guerra.

A coisa mais importante a ensinar aos homens é o entusiasmo pela guerra.

Homens que marcham para um exercício, de má vontade, sem entusiasmo e sem interesse, nunca serão, no campo de batalha soldados eficientes.

Mas felizmente para os instrutores do exército existe uma poderosa razão, criada pela própria situação.

Não ha necessidade de criar falsas razões para obrigar o recruta a se interessar pela instrução.

Logo que o recruta comece a se dedicar inteiramente a parte que lhe cabe, quererá descer aos detalhes da missão que lhe foi atribuida.

Os livros então são úteis para êle, porque lhe dizem como o inimigo luta, que natureza de instrução necessitará quando chegar o momento de lançar-se sôbre o adversário, que condições de vida e de luta deve se acostumar para vencer. Seus chefes poderão auxiliá-lo fornecendo todas essas informações, deste modo não somente preparando-o melhor para a luta como tambem levantando seu moral.

E isto é importantíssimo.



para deslocar sua atenção do trabalho, para suas próprias preocupações.

A melhor espécie de recompensa por ser a mais eficiente para a instrução é a satisfação que um homem sente, quando reconhece que realizou um trabalho correto. Isto é evidente.

O castigo mais eficaz é aquele que resulta do desgosto que advem quando o soldado percebe que fracassou.

**Para melhores resultados, o soldado deve saber imediatamente após cada tiro sobre um alvo, após cada tentativa de execução, o seu resultado. Acertou ou Errou?**

Foi seu tiro muito afastado da "mosca", ou muito próximo da "mosca" ou acertou bem no centro da "mosca"?

Conhecendo o resultado de seu esforço em tempo oportuno e não em termos aritméticos de um boletim que lhe dará estes mesmos resultados em percentagens alguns dias mais tarde — o soldado une o prazer de executar um trabalho com perfeição a todos os atos necessários que tornam o sucesso possível. Isto torna o homem apto a discernir o certo e corrigir-se quando seu trabalho é defeituoso.

## CRIAÇÃO DE HABITOS — ATOS REFLEXOS

Só é eficiente a instrução capaz de formar hábitos duradouros.

Se um soldado nunca ouviu a explosão de uma bomba e a primeira bomba explode perto dele, seu reflexo pode ser formado instantaneamente. Sem pensar, lança-se ao solo caso uma segunda bomba se aproxime e para todas as demais.

Toda uma série de ações automáticas pode ser provocada por um meio semelhante, assim é que uma simples ordem é seguida por uma série de ações sempre realizadas na **mesma ordem e do mesmo modo**. Não é necessário para um soldado treinado raciocinar sobre cada um desses atos, eles seguem sucessiva e naturalmente uma vez que todo o conjunto está em movimento, como os movimentos que advem



De fato, possuir forte moral significa estar apto mentalmente para os revezes da luta.

O segundo requisito necessário para uma aprendizagem rápida é a atenção que deve existir no instruendo.

O frequente comando militar "atenção!" "sentido!" demonstra que mesmo a atitude física, é responsável pelo modo que um homem assimila a instrução ou os comandos.

Deve haver atenção mental e muscular.

Sentado numa cadeira ou permanecendo na ociosidade, o homem é também levado a relaxar o raciocínio e o espírito. E relaxamento físico e mental é ambiente propício à instrução negativa.

Permanecendo com atenção ou sentando numa posição alerta, o raciocínio é levado também para um estado de atenção.

A recompensa e a punição constituem poderosos recursos na mão do instrutor, para explorar e estimular a capacidade produtiva do instruendo.

Justamente como um cavalo aprende o modo de conseguir ganhar tabletes de açúcar ou um cão aprende a manter-se fóra do sofá da sala de estar para evitar as chicotadas, assim também a atitude de qualquer humano é determinada pelas consequências de suas ações.

Promoções e elogios são recompensas. Trabalhos na cozinha e xadrez são punições.

As recompensas e as punições não devem ser entretanto extremas, para ser eficientes.

O próprio sucesso é uma recompensa para o soldado. Nem é necessário o elogio de seu comandante. Basta apenas, para recompensar e estimular o instruendo, que seu instrutor demonstre aprovação ao trabalho que com tanto esforço realizou.

Em geral, a recompensa é mais eficiente para a instrução do que a punição.

A punição provoca ressentimentos e contribue para fazer do soldado um revoltado. As recompensas mantem sua atenção no serviço e na instrução. As punições contribuem



do comando de "apresentar armas". Para aprender uma ação mecânica ou manual como seja descarregar o carro-munição ou atirar com um fuzil é necessário realizar um grande número de vezes o mesmo movimento para se obter o automatismo das ações. **Para a eficiência da instrução desta natureza a mesma palavra de comando ou outro sinal devem ser sempre usados para provocar a mesma série de ações.** Quando o motorista torna-se acostumado aos sinais luminosos do tráfego ao perceber a luz vermelha imediatamente sem pensar leva seu pé ao freio. Isto porque a luz vermelha sempre significa "Pare". Si o sistema fôr repentinamente mudado como uma sirene ou campainha utilizados como sinal de parada, ou se a luz vermelha significar não parada, mas sim "Devagar" o motorista ficará por certo tempo bem confuso.

Eis porque o Exército tem acertado ao reduzir a instrução teórica nos últimos anos. Sob a luz dos conhecimentos modernos e em vista das condições da guerra a instrução teórica entre em conflito com os métodos que devem ser utilizados na batalha. **Instrução ficiente é aquela capaz de criar no soldado atos reflexos provocados pela mesma causa.** O soldado não pode aprender que para agir deve pensar longamente. Na batalha, sob as mais terríveis condições, nunca o soldado poderia agir com seu fuzil se tivesse que pensar em cada disparo de sua arma, nos processos de pontaria.

Na instrução diária, o soldado adquire o hábito de agir ombro a ombro com outros homens. Ele tem confiança quando está reunido a um grupo, quando está fazendo a mesma coisa que os outros homens fazem. Para o combate tal espécie de hábito seria um crime. Pois então, terão que agir isoladamente por si próprios ou no muito em grupos de dois ou três. Durante o combate terão que se conservar distanciados uns dos outros para que possam empregar sua técnica eficientemente e evitar a formação de alvos para as bombas, granadas e projetis inimigos. Isto significa que na instrução avançada os homens devem adquirir novos hábitos que entrarão em conflito com alguns que já possuem.



O que não é muito desagradavel. A regra básica de toda instrução é a seguinte: **executar certo desde o começo**. Porque si você forma hábitos errados, deverá esquecê-los para que possa aprender o que é certo.

Ao soldado só é util ensinar, aquilo que no combate, possa ser aplicado.

## II — Como acelerar a instrução.

Afim de acelerar a instrução é necessário seguir as regras abaixo:

1. **FAÇA AS COISAS CERTAS DESDE O PRINCÍPIO** — qualquer erro inicial na aprendizagem de um trabalho significa uma falsa partida. Pois que mais tarde ainda que você queira aprender o certo deverá primeiramente livrar-se do processo errado que adquiriu. Isto é difficil. Tirar defeitos no modo de agir de um soldado é tarefa mais difficil que ensinar coisa nova, ao recruta bisonho. Preste particular atenção ao melhor modo de sentar ou de ficar em pé, ou de segurar suas armas, etc. . Uma vez estas coisas aprendidas corretamente, você nunca terá que pensar nelas outra vez. Passam a ser, uma segunda natureza. Mudar um hábito errado, adquirido, é tarefa penosissima para o instruendo. **Execute como deve ser, desde o começo.**

2. **MANTENHA-SE EM CONSTANTE AUTQ. VERIFICAÇÃO** — para que conheça imediatamente se está executando seu trabalho corretamente ou se está cometendo algum erro. Seja seu próprio inspetor. Cuidado para não adquirir hábitos errados.

Não se contente por saber que 60% ou 90% de seu trabalho é satisfatório. Verifique, quando estiver numa linha de tiro, cada impacto. Um instrução de tiro no estande é proveitosa, quando o atirador acompanha com interesse o resultado de cada tiro que executa, para que o último tiro seja a resultante de todos os ensinamentos adquiridos com os primeiros.



O instruoendo deve pois se esmerar para que o resultado de seu trabalho seja sempre melhor que o anterior. **Acompanhe, pois, o seu próprio desenvolvimento na instrução.** Procure sempre a perfeição, para que no combate seja um soldado 100% eficiente.

**3. NÃO EXECUTE MOVIMENTOS DESNECESSARIOS.** Se ao pegar sua ferramenta sempre dá um giro no ar com sua mão, queira ou não, estes movimentos inuteis tornar-se-ão um hábito tambem. E às vezes, estes movimentos inuteis são mais fatigantes, do que os movimentos necessários ao trabalho propriamente dito.

**4. EXECUTE AS OPERAÇÕES SEMPRE NA MESMA ORDEM E DO MESMO MODO.** Esta é a regra mais importante.

Não é sempre applicavel naturalmente, mas quando fôr possivel observá-la, ela alterará grandemente o desenvolvimento do trabalho e contribuirá para facilidade de sua execução. Somente a repetição pode criar hábitos duradouros. Mas é necessário que êstes movimentos passem ao subconciente guardando entre si uma relação constante no tempo no espaço. Tornamos a repetir que instrução para homem que se destina ao combate deve ser de tal natureza, que quando estiver lutando, atue o máximo possivel por reflexos adquiridos no campo de instrução.

O instrutor não deve permitir que seus homens troquem a sequência das operações ensinadas pelos regulamentos.

**5. EVITE FASES DESNECESSARIAS NA SEQUÊNCIA DE SUA INSTRUÇÃO.** Para aprender rádio-telegrafia, por exemplo, pelo antigo método consistia mais ou menos no seguinte:

Primeiramente o estudante aprendia as letras. Em Morse, **V** era **ponto ponto ponto traço**. Depois ele aprendia a pensar que quando ouvia o som em seus fones cantando **DIDIDI-TA** significava **ponto ponto ponto traço** e que este significava **V**. Dizia estas coisas a si próprio todas as vezes que percebia êste sinal. A fase seguinte no encadeamento da instrução era aprender a escrever o **V** quando ouvia o **didi-**



**dita**, e pensar que isto significava **ponto ponto ponto traço**, e então que **ponto ponto ponto traço** significava **V**. Ele podia aprender a escrever **V** a mão e mais tarde tinha que aprender a datilografá-lo.

Todas estas fases intermediárias são muito difíceis de saltá-las mais tarde, diminuindo assim a capacidade de recepção do operador.

Na instrução evoluida que o Exército adota hoje em dia, os homens aprendem a datilografar o **V** todas as vezes que ouvem o som **dididita**, e não se incomodam com as outras fases da instrução. Cêdo torna-se uma responsabilidade automática, uma segunda natureza.

Isto foi provado perfeitamente possível no Oriente Médio durante esta guerra, quando se ensinou aos nativos que ainda não pôdem escrever ou lêr nenhuma lingua, a receber e datilografar as mensagens rádio-telegráficas, com perfeição.

Outro caso semelhante é o da adição.

O homem pouco afeito a matemática diz para si "três e quatro são sete e seis fazem treze". Escreve três e diz "E vai um". Aprendeu quando criança a fazer isto dêsse modo e tem feito sempre falando para si próprio. Si tiver muitas adições a fazer, sua lingua e garganta ficarão fatigadas. Mas os aritméticos experientes pulam estas diversas fases da operação da adição. Ele vê 3 e 4 e sua mão escreve 7 na sua memória visual que é automaticamente escrito na dita coluna. Assim o instrutor deve sempre antes de ensinar, estudar o processo mais rápido e fácil, capaz de atingir o objetivo que se destina a ensinar. O processo de instrução deve ter sempre m vista o objetivo a atingir.

Não fatigue o instruendo com processos de instrução que possuem encadeamentos numerosos. Ensine logo o objetivo a atingir. Lembre-se que está preparando autômatos para a guerra e não doutores para universidades.

**6. PROCURE DESDE O INÍCIO, ATINGIR A PERFEIÇÃO SEM SE INCOMODAR COM A RAPIDEZ.**



Vá devagar no começo afim de executar tudo corretamente. A rapidez vem com a prática.

**7. ESTEJA CERTO QUE ENTENDE AQUILO QUE VOCÊ ESTÁ TENTANDO EXECUTAR.** Antes de iniciar a tarefa verifique bem si já aprendeu o objetivo da mesma. Antes de perguntar a si próprio — Como vou fazer? Indague: **O que vou fazer e para que vou fazer?**

**8. APRENDA AÇÕES COMBINADAS DE PREFERÊNCIA A AÇÕES ISOLADAS.** Se o problema que você está aprendendo depende de uma sequência de atos anteriores, logo qu possível execute o conjunto para que possa aprender com facilidade o problema que isoladamente com dificuldade seria assimilado pelo seu subconciente.

Não execute cada ato separadamente para depois reuní-los num todo.

**9. PRATIQUE SEMPRE** — Operações manuais ordinariamente tornam-se automáticas somente depois de longa prática. Assim pratique o mais possível. Lembre-se que nem sempre é necessário realizar todos os movimentos para que possa praticá-los. Uma vez familiarizado como deve ser feito, você pode revêr os movimentos em sua memória, reproduzindo-os tão realmente quanto sua capacidade imaginativa o permita. Quando voltar de um trabalho no campo, achará que êste exercício de memória lhe auxiliou a evitar erros no seu trabalho. Principiantes pódem praticar direção de um carro ou avião enquanto estão deitados na cama, mas devem algumas vezes, ter também exercícios práticos no carro ou no avião.

**10. NÃO É SUFICIENTE ENTENDER** — Isto póde parecer contrário a regra 7. É muito necessário formar uma segunda natureza, de modo que o capacite de agir facilmente sob toda a sorte de dificuldades.

O homem que aprendeu a carregar e disparar seu revolver, mesmo dormindo pode realizar tal operação.

O soldado bem treinado póde fazer esta ação quando memória está perturbada por estar com a cabeça ferida, ou sob as explosões das granadas.

Pode cumprir seu dever, obedecer ordens, e agir eficientemente sob circunstâncias que fariam um homem pobremente treinado esquecer completamente tudo aquilo que aprendeu

11. REPOUSO - Não se perturbe se você fica cansado e desajeitado a princípio. Qualquer principiante ao aprender a executar um trabalho encontrará dificuldades.

Observe o modo com que um noviço segura sua raquete de tenis ou o remo de seu braco. Mas a medida que vai aprendendo a facilidade de execução virá também, trazendo consigo o repouso durante o trabalho.





# SÔBRE O EXÉRCITO FRANCÊS

O; Campos de Instrução - O Campo de Mourmelon - O "Curso Prático de Tiro de Infantaria e dos Carros", ou Escôla de Tiro de Infantaria e Carros de Combate

Pelo Gen. de Brigada D. JORGE A. GIOVANELI, do Exército Argentino  
 Tradução, autorizada pelo autor, do n.º 459, da "Revista Militar", feita  
 Pelo Major FELICISSIMO DE AZEVEDO AVELINE

## I — OS CAMPOS DE INSTRUÇÃO

Apezar de que a extensão da França é incomparavelmente menor do que a do nosso país e que, ao contrário, sua densidade de população é muito superior, em todas as regiões militares francêsas existem campos de instrução e de tiro, que permitem a realização de exercícios táticos e de tiro de combate, de armas isoladas e de armas combinadas, com as unidades em que elas estão enquadradas.

Muitos destes campos, como os de Mourmelon e Mailly, são de época do império, campos que, não obstante o aumento que vem sofrendo a população e a necessidade resultante de aproveitar cada vez mais o sólo, se tem sabido conservar desde aquéla época em poder das autoridades militares, por se calcular que tambem a instrução militar tem, por parte, exigências cada vez maiores, e que uma previsão desta natureza diz respeito ao interesse superior da defesa nacional.

Em tal sentido, se deve reconhecer que por parte dos poderes públicos e das autoridades superiores do exército francês existiu um conceito claro a respeito das exigências da instrução militar moderna.

Possuir uma organização militar e armamentos modernos, e carecer de campos de instrução que permitam ás tropas praticar amplamente os processos de combate e de tiro

para conhecê-los á fundo e tirar desses armamentos o maior rendimento possível, “significa uma falha fundamental no preparo para a guerra; é desconhecer em sua essência a arte militar que, acima de tudo, é uma arte essencialmente experimental”.

E esta influência do terreno na instrução das tropas de todas as armas e especialidades será maior á medida que se aperfeiçoar a técnica dos armamentos e dos materiais de guerra e que o combate seja, como sem dúvida o será, no futuro, “cada vez mais de armas combinadas”.

A experiência, que se traduz nos regulamentos de exercícios, demonstra que o melhor entendimento ou enlace entre as diversas armas que compõe uma grande unidade e que é a base do combate das armas combinadas, “é o que se pratica no terreno em tempo de paz”; tem a virtude de ser por sua vez, um enlace espiritual, tão indispensável em armas e em tropas que hão de cooperar em caso de guerra para um fim comum.

Tal conceito da preparação militar moderna influe até na “fórma de organizar em tempo de paz, as diversas guarnições do exército” pois se deve fazer com que as unidades de infantaria e artilharia estejam o suficientemente próximas para possibilitar o trabalho comum de armas combinadas.

Fato análogo se dá com as unidades de aviação e de artilharia anti-aérea que até chegam a combinar seus horários de trabalho de fórma a tornar possível ás últimas a execução de numerosas pontarias sôbre aviões verdadeiros em vôo, pois que não há todavia outro sistema de alvo que proporcione a exata e completa impressão do avião real, em alturas e velocidades reais.

## II — O “CAMPO DE MOURMELON”

Os campos de instrução dependem, na França, diretamente do Comando da Região Militar em cuja jurisdição se encontram. (1)

(1) O território francês se divide em 20 regiões militares. A frente de cada Região está o General de Divisão, Comandante da Região, do qual de-



Cada campo tem sua direção própria. Com o fim de dar uma idéia suficientemente clara e completa sobre o que são estes campos de instrução, e como estão eles organizados, referir-me-ei neste trabalho ao "Campo de Mourmelon" situado na jurisdição da 6.<sup>a</sup> região militar, nas imediações da aldeia do mesmo nome, a meia hora de trem de Reims, ou seja mais ou menos a quatro horas de trem de Paris. Tive oportunidade de visitar este campo no mês de Março de 1.938.

Para não alongar a descrição, junta-se a este trabalho, como anexos, as cartas n.ºs 1, 2, e 3, que permitem apreciar a organização do campo para o tiro da infantaria e dos carros de combate; como zona de manobras (exercícios táticos); para a aterrização e o tiro da aviação; para o tiro de artilharia, com a cooperação da aviação. (2)

Como se pode concluir, é um campo que se presta para o desenvolvimento de exercícios táticos ou especiais de tiro, que podem ser executados simultaneamente, ou então, suspendendo-se o tiro, pôde ser utilizado, si não totalmente, pelo menos em grande parte, exclusivamente para exercícios táticos. A superfície total é de 9.000 hectares, hábil e amplamente utilizados; dentro do campo não existem outras instalações, sinão as do tiro; evitou-se por todos os modos pôr en-

---

pendem: a Divisão de Infantaria que por principio existe em cada região: as unidades isoladas de fortalezas e de diferentes armas, especialistas, serviços de intendencia, arsenais, saúde, etc. "que estão totalmente descentralizados"; a instrução das reservas, os centros de instrução, a mobilização e o reabastecimento, etc.

Na instrução da divisão o comandante da Região pouco intervém, pois que se dá ampla iniciativa ao General de Brigada, Comandante da mesma. A tarefa fundamental do Comando da Região é a "instrução das reservas e a mobilização", as quais se atribue uma importância capital.

A idéia central do serviço territorial francês é de conservar, de dentro de cada região militar, "um verdadeiro delegado do Ministro da Guerra", com amplos poderes para assegurar o funcionamento armônico de tudo que existe na região.

(2) Estas cartas figuram no folheto "Notícia sobre o Campo de Mourmelon" que está á venda na livraria Charles-Lavanzelli e Cia., de Paris, o que vale dizer, folheto de carater público. Julguei desnecessário traduzir as legendas e títulos que figuram nessas cartas".



traves á sua completa utilização não se fazendo concessões de espécie alguma a ninguém.

O cuidado do campo é simples e afóra as instalações de tiro nada existe nele que cuidar, pois se deixa que a vegetação cresça e morra por obra da natureza, com a qual o terreno adquire este valor real tão precioso para a instrução das tropas, tal como era nosso antigo Campo de Mayo, no qual se podia trabalhar com inteira liberdade. O campo não se arrenda em hipótese alguma.

“Ao tiro de combate para todas as armas, isoladas ou combinadas, se dá no exército francês uma importância fundamental. Ao tratar mais adiante do curso prático de tiro para oficiais de infantaria nos referiremos especialmente a este aspecto da instrução.

As cartas permitem apreciar que existem seis campos de tiro para a infantaria; êles dispõem de instalações completas para que possam praticar o tiro todas as armas leves ou pesadas, e também os carros de combate.

Estes campos possuem suficiente extensão e largura para que efetue comodamente, seu tiro um batalhão em pé de guerra, e em profundidade a necessária para que essa unidade possa executar com munição de guerra, fases completas de um combate, atirando com as armas leves e pesadas ao mesmo tempo.

As instalações existentes nestes campos de infantaria, consistem em fossos simples, seguros e muito bem dispostos, nos quais é possível colocar os alvos que a situação exige, sem introduzir artificios de forma, tamanho, etc., prejudiciais á instrução. Cada fosso tem na sua extremidade um abrigo de cimento armado, para o pessoal encarregado de mover os alvos. Estes consistem em silhuetas que representam as figuras que se deseje; se movem por meio de um cabo, enrolado em uma bobina com manivéla situada no abrigo do fosso. Em cada fosso é suficiente um sub-oficial e dois ou tres soldados.



A colocação dos alvos nos fossos é efetuado no anterior ao do exercício pelo pessoal do campo de tiro de acôrdo com o que péde o diretor do exercício.

Portanto, e sôbre isto quero chamar a atenção, não se trata de "linhas de tiro", como no Campo de Mayo, nas quais a fração de tropa se limita a atirar em condições mui restritas, mas de verdadeiros campos de tiro, que permitem até a companhia e o batalhão atirarem desenvolvendo a atividade tática real e adotando o dispositivo em largura e profundidade correspondente.

Os fossos estão ligados por telefone com a origem do tiro e entre si. O telefone na zona do tiro, é subterrâneo.

Para "exercícios de regimento" se empregam dois campos de tiro juntos. Com o fim de evitar acidentes, nos exercícios de unidades, para atirar com metralhadoras por cima das próprias tropas, se empregam metralhadoras especiais, fornecidas pela direção do Campo de Tiro.

É a meu ver, muito prático o "sistema empregado de alvos móveis" como por exemplo tanques inimigos. Sobre tudo, permite dar a esta espécie de alvos uma atitude muito semelhante com a realidade, que é exatamente o que se deve procurar no tiro de combate, para não falsear o real.

Este sistema consiste em um cabo de aço, que se estende seguindo o mesmo caminho em zig-zag que seguirá o tanque. O cabo passa por roldanas, colocadas sôbre talões solidamente fixadas no chão, de cem em cem metros, mais ou menos, segundo á forma e a natureza do terreno o exijam.

O alvo representando o tanque inimigo se coloca sobre um trenó leve de madeira, que está ligado ao cabo, cujo extremo oposto se amarra a um caminhão, situado á retaguarda dos atiradores (no exercício que presenciei, a 1.200 metros; atiravam com alça 1.000).

A um sinal convencional o caminhão se põe em movimento com uma velocidade igual á do tanque inimigo, que aparece dando uma impressão muito real, não só por sua forma e velocidade, como também pelas variadas direções que



segue, o que obriga os atiradores do canhão 37 a desenvolver muita habilidade para bate-lo.

O essencial deste mecanismo são as roldanas e o cabo, sobretudo as primeiras, que devem estar muito bem fixadas no chão.

Qualquer caminhão leve serve para esse fim. O inconveniente é a vegetação que exista no caminho que deve seguir o tanque, porém isto é fácil de corrigir, ao se instalar o cabo e as roldanas.

Quando o trenó chefa a uma das roldanas, o cabo se desprende desta e o trenó passa por cima da roldana.

Si se deseja atirar contra vários tanques ao mesmo tempo, se instalam vários cabos. Este mesmo sistema de cabos, com roldanas e arrastados por caminhão, pode empregar-se para qualquer outra classe de alvos móveis (atiradores que efetuam um lanço, artilharia que muda de posição, etc.).

Os alvos mais econômicos são os de madeira comun; os impactos não se tapam, sómente se os assinalam com um lápis de qualquer côr.

A artilharia utiliza os campos de tiro da infantaria, combinando-os entre si, com o que se póde conseguir que no mesmo dia e ao mesmo tempo atirem tres grupos, ou então, dois batalhões e um grupo, ou que se realize um exercicio de armas combinadas no qual atuem um grupo e um regimento de infantaria.

O tiro de artilharia dentro do campo póde efetuar-se até oito ou nove quilometros. Para alcances maiores a artilharia atira do Campo de Mourmelon ao Campo de Sulppes, passando as trajetórias por cima de um povoado e tendo-se o cuidado de faze-lo com peças perfeitamente calibradas, de que dispõe o campo de tiro.

O movimento dos corpos de artilharia das suas guarnições para o campo é efetuado "sem material, veículos ou animais", ali se os provê de tudo o que necessitam, para isso o campo tem uma dotação abundante de todos os materiais regulamentares, a tração animal e mecânica, animais, etc. Isto acarreta uma grande simplicidade, rapidez e economia.



O campo dispõe de alojamentos completos, si bem que precários; para 4.000 homens, aproximadamente (30 galpões, com 143 camas cada um) e de espaço suficiente para outros 5.000 em giráos.

A aviação pôde praticar seu tiro de bombardeio e de metralhadoras, utilizando zonas e alvos especiais.

Tambem a aviação pôde praticar a observação do tiro real de artilharia. O campo de tiro fornece as estações de rádio necessárias.

A comissão de Experiência de Infantaria (carta n. 1) e a Comissão de Experiências de Artilharia (carta N. 3), que dependem diretamente das Direções Gerais das respectivas armas, têm reservada no campo uma zona especial para seus trabalhos. São essas comissões que têm a seu cargo a experiência de materiais novos, antes de serem adotados; de modificações a introduzir nos materiais em uso, etc.

Eventualmente as unidades de infantaria e de artilharia podem utilizar as zonas acima mencionadas.

O campo de instrução está a cargo de um comando permanente — um coronel especializado em tudo o que se refere ao tiro — auxiliado por um estado maior e por serviços de material bélico, de intendência e de saúde, cuja missão além da conservação do campo, consiste em facilitar o alojamento, a vida e o trabalho das unidades que utilizam o Campo de Mourmelon.

### III. — O “CURSO PRÁTICO DE TIRO” ou ESCOLA DE TIRO DE INFANTARIA E CARROS DE COMBATE.

No Campo de Mourmelon está instalado e funciona o “Curso Prático de Tiro de Infantaria e Carros de Combate” sob a direção do comandante do campo, que na época da visita era o Coronel Muller, antigo professor de armamento e tiro da Escola Militar de Saint Cyr. Este oficial superior demonstrou no terreno ser autoridade na matéria e um exemplo de atividade.

Na realidade o dito curso bem poderia ser chamado "Escola de Tiro de Infantaria e Carros de Combate", porquanto, si é certo que o curso mais importante e tradicional que ali se realiza todos os anos é o curso de Tenentes, veremos que não é o único.

Por sua missão, que consiste, principalmente em "completar e aperfeiçoar os conhecimentos que os oficiais possuem sobre o armamento e o tiro da infantaria e carros de combate" o "Curso Prático" se assemelha mais á nossa atual Escola de Infantaria do que á nossa velha Escola de Tiro.

Por estas razões e para evitar qualquer confusão, ao Curso Prático de Tiro, chamaremos neste trabalho "Escola de Tiro" o que ainda nos permitirá estabelecer diferenças mais precisas com a nossa.

Nas Escola de Tiro funcionam durante o ano os seguintes cursos:

- 1º) "Um Curso de Instrução para Tenentes de Infantaria e de Carros de Combate" com a duração de quarenta e cinco dias, "obrigatório" para todos os tenentes, motivo pelo qual é necessário realiza-lo duas vezes no ano: de 15 de Fevereiro a 6 de Abril e de 12 de Setembro a 1.º de Novembro (primavera e outono, respectivamente). Póde dizer-se que é um curso exclusivamente de "armamento e tiro".
- 2º) Um curso de Informações para Officiais Superiores de Infantaria. A este curso concorrem capitães que devem ser promovidos a comandantes (majores), assim como comandantes e tenentes coroneis, por turnos. Dura tres semanas e se realiza no mês de Maio. Tambem concorrem a este curso alguns chefes de esquadrão de Artilharia (nossos majores, comandantes de Grupo) para enfronharem-se da tática e do tiro de Infantaria. E' um curso de "armamento, tiro e tática ao mesmo tempo.



3º) Outros cursos que eventualmente, disponham de prioridade, para chefes e oficiais da Reserva, assim como para Oficiais Superiores de Infantaria (até Coronéis e Generais), quando vão ser adotados novos armamentos, novos processos de tiro ou de combate. A Escola "não tem a seu cargo a realização de experiencia de natureza alguma" com armamentos ou materiais, nem tão pouco o estudo de processos táticos ou de tiro.

Para esses fins especiais, a direção de Infantaria, de que depende a Escola, designa quando é necessário uma "Comissão de Experiencia" ou uma "Comissão de Estudos Práticos" conforme o caso.

Essas comissões dispõem para os seus trabalhos do Campo de Mourmelon assim como das instalações, materiais e tropas que existem nele, porém em nada perturbam o trabalho da Escola. Isto contrasta com a missão das Escolas de Armas, as quais são sobrecarregadas com numerosas experiencias de equipamento, armamento e materiais que, no geral, se realizam deficientemente por falta absoluta de tempo e pessoal, que é indispensavel dedicar aos cursos. Como as informações dadas pelas Escolas de Armas influem muito nas resoluções definitivas que se tomam com referênciã ás questões citadas, facil é prever as graves consequências que essa ordem de cousas acarreta em todos os sentidos.

1) *O Curso de Instrução para Tenentes de Infantaria e Carros de Combate.*

Como ficou dito anteriormente, este Curso tem por fim o conhecimento a fundo do armamento da Infantaria e dos Carros de Combate, assim como dos respetivos processos de tiro.

De acôrdo com este critério, o programa geral compreende as seguintes matérias:

*Armamento:* Funcionamento e rendimento balístico das diversas armas da Infantaria: fuzil metralhadora, metralhadora (especialmente), canhão anti-tanque, morteiro "Brandt".



*Tiro*: Coletivo e mui especialmente de combate, com as diferentes armas e nas mais variadas condições de terreno, fundo, distância e alvo.

O tiro de combate deve ser praticado "segundo situações táticas". Tiro terrestre e anti-aéreo.

*Telêmetros e topografia* — Regulação e emprego dos diferentes telêmetros, nas mais variadas circunstâncias. Croquis e esboços.

O programa semanal é fixado pelo Diretor do Curso, baseado no programa geral resumido mencionado.

Na impossibilidade de se dar aula simultaneamente aos 120 oficiais do Curso sobre a mesma matéria, formam-se dois grupos, de modo que a matéria estudada por um grupo de manhã volta a ser estudada pelo outro á tarde, e reciprocamente.

Como já disse, a tática não é objeto de um estudo especial separado, como acontece nas nossas escolas de armas; ela é considerada sómente como ponto de partida para o tiro, "que é a finalidade essencial do Curso" de modo que todo o exercício de tiro, de frações ou de unidades, se realiza sempre no quadro de uma situação tática determinada. Por outro lado, a breve duração do curso impediria um estudo desta natureza.

O "tiro anti-aéreo" é quasi uma matéria especial; o mesmo acontecendo com o tiro anti-tanque, o que está justificado si se levar em conta a importância fundamental que ambas estas questões têm para o Exército Francês e a grande propensão de canhões anti-tanques de que está dotada atualmente sua Infantaria.

Em síntese, em face de sua curta duração e o programa a desenvolver, o Curso de Tenentes é um "curso intensivo", até certo ponto de vista fatigante.

O "Curso Prático de Tiro de Infantaria e de Carros" de Mourmelon, que, como já disse, deveria ser chamado com mais propriedade "Escola de Tiro" está organizado da seguinte maneira: um Coronel, Diretor, com seu Ajudante (Capitão); um Tenente Coronel, Sub-diretor, Chefe dos Estudos; "tres se-



ções" (Infantaria — Carros de Combate — Defesa anti-aérea); Serviços.

Cada Seção é comandada por um Capitão, secundado por vários oficiais especialistas, que funcionam como "professores". Assim, por exemplo, a Seção Infantaria conta com um tenente especialista em fuzil metralhador, outro em metralhadoras e outro em petrechos (engenhos) de acompanhamento, que, como se sabe, compreendem o canhão 37 mm. e o morteiro "Brandt" de 81 mm. (Regimento de Infantaria) e de 60 mm. (batalhão). Existe mais um tenente professor de tiro anti-aéreo.

Estes professores são escolhidos com especial cuidado e podem ser capitães, com vários anos de antiguidade no posto.

Quando se trata de cursos para Oficiais Superiores, o Coronel Diretor e o Tenente Coronel Sub. Diretor atuam como professores.

Como parte integrante da escola existe "uma companhia de Infantaria" que servê para os pequenos trabalhos da arma; para trabalhos exijam maior quantidade de tropa, a Escola, por expressa autorização da Direção de Infantaria, pôde contar com um batalhão do 8º Regimento de Zuavos, cuja séde é no Campo de Mourmelon, ou ainda com outro batalhão de um dos regimentos que compareçam e se instalam no referido campo, para executar tiro de combate.

Além disso, a Escola dispõe de "uma Companhia de Carros de Combate", suficiente para os trabalhos dos Oficiais desta especialidade.

Para o transporte diário dos alunos ao campo de instrução existem vários ônibus.

Os alunos são "internos". O Campo de Mourmelon, que proporciona á Escola o terreno e todo o material que necessita para os seus trabalhos, possui instalações para um alojamento cômodo si bem que muito modesto, como em geral é o alojamento do oficial na França. Na pequena localidade de Mourmelon existe um restaurante para oficiais, dirigido por um civil.



“A Escola depende exclusivamente da Direção da Infantaria”, órgão superior que no Exército Francês tem a seu cargo tudo relativo á organização e instrução da arma.

O curso funciona segundo um critério essencialmente prático; também para as classes teóricas se dispõe de aulas e gabinetes providos de toda a espécie de gráficos e aparelhos, que permite executar uma “instrução puramente objetiva”; a teoria está eliminada quasi por completo.

Em resumo, o Curso está orientado de modo que, em primeiro lugar os alunos, tanto da Infantaria como dos Carros de Combate, recebem a “instrução teórico-prática” indispensavel para completar seus conhecimentos sobre o funcionamento e rendimento das diferentes armas, assim como sobre os respectivos processos de tiro. Em seguida se passa á “instrução applicavel”, isto é, ao tiro de cada arma, que se executa completamente no terreno, salvo nos dias de chuva, em que se trabalha no geral no caixão de areia.

Tive ocasião de assistir um tiro de guerra com canhões antitanques e um exercício de tiro indireto com metralhadoras.

Por considerar de interesse, descreverei o processo observado nos dois tiros.

No exercício com canhões antitanques de 37mm., tratava-se de bater um tanque inimigo, cuja fôrma e movimentos estavam habilmente representados mediante o sistema de alvos movidos a tração mecânica, que descrevi no princípio deste trabalho.

Atuavam simultaneamente quatro officiaes alunos, sob a direção do professor; outros officiaes completavam o serviço de cada peça. A situação era muito simples: uma peça em posição de vigilância, com a missão de bater todo o tanque que surgisse num dado setor.

Aparecido o objetivo, á distância de 1.000 metros, cada peça executou á vontade doze disparos, empregando projétis cuja côr variava de peça a peça, de modo que depois era possível diferenciar no alvo os respectivos impactos, pois a côr ficava perfeitamente gravada na madeira.



O alvo fez um percurso de 300 metros, mais ou menos, em zig-zag, tal como na realidade procedem os tanques. Isto exigia muita atenção, rapidez e segurança por parte dos apontadores e dos serventes da peça em geral.

Terminado o exercício, o professor com os alunos executantes e os assistentes se transportaram para o alvo, onde foi feito rapidamente o levantamento dos impactos-e a crítica do exercício, para ficar assentado o ensinamento de que só com serventes da peça que tenham trabalhado sob a direção de um habil instrutor, "e atirado muito", o canhão de 37mm. poderá cumprir sua missão.

O mesmo exercício foi repetido até que cada um dos 60 oficiais alunos fez sua respectiva série de 12 disparos, como si fosse um simples tiro de fuzil. Ao todo, três horas de trabalho essencialmente prático, muito proveitoso e com um gasto de 720 cartuchos de 37mm.

Tive a impressão de que "a peça de 37 mm. é muito precisa", e esse é o conceito que sobre a mesma fazem o Diretor da Escola e o professor que dirigia o exercício.

No terreno havia 12 peças, de modo que era possível substituí-las oportunamente.

Para o exercício de tiro indireto de metralhadoras, em que tomava parte a outra metade do curso (60 oficiais), estavam instalados no terreno "30 metralhadoras", isto é, uma para dois oficiais alunos.

O professor havia distribuído os postos fazendo atuar dois alunos como comandantes de Companhia de Metralhadoras (que na França possui 16 peças), outros como comandantes de Seção e outros como chefes de peça, e ao mesmo tempo atiradores.

O tema suponha a infantaria inimiga assinalada nas proximidades de um bosque de pinheiros, que se achava a 2.500 metros das metralhadoras, um terreno que por sua conformação se prestava admiravelmente para esta espécie de tiro.

O professor indicava o processo de pontaria a empregar, que variava até o emprego de cinco processos diferentes.



Em seguida se passou ao tiro, por Seção, e com os resultados obtidos foi feita a crítica do exercício.

Calcúlo que neste exercício foram consumidos cerca de 20.000 cartuchos, o que demonstra o carater eminentemente prático do mesmo, e que “não se vacila em gastar muita munição, com o fim de formar um pessoal experimentado”. Leve-se em conta que este mesmo exercício devia ser executado á tarde, pelos oficiais que de manhã tinham trabalhado com o canhão 37, e vice-versa.

Processos de instrução muito simples, que apresentavam situações muito claras e reais, sem a intervenção de artifícios ou suposição alguma, que só servem para atrapalhar.

No exercício de tiro indireto o Diretor da Escóla demonstrou um conhecimento absoluto do assunto. Tinha em seu poder uma caderneta com índice e com uma folha destinada a cada aluno, cujo retrato estava colocado no bordo superior, o que permitia identificá-lo com rapidez e segurança.

Eram-lhe suficientes uma ou duas perguntas, feitas com a habilidade própria de seu grande domínio sobre o assunto, para julgar si o official aluno estava ou não no conhecimento do problema de tiro proposto.

Em seguida fazia suas anotações na caderneta, especificando a data e o juizo merecido pelo aluno.

Explicou-me que, como este Curso é obrigatório para todos os tenentes “decisivo para a promoção” empregava todos os meios para classificá-los com a maior justiça.

A Escóla ocupa uma parte dos locais do Campo de Instrução de Mourmelon; são alojamentos muito antigos, porém muito bem conservados e aproveitados. Consistem em uma série de pavilhões separados, de material, com cobertura de telhas em chalé. Estão providos de aquecimento e bôa iluminação.

Existem três ou quatro aulas; a principal é a destinada ao estudo do armamento, que possúe uma coleção completa de todas as armas da Infantaria, antigas e modernas, e tambem, para o estudo de cada uma destas últimas, vários modelos seccionados. Esta mesma aula tambem dispõe de uma co-



ção de gráficos muito interessantes sobre o armamento e o tiro da Infantaria, concebidos com um critério tão claro e prático que na realidade constituem um inestimável meio auxiliar para o professor.

O armamento de que dispõe a Escola é abundante e em excelentes condições; reservam-se metralhadoras especiais para os exercícios de combate em que as trajetórias devem passar por cima das próprias tropas (observe-se que não se trata somente de dispôr de alguns canos de substituição).

Não obstante esta abundância de armamento, seu controle é rigoroso, e a vida de cada fuzil ou metralhadora está minuciosamente documentada. O mesmo se dá a respeito do consumo de munição.

Outra sala é destinada á instrução de tiro no caixão de areia, para o qual se aproveitam os dias de mau tempo.

A Escola recebe 160.000 francos anualmente para as despesas que os diferentes cursos que nela funcionam acarretam. Dessa importância devem ser gastos, aproximadamente, 10.000 francos na instrução com os carros de combate, cujo consumo de essência e óleo é sumamente caro.

“Para ensino teórico do tiro com o morteiro “Brandt” de 81mm.,” igual ao do nosso Exército, se usa um caixão de areia com escala, quadriculado na sua parte superior, também com escala, o que permite referir os supostos pontos de queda dos projetis e, por conseguinte, “verificar a habilidade do atirador na regulação do tiro”.

O caixão de areia pôde ser confeccionado nos Corpos, com seus próprios recursos, pois é muito simples e barato.

Para a “prática de pontaria anti-aérea” com metralhadora e fuzil metralhador (instrução a que no Exército Francês se dá grande importância), se usa um sistema de alvo muito prático, “de imans” que em resumo consiste em um avião que por meio destes imans é posto em movimento pelo instrutor á vontade, e que se detem quando o atirador efetua o disparo.

O tamanho do avião, sua distância da metralhadora e sua velocidade, estão correlacionados matematicamente com a distância real, assim como com o tamanho e velocidade reais do



avião. Na metralhadora e no alvo funciona um aparelho registrador, semelhante a um rôlo de cinta telegráfica, que é picotado por um alfinete imantado ao efetuar-se o disparo. Uma comparação gráfica destas cintas permite apreciar com exatidão para onde esteve apontada a arma no momento do tiro e onde está marcado o impacto.

Não pude obter a descrição escrita deste mecanismo; informaram-me que foi idealizado pelo professor de tiro da Escola e que dá muito bons resultados, pois desperta muito interesse e permite um exercício muito frequente da pontaria, que é precisamente o que exige o tiro anti-aéreo.

Não o julgo tão difícil e complicado que um oficial do nosso Exército, ciente do princípio em que se baseia e que procurei esclarecer da melhor forma possível, não possa idealizar um mecanismo parecido e igualmente util.

O tiro por excelência das metralhadoras (tiro terrestre) é o que no Exército Francês se chama "tiro mascarado", isto é, com pontaria direta e com a metralhadora tão bem oculta e mascarada, que seu reconhecimento se torna muito difícil. Por conseguinte é o tiro que mais se pratica. Exige-se especial habilidade (arte) para ocultar a metralhadora e a ocupação da posição.

Sem embargo, se reconhece a importância do tiro indireto de metralhadoras, quando o mesmo foi habilmente preparado e aberto "por surpresa" por uma unidade (no mínimo Seção de quatro peças, porém sempre se emprega a Companhia de 16 peças). O Diretor da Escola, coronel Muller, citou-me exemplos da Grande Guerra, por ele vividos, que demonstram a eficacia do tiro indireto.

Tive ocasião de comprovar a exatidão do que sustentava quando era Diretor da Escola de Infantaria, no sentido de que para se apreciar a eficacia do tiro indireto de metralhadoras, é preciso ir-se ao alvo com os que o executaram, e esforçar-se para situar o feixe no terreno, de acordo com os impactos e o rastro deixado pelos projéteis, para julgar qual teria sido na realidade a "situação moral do inimigo", que por surpresa, em alguns minutos, recebe essa chuva de projéteis.



O resultado do tiro indireto não deve ser apreciado, exclusivamente, pelo efeito material, isto é, pelas baixas que produz, mas também pelo abatimento moral da tropa que o suporta.

## 2) *O Curso de Oficiais Superiores*

Já disse qual é a finalidade, duração e época do ano em que se realiza este Curso de Informações.

“No Exército Francês, quiçá mais do que em nenhum outro, o fogo é o principal meio de ação da Infantaria”. Em consequência, um Chefe que não conheça a fundo o complexo armamento de seu Batalhão ou Regimento e o rendimento de que é capaz, não estará apto para comandá-lo como é necessário em tempo de paz, e muito menos na guerra.

Por outro lado, na Infantaria francesa o ataque e especialmente a defesa se baseiam inteiramente no problema da “organização dos fôgos”, em harmonia com a artilharia.

O programa do Curso atende precisamente aos dois conceitos enunciados, de modo que ele é feito afim de que os chefes possam receber uma informação prática que se lhe dá com uma série de exercícios com tropas e tiro real no terreno.

## IV — CONCLUSÕES

1.º) Os exércitos, como o argentino, que resolveram modernizar seu armamento e sua tática, devem resolver-se também a adquirir “excelentes campos de instrução”. Repetiremos aqui o que dissemos no começo deste trabalho, no sentido de que, não ter campos de instrução é ter uma falta grave na preparação militar, uma vez que os processos táticos e de tiro, tanto de armas isoladas como de armas combinadas, “devem ser praticados a fundo”.

A falta de campos de instrução nas diversas guarnições, constitui para nós um problema grave, que será mais grave ainda á medida que o tempo passa e se percam as oportunidades, que ainda existem, de serem adquiridos campos apropriados.

Ainda para certas guarnições do interior se apresentam atualmente as mesmas dificuldades que na Capital Federal.



Nosso Exército dispõe de numerosos campos que podem ser bons como fonte de recursos, porém que não o são sob o ponto de vista da instrução das tropas, que é o fundamental e o que exclusivamente nos deve interessar.

Com o produto da venda destes campos se obteriam quiçá os recursos necessários para adquirir os de que realmente precisamos, e a dívida restante a pagar compensaria com juros os benefícios obtidos.

Si nossos corpos não conseguem praticar o tiro de combate com a amplitude correspondente, isto é, chegando até ao tiro de batalhão e de grupo (pelo menos), sem limitação ou artifício algum, não estaremos em caso real em condições de obter todo o rendimento que o nosso armamento, tão moderno, variado e caro, é capaz de dar.

2.º) Si já antes da grande guerra de 1914-18 se reconhecia, não só em França como nos principais exércitos a necessidade de uma Escola de Tiro para a Infantaria, não merece dúvida que atualmente se deve reconhecer com mais forte razão ainda, dada a importância decisiva que no combate tem o fogo da Infantaria, assim como também o complexo de seu moderno armamento.

“Emquanto o oficial de Infantaria não possuir um conhecimento profundo e essencialmente prático sobre o rendimento que as diferentes armas do Regimento podem dar, quando são convenientemente empregadas, será um máo chefe e piór instrutor”.

Sob este ponto de vista, na França se reconhece que os conhecimentos adquiridos pelo oficial na Escola Militar de Saint-Cyr e os que póde adquirir depois nos Corpos, “são insuficientes”.

Portanto, uma Escola como “O Curso Prático de Tiro de Infantaria e de Carros”, de Mourmelon, se justifica amplamente.

3.º) Na opinião do Diretor da Escola de Mourmelon, coronel Muller, com a qual estou inteiramente de acôrdo, convém que o aluno seja tenente, por que desta forma estará em condições de aproveitar melhor o Curso que um sub-oficial e



Finalmente, o cargo de Diretor de uma escola desta natureza não deve ser determinado pela importância da unidade que lhe serve de base, mas, como no Exército Francês, “pela importância de sua missão”, que exige um Coronel de reconhecida experiência em tudo que se relacione com o armamento e o tiro da Infantaria.

## Biblioteca de “A Defesa Nacional”

### Livros à venda:

	CR\$
Anuário Militar do Brasil, 1935 . . . . .	17,50
Anuário Militar do Brasil, 1936 . . . . .	22,50
Anuário Militar do Brasil, 1937 . . . . .	17,50
Anuário Militar do Brasil, 1938 . . . . .	22,50
Anuário Militar do Brasil, 1940 . . . . .	27,50
Anuário Militar do Brasil, 1941 . . . . .	37,50
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima . .	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (p. oficiais) . . . . .	21,00
A Revolução de 1842 — Rudolf Bolting . . . . .	27,00
Aspecto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mario Travassos..	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Cel. M. Travassos . . . . .	5,50
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota . . . . .	5,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo. . .	11,00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes . . . . .	11,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa . . . . .	7,00
Caderneta de Ordens e Partes. . . . .	11,00
Caderneta de Ordens e Parts (bloco para) . . . . .	3,00
Caderneta do Capitão de Infantaria . . . . .	13,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544-1938 — Major Bnto Lisboa	13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	Cr\$ 3,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga..	Cr\$ 2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos . . . . .	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva . . . . .	Cr\$ 5,00

# A CAMPANHA DA TUNÍSIA EM GRÁFICOS

Tradução e adaptação do

Major RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA

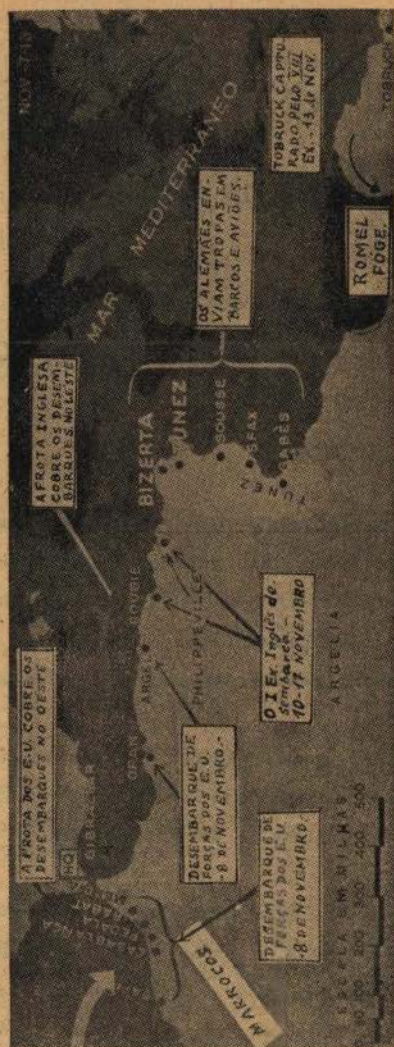
## NOTA DO TRADUTOR.

Ainda é cedo, naturalmente, para se fazer o estudo das diferentes campanhas da guerra atual. Entretanto, podemos e devemos ir reunindo elementos aproveitáveis, que facilitem, mais tarde, o trabalho de triagem e de cotejo, indispensável às conclusões a serem tiradas das operações que se estão desenvolvendo, nos vários campos de batalha do mundo.

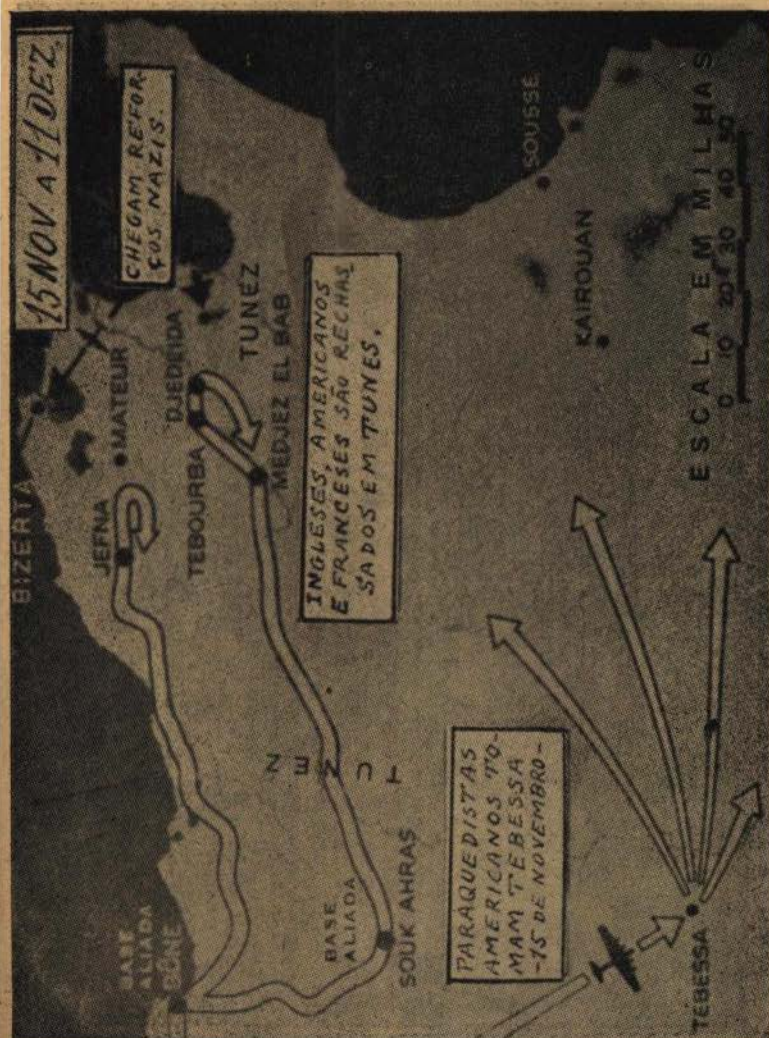
Dentro dessa idéia geral, pareceu-nos um subsídio interessante a reconstituição gráfica da memorável campanha da Tunisia, publicada, ainda há pouco, pela conhecida revista ilustrada "Mundial", que se edita no Uruguai.

A Campanha da Tunisia é considerada como a primeira operação de larga envergadura levada a efeito pelas forças das Nações Unidas, na fase propriamente ofensiva de sua alta estratégia. E', além disso, apresentada como a batalha em que, até agora, foi empregada a maior força ultramarina de que se tem notícia. Seu estudo, portanto, é de indiscutível interesse. E os bem elaborados esquemas insertos em "Mundial" evidenciam ainda mais e desde logo esse interesse. Apresentamos, pois, com a devida venia, aos inúmeros leitores de "A DEFESA NACIONAL", o que podemos chamar a campanha da Tunisia em gráficos, aproveitando, mesmo, as próprias legendas da revista de onde os extraímos, convenientemente trasladadas para o nosso vernáculo.



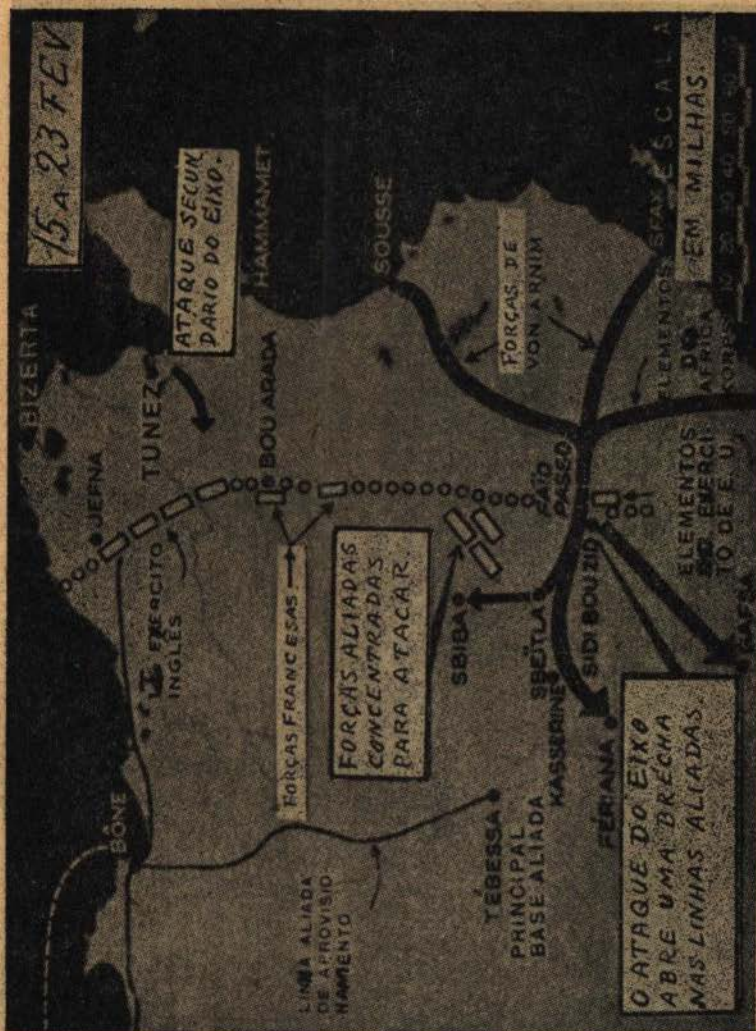


Volvamos o olhar para uma etapa gloriosa da guerra, historiada nestes mapas. Os primeiros desembarques de forças norte-americanas, realizados em 8 de novembro de 1942, constituíram um golpe de surpresa para o Eixo, reacendendo as esperanças aliadas. Naquele mesmo dia, o Marechal Rommel começava a sua retirada da LÍBIA, perseguido tenazmente pelas forças de Montgomery. E já o mundo começou a compreender o plano de "encurralamento" gigantesco que iria culminar em Tunis. Argel caiu depois de poucas horas de combate. A luta em Casablanca e Oran durou três dias. Os alemães, totalmente surpreendidos pela invasão, enviaram reforços, apressadamente, para defender Tunis.

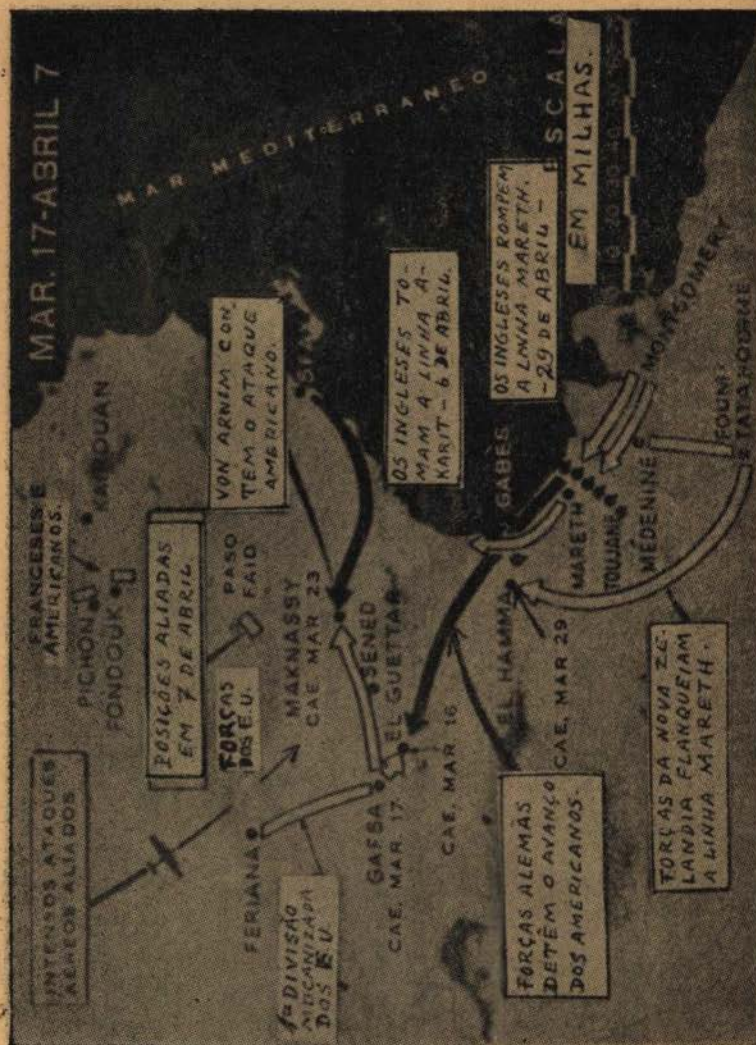


primeiro ataque dos Exércitos Aliados na direção de Léste quase conseguiu a liquidar a campanha tunesina no mês de Novembro. Poucos dias depois do desembarque, o I Exército Britânico, sob o comando do General Anderson, avançou até chegar a situar-se a 20 quilômetros de Tunis. Esse avanço, porém, teve como consequência distanciá-lo muito de suas linhas de aprovisionamento. Os Alemães, com os reforços chegados a toda a pressa, contra-atacaram violentamente e os Aliados tiveram que retroceder.



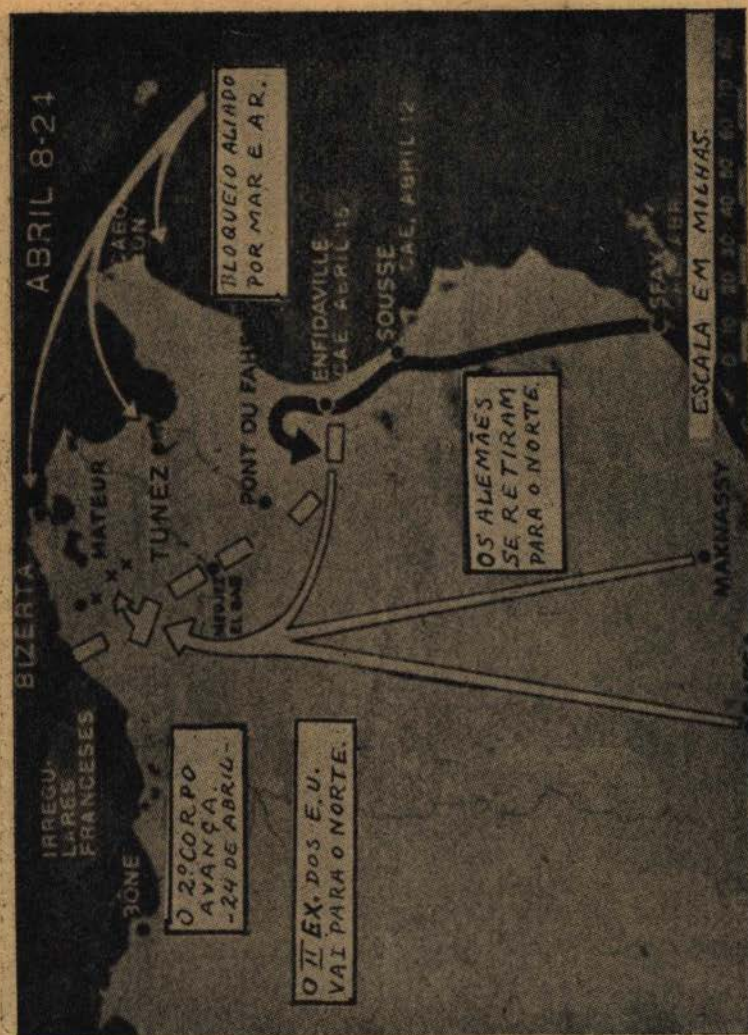


Este foi o último e desesperado esforço do Eixo para salvar-se. Um feroz ataque de Rommel fez as forças norte-americanas retrocederem cerca de 70 km., e ameaçou o flanco do I Exército. Surgindo do Passo de Kesserine e Faid, em meados de fevereiro, tomou Sbeitla, Gafsa e Feriana, em uma luta encarniçada de poucos dias. A tremenda concentração de forças aéreas aliadas e sua ação sem repouso foi o fator decisivo que chegou a obrigar a parada no Passo de Kesserine.

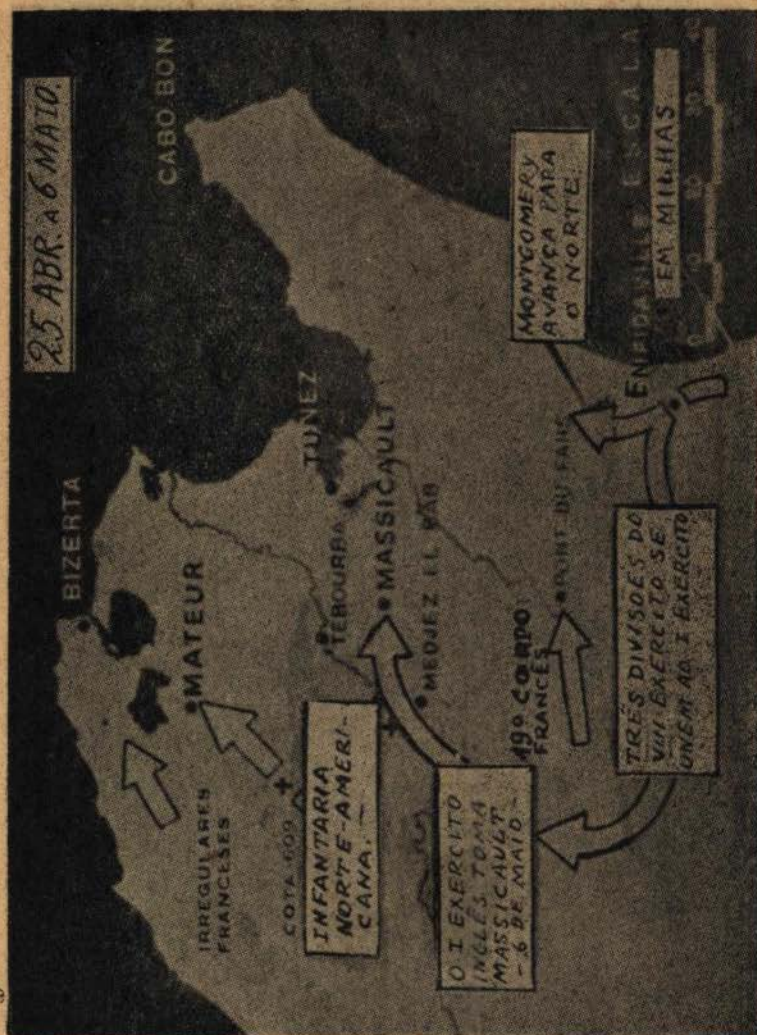


Já estavam soando, porém, a Leste, os clarins vitoriosos. A condenação de Rommel ficou decidida quando a tática de Montgomery e o heroísmo do VIII Exército o obrigaram a abandonar a Linha Mareth. O brilhante movimento de flanqueio britânico alcançou a decisiva vitória de El Hamma. A situação de Rommel tornou-se insustentável quando as forças dos americanos ameaçaram sua retaguarda, por Maknassy e El Guettar, acompanhando a triunfante ação inglesa.



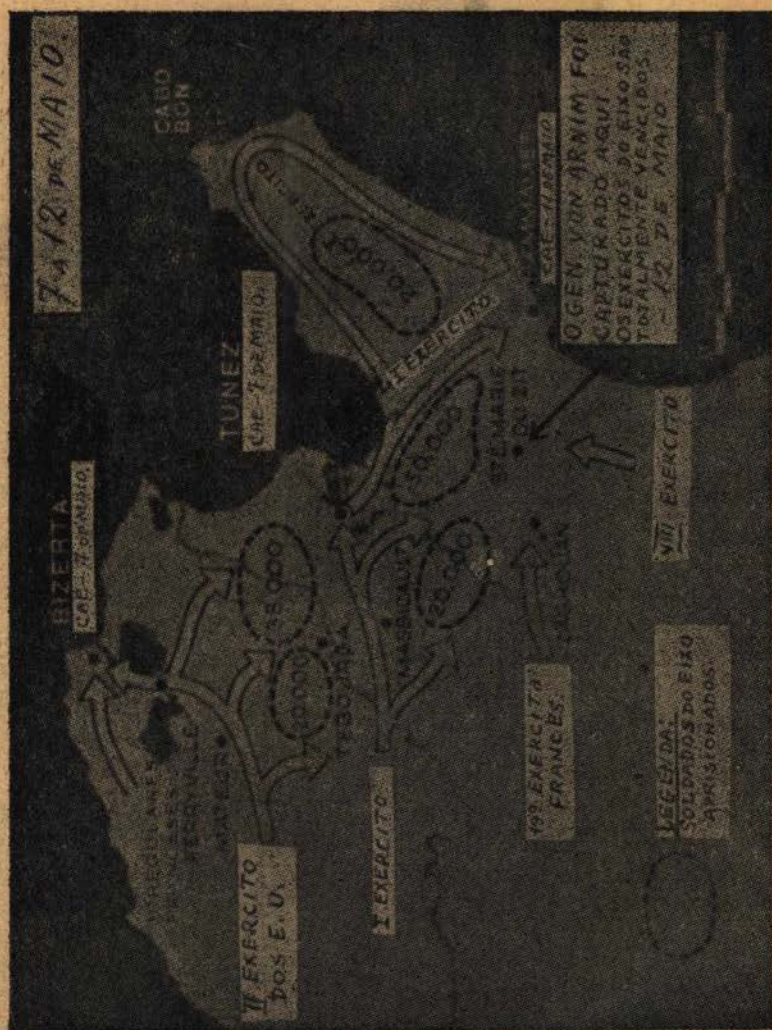


As tremendas dificuldades com que tropeçaram as forças unidas não impediram o desenrolar admirável de sua estratégia. E um golpe de mestre de Eisenhower foi a roçada, em segredo, do 2.º Corpo Norte-Americano, durante a retirada do África Corps junto à costa. Esse movimento, que teve logo importantes perspectivas, permitiu-lhe concentrar suas forças no Norte, para o ataque final. A captura das colinas em Mateur culminou, abrindo passagem ao caminho para Tunis.



E foi outro genial movimento tático, planejado pelos chefes aliados, que completou o desastre dos alemães. Os britânicos e americanos enganaram Rommel mediante um artil estratégico. Uma "finta" realizada por Montgomery em Enfidaville arrojou os alemães para o Sul do Cabo Bon. Três Divisões do VIII Exército se uniram com o I Exército para realizar o ataque final no Norte, o qual iria resultar no coroamento da memorável campanha.





Na hora fulminante da derrota final, que se seguia a uma tão lúcida estratégia por parte das Nações Unidas, os alemães conheceram o penoso significado das expressões "detidos", "aprimionados", "encuralados". O brilhante assalto do I Exército britânico bloqueou todas as saídas possíveis das forças do Eixo até o Cabo Bon. Grandes concentrações de alemães e italianos foram encuraladas, não lhes restando, assim, outro recurso senão a rendição incondicional.



E consagração da vitória das Nações Unidas, teve o referendo de uma desbordante alegria popular. Em Tunis, depois da dura, embóra passageira, dominação do Eixo, o povo sentiu, com a chegada das forças aliadas, a garantia da vida livre e a esperança da ampla vitória democrática, cada vez mais firme. E as bandeiras inglesas, americanas e da França Combatente foram desfraldadas nas mais rumorosas e espontaneas manifestações populares.



# "Uma página de heroísmo das Tropas de Transmissões do Exército Inglês"

Traduzido de "ROOF OVER BRITAIN"

Pelo Major ADALARDO FIALHO

O episódio que vamos traduzir abaixo refere-se a tropas de transmissões integradas na defesa das ilhas britânicas contra a "Blitz" da Luftwaffe. Nem por isso perde o seu valor, contudo, e vem provar o acerto da afirmativa contida no já surrado valor que diz correr o pessoal da retaguarda os mesmos riscos que o da linha de frente.

Trata-se, particularmente, de Corpos de Sinaleiros trabalhando para a Defesa Anti-Aérea. Ei-lo:

"Ligando o sistema anti-aéreo".

Outro sustentáculo do "Teto da Grã-Bretanha" é o trabalho do Real Corpo de Sinaleiros. Todo o sistema de defesa é baseado em Transmissões de primeira classe, em possibilitar aos artilheiros saber o que está acontecendo, afim de que possam tomar disposições para o que venha a acontecer em outras partes.

Todo o Comando Anti-Aéreo é, propriamente, um puro trabalho de Transmissões. Cada canhão e Setor de holofotes é ligado com os seus respectivos P. C. e vizinhos. Canhão e holofotes, Postos de Observação, P. C., Setores de Caça e Campos de Aviação são todos inter-ligados num labirinto de cabos telefônicos, reforçados por Agentes de Transmissões e Rádio.

Os sistemas telefônico e telegráfico civis constituem a ossatura. Aos seus milhares de milhas de fios, estendidos por todos os cantos do país, foram acrescentados centenas de milhas de linhas de campanha e novos circuitos. Para cada circuito há variantes, planejadas para os casos de emergência. Mesmo a existência de linhas privadas é anotada, de modo que, se necessário, possam ser requisitadas e usadas.

Quando os "raids" surgem, as linhas são sujeitas a interrupções. Então as Turmas de Transmissões do Real Corpo



de Sinaleiros devem trabalhar, muitas vezes em condições extremamente difíceis, percorrendo as linhas e reparando-as

Aqui vai o relato de uma dessas excursões, levada a efeito durante os ataques sobre Londres. Diz respeito a certa Bateria de canhões da ilha de Dogs. A Turma de Transmissões, integrada por um subalterno e por dois carros, cada um transportando dez homens e carregados com o equipamento usual dos sinaleiros — cabos, postes, cordeis, ferros de trepar, carrinhos enroladores, etc. — recebeu as suas ordens às 9,30 da manhã.

Longo tempo consumiu ela para dirigir-se para ilha de Dogs, através de todos os desvios causados por bombas que tinham explodido ou que ainda se esperava que explodissem.

A ilha de Dogs não é uma ilha propriamente, mas uma lingua de terra em forma de "U", numa dobra do Tamisa e isolada por ramificações de docas.

Silhuetada pelo rio, era um alvo natural e os armazens e casario de grandes oficinas que se acumulavam nela sofreram terrível martelamento. Os incendios estavam ainda lavrando e do outro lado do rio as docas de Surrey estavam ardendo também. Havia um acesso deixado aberto (chicana) pelo qual os carros dos sinaleiros podiam aproximar-se da Bateria por uma grande cratera de bomba.

A Bateria estava cercada de crateras, de forma que era impossível fazer chegar qualquer carro até ela. Ordinariamente, uma Turma de Transmissões trabalha percorrendo as linhas, emendando-as onde se acham interrompidas. Porém as linhas para esta Bateria tinham sido muito enterradas e parcialmente debaixo d'agua.

Tinham sido construídas pela Turma do Oficial Orientador da Bateria, geralmente responsável pela sua conservação; porém, como se pode avaliar, o Oficial Orientador não estava inteiramente livre naquela manhã. Não havia nenhuma possibilidade de restaurar aquele complicado trabalho, mas era urgentemente necessário restabelecer as comunicações até ao anoitecer.

A única saída era construir uma linha inteiramente nova para a Central telefônica mais próxima, a qual ficava a 2 milhas de distância em linha reta, porém a uma distância provavelmente 2 vezes maior, tomando pelos desvios.

Não havia tempo para construir as linhas sobre postos; eles tinham que construí-las ao longo dos sulcos do próprio



terreno, deixando sinaleiros de intervalo a intervalo para guardá-la.

O dia estava quente e, mesmo com os incendios ainda lavrando, tudo estava estranhamente quieto. As ruas estavam desertas, como as de uma cidade de almas do outro mundo. As pequenas lojas lá estavam, com suas mercadorias nas vitrinas, porém ninguém se achava atrás do balcão esperando vende-las. Muitas vezes vinham para um Armazem ardendo e tinham que calcular até onde o fogo poderia se espalhar, antes de lançar o cabo. Frequentemente o colocavam ao longo das regueiras, mas algumas vezes sôbre as ruínas de um edificio e uma vez sôbre a balançante ponte de uma doca. As sirenes soaram diversas vezes, porém nada serio desenrolou-se. Eles continuaram a labutar, ao redor de Armazens, em baixo de guindastes, pelo meio de estaleiros despedaçados, de terras revolvidas, de linhas de via-ferrea de doca, debaixo de cercas, sôbre pontes. O ar estava carregado de fumaça, pó e imundicies. Os homens estavam imundos e suando com o calor e o incomodo de terem de fazer constantes diversões para evitar bombas de retardo, as quais, naqueles dias, constituíam perigo muito mais incalculavel do que o são agora.

Trabalhando sob grande pressão, os homens, finalmente, terminaram completamente a linha lá pelas 4 da tarde. Quando tiveram que a testar, não estavam absolutamente certos de que funcionaria. Porém, funcionou e precisamente quando a voz se fazia ouvir na linha, as sirenes anunciavam o primeiro dos ataques da noite.

Ser um Agente de Transmissões não é muito divertido, durante um "raid" pesado. Com a interrupção das comunicações, os Agentes são esfalfados, levando mensagens para as Baterias. Todos os incomodos de dirigir uma carroça através de um terreno acidentado, de barro e de água de uma área bombardeada são multiplicados muitas vezes quando se dirige um auto (Agentes utilizando veículos). Tem-se maior mobilidade, porém muito maiores desconfortos.

O fator compensador é que, devido à agudeza destes desconfortos, perde-se rapidamente a maior parte da capacidade de apreensão e desenvolve-se certo amargo gosto por voltar antes.

Durante os ataques a Coventry, o Cabo Sidney Slight estava em missão junto a um Depósito de munições, quando uma bomba caiu perto e o lançou a uma duzia de jardas.



Ele voltou ao seu auto e, poucos minutos mais tarde, um dos seus pneumáticos arrebentava. Trocando a roda interessada por outra, tirada de outro carro identico e, divertindo-se com que o respetivo proprietario poderia dizer, quando voltasse a querer usá-lo, afastou-se de novo. Tomou por um caminho e, cinco minutos mais tarde, fazia a viagem de volta. Durante esta, um carro do Exército, encravado numa cratera de bomba, não estava lá cinco minutos antes, salvou-o de um grave acidente, pois vendo a sua forma na escuridão, parou para evitá-lo, antes de se lançar sobre ele. Um estafeta de Londres foi menos afortunado. Guiou sobre uma cratera de bomba e viu-se praticamente enterrado na lama. Um policial foi ajudá-lo a safar-se e ele próprio enterrou-se com todo o seu uniforme novinho em folha. Outro Agente foi lançado fora de seu carro 18 vezes em 40 minutos e, quando voltou, verificou que devia entrar de guarda dentro de 35 minutos...

Eis uma pálida amostra do que eles chamam trabalho de rotina no Real Corpo de Sinaleiros e que nos dão uma idéa dos segredos da vitória da Inglaterra contra a "Blitz" aérea da Luftwaffe.

## Não Desperdice!



Deposite suas Economias na  
**PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO**



# ATAQUES À BAIXA ALTURA (PARA TODAS AS ARMAS)

Traduzido pelo **Cap. WELT DURÃES RIBEIRO,**  
Instrutor do C.I.D.A.Aé.

Julgamos útil a tradução destas diretivas de instrução, tanto pela matéria tratada, de interêsse no momento atual, como pelo método de exposição dos assuntos e minucia com que são apresentados, evidenciando o alto gráu de organização da instrução no Exército Norte-Americano.

## “DIRETIVAS DE INSTRUÇÃO”

Organizadas sob a orientação do “Comando Geral das Forças de Terra dos Estados Unidos da América do Norte.”

### Primeira sessão

Duração — Uma hora.

Finalidade — Estudo dos métodos e características da observação aérea inimiga e dos ataques à baixa altura.

Local — Sala de conferências ou teatro adequado para a projeção de filmes.

### — Desenvolvimento: —

Repassar as medidas de defesa ativa e passiva, contra a observação aérea e o combate da aviação, ensinando as medidas que são tomadas para a cobertura anti-aérea em marcha.

- a) Explicar que a defesa anti-aérea é uma medida normal de segurança, empregada pelas tropas para

assegurar o mínimo de interferências no cumprimento da missão principal. Todas as forças de terra adotam medidas neste sentido, especialmente na defesa contra a observação da aviação hostil e contra o ataque dos aviões em vôo baixo e em mergulho. As forças de terra devem ser treinadas e preparadas no emprego de todos os meios eficazes, ativos e passivos, para neutralizar a ação da aviação inimiga.

- b) A observação da aviação é um dos principais meios de reconhecimento da guerra moderna. A observação aérea se realiza apenas fóra do alcance util das armas portáteis, com pouca velocidade e geralmente por um só avião.
- c) A aviação moderna pode atacar forças em terra quer pelo fogo de suas metralhadoras, bombas, substâncias químicas ou por qualquer outra combinação dessas armas. As metralhadoras aéreas entram em ação, normalmente, desde 1.000 metros, com o propósito de cobrir o ataque que prossegue com bombas em paraquedas ou em queda livre, constituem o meio mais eficaz de ação contra as tropas no solo. Os gases são acondicionados em bombas ou em tanques químicos.
- d) De dia, o avião de bombardeio leve procura surpreender às tropas terrestres, voando na menor altitude possível e com a máxima velocidade. Protege-se com os bosques e elevações ou com a direção do sol. As formações aéreas são empregadas normalmente, apenas contra uma fração do objetivo designado às pequenas unidades táticas. À noite, a obscuridade pode contribuir para a realização de ataques em massa, apesar das dificuldades do vôo baixo, em formação. São usados de preferência, aviões isolados, que procuram arrazar alvos vulneráveis. Entretanto, o perigo de um grande ataque aéreo



noturno, em circunstâncias favoráveis deve ser sempre considerado.

Caso a aviação inimiga observe ou ataque, de alturas superiores à eficácia das armas de pequeno calibre, deve-se confiar unicamente nas medidas de defesa passiva e na proteção assegurada pela própria aviação e artilharia anti-aérea.

— Utilizar o período restante (35 minutos) para a projeção dos filmes de instrução.

### Segunda Sessão

Uma hora

Finalidade: Recordar as medidas individuais de segurança anti-aérea.

Local — Proximidades do quartel

Equipamento: Completo de Campanha.

— Neste período, recordam-se as medidas individuais de defesa ativa e passiva, aplicáveis na marcha e durante os pequenos altos. A instrução indicada deve ser dada, de preferencia, por baterias completas ou unidades similares. Deve ser ensinada por meio de conferências, demonstrações e trabalhos práticos.

### Recordar:

- a) Como se dispersar e ocultar; utilização das cobertas do terreno ao longo da estrada de marcha, para a proteção contra o fogo e a observação aérea.
- b) Que um observador aéreo não distingue os indivíduos no terreno, si estiverem abrigados nas sombras das árvores ou na macéga alta.
- c) Que o soldado deve usar folhas, mato, sacos, redes ou qualquer outro material que sirva para o disfarce, precavendo-se assim contra a observação aérea do inimigo.



- d) Que o uso da lanterna deve ser proibido, excépto pelas pessoas especialmente autorizadas e, neste caso, protegidas por anteparos especiais (papel celofane azul ou vermelho). Só será permitido o tráfego de veículos com luzes noturnas regulamentares (farois com a metade superior pintada). Outras luzes, fogos e cigarros não serão permitidos.
- e) Que os observadores inimigos lançam luzes para focalizar as nossas posições, bivaques ou colunas em marcha e que, neste caso, são aplicáveis os mesmos principios de disfarce contra as vistas e os fogos da aviação inimiga.
- f) Que a protecção individual contra as metralhadoras e bombas fica melhor assegurada quando o homem se deita de bruços, constroe abrigos individuais ou procura valas, fossos ou cobertas.  
Entretanto, os homens devem evitar a reunião numa só trincheira ou fosso, proporcionando alvos enfiados. A preocupação fundamental deve ser o da dispersão sobre uma certa area, concentrando o fogo de todas as armas sobre o avião.
- g) Quando o ataque se faz em vôo baixo, a não ser que o soldado tenha ordens especiais em contrário, deve abrir fogo com todos os fuzis-metralhadoras, metralhadoras e até pistolas. Sua posição pode ser de bruços, de joelhos ou de costas, dependendo da conformação do terreno, porem será tal, que possa abrir fogo eficaz contra os aviões.
- h) Além do piloto, existem muitas partes no avião, como as helices, os motores e tanques de gasolina, que são vulneráveis ao armamento portátil.
- i) Que os aviões de mergulho são relativamente, alvos fáceis para o soldado, calmo e treinado.

##### 5 — Explicação e trabalhos práticos

- a) Missão e emprego dos vigilantes do ar.
- b) Sinais sonoros (três toques de apito ou corneta, três disparos de fuzil ou outro sinal prescrito pela



autoridade competente) são usados numa pequena area para soar o alarme contra a aviação inimiga que se aproxima.

- c) Instruções sobre o procedimento que devem ter os soldados.

— A instrução explanada no parágrafo 4, acima, é destinada aos soldados de infantaria, cavalaria e divisões motorizadas.

### Terceira Sessão

Duas horas.

Finalidade. Marcha diurna, sistema de alarme, formações de marcha medidas de defesa ativa, ação durante o combate.

Local — Estrada de marcha flanqueada por um terreno variado.

Equipamento: Completo de campanha.

- a) Apoiando-se em uma situação tática que exija uma marcha para atingir a zona do combate, com a possibilidade de ataques aéreos, deve-se conduzir o treinamento da tropa pela seguinte fórmula:

- (1) — Estabelecimento e funcionamento de um sistema de alarme.
- (2) — Formação de marcha (tropas a pé e motorizadas) sobre estradas ou através campo.
- (3) — Medidas de defesa ativa.
- (4) — Conduta da coluna quando atacada.

#### b) Sistema de alarme

- (1) — Os postos de vigilancia aérea, aos pares, são dispostos na vanguarda, flancos e retaguarda da coluna de marcha, para o alarme da aproximação de qualquer avião, mesmo que seja amigo. Os vigilantes do ar

devem operar a uma tal distancia (6 a 10 km.) da coluna, que lhes permita dar o alarme a tempo. São colocados em pontos de fácil observação, transportados por lanternas, em motocicletas ou outros veículos, de um ponto de observação a outro. Nas colunas motorizadas, este método deve ser modificado, estabelecendo-se um cordão móvel de guardas aéreos.

- (2) — Usualmente, os aviões atacantes não são ouvidos nem vistos até que estejam num raio de 10 a 30 segundos de vôo do observador; portanto, o tempo disponível desde que se percebe a aproximação até o ataque, será, provavelmente muito curto. O alarme deverá ser imediato e inequívoco.

Até que um sistema adequado para o alarme seja adotado, deve-se improvisar, aproveitando todos os elementos disponíveis. Atendendo que os aviões voam com uma velocidade equivalente à metade da velocidade do som, torna-se impraticável o uso de uma sinalização sonora para grandes distancias. Os vigilantes do ar devem estar em comunicação com as tropas por meio de artifícios piro-técnicos, telefone, rádio ou qualquer sistema elétrico de transmissões. Para curtas distancias será prevista a sinalização a braços. Os sinais devem ser conhecidos por todo o pessoal de comando.

- (3) — Todos os soldados são treinados nas funções de vigilante do ar, porém serão selecionados os mais inteligentes, afim de trazer maior segurança à tropa.

Nas colunas a pé, cada pelotão deve destacar vigilantes para sua própria segurança. Será um sistema satisfatório, destacar qua-



tro homens por pelotão: um adiante, e dois no centro, observando à direita e à esquerda e um à retaguarda; prevendo-se mais quatro outros para as substituições. Os homens designados devem observar com a mesma intensidade, tanto nos altos como durante as marchas.

- (4) — O alarme deve ser dado no regimento por um dos seguintes meios:

Vigilantes do ar

Aviões de ligação.

Rede anti-“tank” de alarme, usando rádios do tipo S C R 245.

Rede rádio do comando imediatamente superior.

- (5) — Um sistema interessante de alarme para o regimento, consiste em estabelecer uma rede de rádios com o SCR 284 (ou substitutos), utilizando os destacamentos de vigilantes do ar que se encontram operando a certa distancia da coluna, batalhões ou transportes e então, das vizinhanças da rede-rádio estabelecida, transmitir às unidades menores, por meios pirotécnicos ou por alto falantes portáteis, similares ao SCR 195 e SCR 536 ou ainda, por meio de pre-estabelecidos sinais visuais e sonoros o alarme deve ser também transmitido aos comandos superiores.

- (6) — Comparando-se as distancias percorridas e as velocidades das colunas motorizadas com as das colunas a pé, veremos que nas primeiras o problema será muito mais complexo. Tanto a rede-rádio, como os siste-

mas de alarme, são similares aos aplicados nas colunas a pé, porém adequados à velocidade da coluna. Um processo eficiente será o seguinte:

Quatro homens em alerta no corpo de viatura.

O chefe da viatura, geralmente um graduado, em ligação pela voz e pela mão com o motorista e postado no canto esquerdo observará para a frente e para a esquerda; outro homem no canto direito vigiará para a frente e para a direita; dois na parte posterior, observarão respectivamente, para retaguarda e à direita e para retaguarda e à esquerda. Torna-se necessário prever as substituições.

- (7) — Em uma coluna blindada, cada veículo possui um rádio receptor e portanto, todos os elementos são alertados simultaneamente. Os "tanks", devido às blindagens e à baixa visibilidade, estão dispensados da colocação de observadores.

### c) Formações de marcha:

- (1) — A eficácia dos ataques aéreos aumenta proporcionalmente à densidade das formações da tropa atacada. Em todas as situações e quando for possível um ataque inimigo, os intervalos e distâncias entre as unidades serão aumentados e, além disso, adotar-se-á uma formação irregular. A dispersão será a máxima admissível para o cumprimento da missão terrestre. Quando a coluna marcha sob a ameaça de um ataque aéreo, as tropas a pé marchar



em "coluna por dois", cada fila de um lado da estrada, mantendo uma distância aproximada de 25 metros entre os pelotões e de 50 metros entre as companhias. Todas as armas estarão carregadas e as que se acham sob reparos, devem estar em posição anti-aérea.

Os veículos que conduzem tropas ou armas automáticas, conservarão as capotas arriadas. Tanto quanto a situação permita, os veículos devem se deslocar por lances, de uma coberta para outra e fóra da estrada. Deve-se tirar partido da mobilidade de certas viaturas para se locomoverem através campo.

- (2) — No movimento motorizado, a dispersão se efetua aproveitando a vantagem das estradas paralelas que possam ser utilizadas pelo comando. Dentro da coluna ou colunas, a dispersão se obtém pelo uso das "colunas abertas": — A distância entre os caminhões será de 100 a 300 metros. Uma densidade de 10 veículos por milha, trará uma adequada segurança, exceto no caso em que o inimigo possua completa superioridade aérea, podendo lançar aviões isolados para o ataque. A velocidade de marcha deve ser mantida, tanto quanto possível, entre 45 a 60 km. por hora e todo o esforço deve tender a evitar congestões no tráfego, quando algum veículo fizer alto.
- (3) — Para facilitar o comando, a integridade tática das unidades deve ser mantida. A menor sub-divisão nas colunas motorizadas é o grupo de marcha, com cerca de 25 veí-

culos, ou seja, o efetivo duma companhia de fuzileiros. O elemento seguinte é, geralmente, formado por 3 ou 4 grupos de marcha e constitue o batalhão. A coluna é composta de vários batalhões. A testa é a cauda dos grupos de marcha e batalhões devem estar assinalados.

(4) — Deve ser estabelecido um intervalo de tempo entre os grupos de marcha e os batalhões; por exemplo, um minuto entre os últimos.

(5) — A velocidade de uma coluna motorizada implica na necessidade da distribuição das armas anti-aéreas entre os grupos de marcha, para dar uma adequada cobertura aos movimentos por lances.

d) Medidas de defesa ativa. O comandante da coluna coordena a disposição de suas armas anti-aéreas, orgânicas, para a defesa ao longo da coluna. Como regra, as armas orgânicas são dispostas para a cobertura dos elementos aos quais pertencem e, assim, as armas anti-aéreas da artilharia de campanha, darão sua segurança às respectivas baterias e grupos e acidentalmente cobrirão outras unidades.

e) Conduta da coluna durante o ataque.

Todos os membros da unidade precisam ser instruídos sôbre o seguinte:

(1) — Ao soar o alarme aéreo, as tropas a pé abandonam as estradas e procuram abrigar-se. E si, não estiverem proibidas pelos comandos imediatos, abrem fogo tão logo o inimigo se encontre ao alcance de suas armas.



(2) — Todos os veículos são conduzidos para os lados da estrada e imobilizados; e, si o terreno permitir, afastados o mais possível afim de clarear a zona de impactos. Pelotões préviamente designados estão a cargo das armas anti-aéreas montadas sôbre as viaturas. As demais tropas abandonam os veículos e procuram se dispersar pelas cobertas do terreno.

Si não estão proibidas de agir pelos respectivos comandos, rompem fogo tão logo o avião inimigo esteja dentro do alcance eficaz de suas armas.

Ninguém deve se afastar demasiadamente do veículo a que pertence, afim de retornar rapidamente ao seu lugar logo que cesse o ataque.

(3) — No caso de ataque sem alarme prévio, os veículos se detêm e os homens que não guardam as armas automáticas, saltam e dispersam. O fogo é aberto por todas as armas, logo que o inimigo se encontre no alcance útil de cada uma. Isto se fará sempre e quando não haja proibição em contrário.

(4) — As viaturas serão conduzidas à posições protegidas, caso o tempo não seja um fator vital na marcha e si a natureza do ataque permitir.

(5) — A decisão de prosseguir na marcha pertence ao comando, que levará em consideração a possibilidade de outro ataque, antes de retomá-la no menor tempo possível.

(6) — Nas colunas mecanizadas, as blindagens oferecem proteção suficiente contra os esti-

lhaços e por isto ha uma tendência sensível na opinião dos officiais, em considerar que é preferivel avançando e manter durante a marcha o fogo das armas automáticas.

### Quarta Sessão

Duas horas.

Finalidade — Marcha noturna, medidas secretas, conduta da coluna ao ser iluminada e procedimento em caso de ataque.

Local e equipamento — Identico ao da 3.<sup>a</sup> sessão.

8. —

a) Utilizando-se uma situação tática que requeira uma marcha noturna para o combate, na qual a coluna possa ser iluminada ou atacada pela aviação inimiga, o treinamento da tropa será conduzido pela maneira seguinte:

(1) — Medidas secretas tomadas antes, durante e depois da marcha.

(2) — Sistemas de alarme.

(3) — Conduta da coluna ao ser iluminada.

(4) — Procedimento em caso de ataque.

b) Medidas secretas tomadas antes, durante e depois da marcha:

(1) — Em marcha tática à noite, o segredo assume um papel fundamental. Portanto, as medidas tomadas para preservar o segredo na preparação, durante e depois da marcha são de importancia vital. Qualquer erro neste sentido, será um convite para



a aviação inimiga. Além do mais, poderá revelar os propósitos de marcha e portanto anular seus efeitos.

(2) — Si o reconhecimento de dia for possível, será realizado em veículos isolados e largamente espaçados. Si forem colocados balisadores antes da marcha, eles precisam estar ocultos durante o dia e não acenderão luzes à noite, sem autorização do comando. Antes de escurecer, toda atividade que possa ser observada e interpretada como preparativos de marcha, será proibida. Si o antigo estacionamento for conhecido pelo inimigo, deve-se simular uma atividade normal durante a noite.

(3) — As medidas para preservação do segredo durante a marcha noturna e estacionamento, incluem as seguintes:

a) — Proibição de fumar.

b) — As luzes são proibidas, exceto: luzes de marcha autorizadas tais como lanternas protegidas (por vidros vermelhos ou azues) e conduzidas por indivíduos autorizados.

c) — Os rádios permanecem calados e as irradiações restringidas, exclusivamente, aos alármes aéreos.

d) — Os fuzis devem estar descarregados.

(4) — No final da marcha o comando disporá sôbre o disfarce do estacionamento, providenciando quaisquer preparativos para o dia, com a necessária antecedência.

c) Alarme anti-aéreo:

Um sistema de alarme é estabelecido à noite, dispondo-se vigilantes do ar na testa e na cauda de cada um dos batalhões, bem como nos destacamentos de segurança: vanguarda e flanco-guardas. Estes vigilantes necessitam estar em ligação pelo rádio com o comandante da coluna. Se existir um sistema de alarme através do qual se mova a coluna, seu comandante estabelecerá uma ligação, pelo rádio, diretamente com este trama. Da mesma forma manterá contacto com os aviões que operam com a coluna.

d) Conduta quando a coluna é iluminada.

Se a coluna for iluminada, tanto os veículos como a tropa, farão alto até que cesse o efeito de deslumbramento. As tropas se abrigam durante este período.

e) Ação durante o ataque.

Quando as tropas são atacadas durante a noite, abandonam as estradas e em silêncio procuram os abrigos naturais do terreno; sómente o pessoal previamente designado abre o fogo. As viaturas fazem alto e são afastadas da estrada.

### Quinta Sessão

Três horas.

Finalidade: Marcha diurna.

Local e equipamento: O mesmo da sessão anterior.

9 —

- a) A instrução neste período, é a continuação da do terceiro, incluindo as medidas de segurança anti-aérea, utilizadas pelas tropas durante a marcha diurna.



**b)** Este período pode compreender:

(1) — A correção dos erros notados durante o terceiro período.

(2) — O desenvolvimento das medidas de segurança anti-aérea, que vem sendo estudadas.

(3) — A prática destas medidas de segurança.

**c)** Aviões representando aparelhos de observação amiga, podem operar com as tropas na rede de vigilância, fornecendo meios adicionais na descoberta da aviação inimiga e na transmissão de alarmes.

**d)** A situação tática preparada para este período, requer a passagem da coluna através de desfiladeiros com aumento da atividade aérea inimiga, obrigando a realização de marchas através campo.

### Sexta Sessão

Três horas.

Finalidade: Marcha noturna sob direção do comando superior.

Local e equipamento: Completo de campanha.

10 —

**a)** O treinamento neste período, consiste em uma prova levada a efeito pelo comando imediatamente superior, das medidas de segurança anti-aérea empregadas durante uma marcha noturna.

**b)** (1) — A situação tática requer uma tropa que efetue uma marcha noturna, desde um estacionamento mantido em segredo, até uma área de reunião preparatória para o combate diurno.

- (2) — Os limites da area dentro da qual vão operar as tropas em movimento, bem como o tempo de duração da marcha, são levados ao conhecimento da aviação que representará a atividade aérea inimiga.
- c) Este exercício será usado como verificação da instrução da tropa, segundo os seguintes pontos de vista:
- (1) Medidas secretas tomadas antes da marcha.
  - (2) Medidas secretas tomadas durante a marcha.
  - (3) Conduta da coluna quando iluminada.
  - (4) Conduta da coluna quando atacada.
- d) O exercício terminará com uma crítica que compreenda a eficiência das medidas de segurança adotadas pela tropa, durante a situação tática criada.

## Biblioteca de "A Defesa Nacional"

### Livros à venda:

Notas sobre o Emprego do Batalhão no Terreno — Cmt. Audet . . . . .	Cr\$ 4,00
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré . . . . .	Cr\$ 9,00
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino . . . . .	Cr\$ 16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade . . . . .	Cr\$ 11,00
O Oficial de Informações — Trad. Major José Horacio	
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe . . . . .	Cr\$ 7,00
O Livro do Soldado — Cel. Araripe . . . . .	Cr\$ 7,00
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia . . . . .	Cr\$ 6,50
Garcia . . . . .	Cr\$ 7,00
Organização de Competição entre Equipe — Cap. Jair J. Ramos . . . . .	Cr\$ 3,00
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza . . . . .	Cr\$ 2,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira . . . . .	Cr\$ 5,00



109

# OPERAÇÕES DE ENGENHARIA *contra* CARROS DE COMBATE

P. PETROV, Tenente Coronel do Exército Soviético

Tradução do "THE MILITARY ENGINEER" de Setembro de 1943

Por MARIA MARIANTE FERREIRA

O fracasso da ofensiva Alemã no front de Belgorod em princípios de julho deste ano, é mais uma confirmação das crescentes qualidades de combate do Exército Vermelho.

Esforçando-se por fazer uma brécha nas defesas soviets, os alemães arremeteram milhares de carros de combate, centenas de aviões, grande número de peças de artilharia e outras armas modernas, contra um pequeno setor do front.

Os aviadores, artilheiros, soldados de infantaria, de carros de combate e sapadores ofereceram-lhes resistência tal que, o comando alemão foi obrigado a abandonar os seus planos de ofensiva. As unidades de Engenharia do Exército Vermelho, com os recursos de que dispunham, desempenharam na luta importante papel.

Muitos prisioneiros alemães (aviadores e soldados de carros de combate) declararam que seus carros eram explodidos pelas minas soviets. Um oficial de carro de combate, prisioneiro (um oberleutenant) disse: "Nossas perdas de carros de combate em seus campos de minas, são terríveis. Nunca pensamos que os Russos pudessem colocar tantas minas".

A extensão das areas minadas pode ser julgada pelo fato de, uma posição, somente as linhas de fóra, terem em cada quílometro do front, 2.000 minas anticarro.

Os obstáculos construídos pelos engenheiros foram de grande eficiencia na luta contra os carros de combate inimigos. Aque-



Fuzileiros Soviets anticarro inutilizam um carro Alemão

les os detiveram, permitindo um fogo mais eficiente da Artilharia, para destruí-los.

Esta foi a causa mais frequente do fracasso do ataque alemão.

As minas e os obstáculos de fogaça também infligiram graves perdas nas máquinas e tropas inimigas.

A experiencia mostrou a necessidade de coordenar os trabalhos de engenharia com o sistema de defesa da artilharia e de armas portateis. Todos os obstáculos de engenharia devem ser construidos dentro das zonas cobertas pelos fogos da artilharia e daquelas armas. As únicas exceções são córtes de estradas e campos de minas em fóssos, florestas e nos arredores de cidades onde as minas e fogaças são deixadas separadamente ou em pequenos grupos, bem disfarçados, como surpresas para o inimigo.

Considerando obstáculos como represas e diques, pôde-se dizer como resultado da consideravel experiencia de batalha: estes obstáculos são eficientes quando combinados com o fogo da artilharia, de flanco e dirêto, e de armas portateis ou quando eles são de grande profundidade e extensão. Em certos casos, represas e diques são não sómente inúteis como perigosos porque as tropas e carros de combate inimigos concentram-se sob o abrigo que eles lhes proporcionam.



Durante a luta no front de Belgorod houve muitos casos de ataques de carros de combate inimigos, repelidos por uma combinação de campos de minas e fogo de artilharia. Aqui temos dois exemplos.

A infantaria inimiga auxiliada por 20 carros de combate atacou uma posição soviética perto de uma cidade. Depois de explodidos cinco carros de combate nos campos de minas, o ataque foi repellido pelo fogo de artilharia.

Em outro setôr, numeroso grupo de carros de combate alemães, foi detido num campo minado ; pela explosão de muitos, originou-se confusão entre o inimigo. Os artilheiros tomando vantagem da situação destruíram 25 carros de combate e o ataque foi repellido. Os sapadores algumas vezes recorreram ao seu proprio fogo para cobrir seus obstáculos e minas.

O Major Barkos, dos sapadores, explodiu uma ponte num importante setôr e durante cerca de 24 horas com seus homens, impediu o inimigo de repara-la e efetuar uma passagem. Os sapadores fuzileiros comandados pelo sapador Peckenkin destruíram quatro carros de combate inimigos num campo que haviam minado previamente.

Em operações recentes, pequenos destacamentos de sapadores provaram sua eficiência atuando como destruidores de carros de combate. Eles permaneceram ocultos em certas linhas mais próximas dos carros inimigos e, quando estes apareceram, deixaram rapidamente pequenos grupos de minas. Usam também outros métodos como os de atirar minas sob os carros de combate que avançam e de sob os mesmos de posições cobertas. Estes métodos de luta requerem especial firmeza, coragem e habilidade. Um grupo destes destruidores, sob o comando do Tenente Karpow, ficou de emboscada nas linhas mais proximas dos carros de combate alemães e destruíram três, fazendo explodir minas em baixo deles.

Em alguns lugares o inimigo removia durante a noite os carros danificados, mas não destruídos, para manda-los de volta às suas bases para reconstruções. Os sapadores decidiram por um fim a isto: um grupo especial com explosivos e garrafas



incendiarias rastejou até os veículos imobilizados e destruíram-nos completamente.

Durante as operações em Belgorod os sapadores do Exército Vermelho contribuíram muito para derrota do inimigo e destruição do seu equipamento.

## TREINAMENTO EM TERRAS MINADAS

De acordo com os planos atuais do Ministério da Guerra, cada soldado em treinamento numa divisão de forças terrestres receberá instrução individual no manejo de todos os tipos de minas inimigas.

Chamando as minas anticarro, ou contra pessoal e as armadilhas de “as novas armas do campo de batalha” o Tte. General Sesley Mc. Maix, Comandante Geral das Forças de Terra declarou que os Alemães estavam usando minas “em prodigiosa quantidade”.

“Minas, por certo não são novidades” disse ele “mas a maneira como eles as estão usando nestas operações torna-as quasi que uma nova arma de combate”.

O General Mc. Maix disse que será dada uma instrução intensiva sobre o caso, em divisões e certas unidades que completaram as manobras. Cada combatente e unidade de serviço serão treinados nas precauções a serem tomadas nas vizinhanças de minas e armadilhas; e nos diferentes processos empregados na sua localização e remoção. Todos os pelotões e unidades de combate serão treinados no lançamento de minas e na descoberta de campos minados pelo uso de bastões de provas e outros métodos.

Será dado adicionalmente um treino de especialização para unidades de combate de engenharia, pelotões de infantaria, de pioneiros e pelotões de minas anticarro.

A instrução incluirá a colocação, marcação e registro de campos minados, reconhecimento dos tipos usados pelas tropas amigas e inimigas, a técnica de neutralização de todos os tipos e reconhecimento dos campos de minas.



# LIVROS NOVOS

**A CULTURA BRASILEIRA — Introdução ao estudo da cultura no Brasil — FERNANDO DE AZEVEDO — Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística — 1943.**

Esta obra constitui o primeiro volume da "Série Nacional" destinada a publicar os resultados do Recenseamento Geral de 1940. Vem a ser a **Introdução** a essa "Série", que abrangerá "tantos volumes quantos os censos executados — demográfico, agrícola, industrial, comercial, dos transportes e comunicações, dos serviços e social".

Confiou-a a "Comissão Censitária Nacional" ao Prof. Fernando de Azevedo, e só isso já indica o valor da obra. Trata-se, com efeito, de um estudo dos mais densos e completos que já se produziram sobre a formação brasileira.

Começa o sociólogo por discutir o conceito de cultura, para colocar-se, por fim, dentro da concepção clássica, francesa e alemã, enunciada por G. Humboldt, quando define civilização "por tudo que, na ordem material, no desenvolvimento dos costumes e na organização social, tem por efeito tornar os povos mais humanos nas suas instituições e na sua metalidade, consideradas em relação a essas instituições", enquanto "reserva a palavra **Kultur** para designar uma nuance de refinamento, marcado pelo estudo desinteressado das ciências e das artes". Assim, a cultura estará no âmbito da civilização, será, na expressão de P. A. Bastide, citado pelo Prof. Fernando de Azevedo, "a parte da inteligência na obra da civilização".

O estudo sobre "A Cultura Brasileira" é, pois, uma obra de extraordinárias proporções. Como explica o autor, "incide diretamente sobre a produção, a conservação, e o progresso dos valores intelectuais, das idéias, da ciência e das artes, de tudo enfim que constitui um esforço para o domínio da vida material e para a libertação do espírito. E, como o nível social e espiritual dos intelectuais, sábios, pensadores e artistas, não é somente imputável a certas superioridades bio-psicológicas estritamente ligadas à natureza individual, mas à intensidade de ação maior ou menor das influências civilizadoras, e em consequência, como não pode haver criação espiritual onde falem estímulos à vida do espírito ou não são suficientemente apreciados os valores espirituais, o estudo da cultura, na variedade de suas formas, como na sua extensão e na sua intensidade, é, por si mesmo, uma luz viva que se projeta sobre a natureza, a força e o grau de uma civilização.



Esse estudo que forma como que o cerne ou a medula da obra, é precedido de uma análise dos fatores de toda ordem que condicionam a produção dos fenômenos culturais, científicos e estéticos, e contribuem, portanto, para explicá-los; e seguido de uma exposição das instituições educacionais, de ensino geral e especializado, destinadas à transmissão metódica da cultura sob todos os seus aspectos”.

Nessas condições, o Prof. Fernando Azevedo desdobra o seu estudo em três partes distintas: na primeira passa em revista os fatores da cultura — o país e a raça, o trabalho humano, as formações urbanas, a evolução social e política, a psicologia do povo brasileiro; na segunda parte estuda a cultura propriamente: instituições e crenças religiosas, a vida intelectual, as profissões liberais, a vida literária, a cultura científica, a cultura artística; por fim fixa a transmissão da cultura: o sentido da educação colonial, as origens das instituições escolares, a descentralização e a dualidade de sistemas, a renovação e a unificação do sistema educativo, o ensino geral e os ensinos especiais.

Só essa especificação da matéria dá uma imagem da extensão do volume. Quanto ao seu teor, de parte a garantia natural oriunda do nome do Prof. Fernando de Azevedo, forneceremos algumas amostras, mais, porém, com a intenção de vulgarizar certas idéias essenciais referentes à nossa formação.

Guardemos, por exemplo, essa aguda observação sôbre o processo que teria atenuado as enormes distâncias sociais criadas pela economia escravocrata que durante três séculos foi a base da vida brasileira:

“E’ sobretudo do movimento das populações, pela troca incessante de influências, como da mistura de raças, pela hereditariedade, que as classes e as suas diferenças se atenuam, tanto pelas assimilações dos indivíduos que separavam, como pela diferenciação dos indivíduos que encerravam”.

E atente-se para esta fixação de certos reflexos da atividade bandeirante e pastoril:

“Vivendo quasi à lei da natureza, grande parte do tempo longe dos seus lares, e afastados de milhares de quilômetros da civilização litorânea, essa raça de mamelucos autoritários e valentes, habituados a contar consigo mesmos, plasmavam, na atmosfera livre dos sertões, a matéria social mais favorável à constituição de um direito mais individualista de certo modo e mais igualitário. Nas zonas de criação, o contacto direto que estabelecia o sistema de trabalho, entre os trabalhadores, geralmente poucos, e o patrão, colocados em plano de igualdade ou, ao menor, de camaradagem, as maiores exigências de natureza técnica que decorrem da atividade dos piões e de vaqueiros e o fato de serem, por via de regra, livres os trabalhadores da zona pastoril, reduziram consideravelmente a distância social entre os criadores de gado e os seus servidores.



Sob o ciclo do ouro, que aglutinou no planalto uma densa população, instável, heteragenea, aventureira, imprópria à estratificação de uma hierarquia social, desenvolve-se, observa o Prof. Fernando de Azevedo, "o espírito de liberdade e de emancipação política".

Ainda sobre o bandeirismo vamos encontrar outras sutis definições, como aquela em se estabelece o seu papel na unidade nacional, por um lado fenômeno dissociativo, com tendência a desagregar as populações, disseminando-a, em estilhaços, pela vastidão territorial, de outro, porém, fator de assimilação e fusão dos grupos, determinando, pela intensidade e frequência dos contactos, com as migrações internas, uma decisiva troca de influências.

Chegando ao terreno das realidades presentes, as lições do Prof. Fernando Azevedo têm o mesmo caráter profundo e superior. Admite que o federalismo era a melhor maneira de assegurar a unidade nacional, tendo em conta que somos um povo de formação étnica e estrutura social heterogeneas, e que as antigas Províncias, apartadas por imensas distâncias, assentadas em meios físicos diversos, se haviam desenvolvido em regime de autonomia administrativa e franco particularismo econômico. E, apreciando os "fenômenos de transformações técnicas e industriais e de concentração coletiva, que se produzem em pontos esparsos do território, nas imediações do litoral", assinala uma verdade pouco notada e menos ainda refletida, isto é, que esses fenômenos "antes de servirem de instrumentos de assimilação das populações, começaram por acentuar as causas das diferenças econômicas e culturais que as desenvolvem em planos diversos de prosperidade e são ligadas, em grande parte, às diversidades de condições físicas, climáticas e demográficas".

Aí está. "A Cultura Brasileira" vem a ser, como vê, uma obra excepcional, no plano, na idoneidade, na substância. Acrescente-se o valor da sua copiosa documentação fotográfica, que abrange todos os aspectos da vida nacional e é, talvez, como técnica e bem gosto, a melhor coisa que já se realizou no Brasil.

Tudo isso leva a uma desconsolada reflexão final: que pena uma obra desse quilate, dessa importância, desse alcance, ter sido feita em edição tão restrita! Que pena! E' verdade que a edição é de luxo, mas cumpria, elementarmente, tirar uma edição paralela, numerosa e acessível. Como se fez, "A Cultura Brasileira" nasceu preciosidade bibliográfica.

**O LIVRO DO CARRO DE COMBATE — CAP. KURT KAUFFMANN — Tradução do CAP. FREDERICO NETO DOS REIS PIMENTEL — Biblioteca Militar — 1943.**

Os leitores militares reclamavam, com indisfarçada impaciência, a falta de bibliografia sobre os carros de combate. Nada mais justo,



pois que esses engenhos assumiram um papel decisivo na atual guerra, desfazendo com o argumento definitivo dos fatos, no campo de batalha, todas as dúvidas ou prevenções que os teóricos levantavam baseados em especulações que não podiam prevalecer, como não prevaleceram, em face dos soberanos recursos da técnica moderna. E eis que “na Polónia e na campanha do Oeste — são palavras do Cap. Kurt Kauffmann — arrancaram as divisões couraçadas sucessos decisivos para a atual guerra. Aquilo que nenhuma arma conseguiu obter, a nossa obteve ao iniciar o seu emprego: a rutura da frente inimiga, e isto, graças aos movimentos das nossas Divisões Couraçadas. Essas Divisões obtiveram, por meio de operações de rutura, o cerco de Exércitos completos inimigos e prepararam de tal modo a situação para o seu aniquilamento, que conseguiram, em consequência uma rápida solução vitoriosa para estas campanhas da guerra atual”.

Mas, com boas razões, não se devia, nem se deve contar com obras sôbre carros de combate enquanto durar a guerra. Só depois de tudo passado será possível aos escritores militares reunir dados completos e verdadeiros sôbre essa magna matéria, presentemente em plena evolução e tercada de mil escamoteios por parte de cada grupo beligerante. Seguramente algumas novidades importantes ainda surgirão no domínio dos carros de combate até o fim da luta. Por ora devemos contentar-nos com a documentação fornecida pelas revistas militares, que tem, aliás, a desvantagem de ser ministrada em doses arbitrarías, de valor desigual, e deixa quasi sempre largos claros no estudo dos assuntos.

“O livro do carro de combate”, traduzido pelo Cap. Frederico Neto dos Reis Pimentel, não invalida essas considerações. E’, rigorosamente, um manual de instrução para as guarnições e os Pelotões de Carros de Combate. Nesse caráter, seu valor e seu interesse são máximos, até porque, sabidamnte, uma boa parte do sucesso germânico, nas etapas iniciais desta guerra, foi devida ao alto grau de treinamento dos seus soldados.

O próprio livro adverte sôbre a importância da instrução:

“A instrução cuidadosa da guarnição de um carro de combate isolado é a base para toda a instrução das formações mais numerosas (Pelotão, Companhia, etc.)”.

“Esta instrução baseia-se, logicamente, no conhecimento da instrução de condução dada ao motorista do carro de combate; no conhecimento das torres com suas armas; na técnica do tiro (deve ser primorosamente conhecida pelos atiradores do carro); no comando do fogo e emprego das diferentes cargas; e finalmente nos fundamentos da instrução de radiotelegrafia e radiotelefonía”.

Notar-se-á aí uma frisante recomendação quanto à instrução técnica de tiro, e é grato dizer que a Escola de Moto-Mecanização, entre



nós, se havia antecipado na ampla adoção desse critério, pois desde muito, aquela parte da instrução vem recebendo lá a maior atenção e desenvolvimento, primeiro a cargo do Major Anaurelino dos Santos Vargas, autoridade consagrada e além disso um grande didata, como poucos haverá no Exército, depois sob a direção do Cap. Sadí Toledo Cirne, seu competente e interessado continuador.

Ainda no terreno geral da instrução prescreve o "Livro do Carro de Combate:

"O comandante do carro deve estar a par de toda a atividade da guarnição, e, como soldado mais antigo, estar em situação de instruir e comandar do seu carro de combate. Na maioria dos casos, ele veio para este posto em consequência da sua classificação na **instrução de tiro e de combate**". (O negrito é nosso).

Serviço imenso prestou o Cap. Frederico Pimentel. A obra por ele traduzida não é da categoria daquelas que se vulgarizavam entre nós nos enganosos tempos dos "blitzkriegs", e que traziam no bojo menos a intenção de instruir-nos do que de seduzir-nos... Esta é uma obra rigorosamente técnico-militar. Objetiva, direta, essencial, basta dizer que é feita sob o excelente sistema de figuras certas e erradas. Os instrutores das nossas pequenas unidades blindadas terão nela um roteiro seguro e fácil, que conduzirá, certamente, a extraordinários resultados.

Encerrando este registo trasladaremos alguns princípios fundamentais lançados no capítulo inicial:

"Uma Brigada Couraçada é uma força preciosa e cara; ela só deverá ser empregada quando um sucesso definitivo tenha que ser obtido".

"Se o terreno for desfavorável ou muito fortificado, torna-se necessário que a sua travessia seja feita previamente pela infantaria, que com seus próprios meios deverá conquistar esta passagem".

"O objetivo dos carros de combate é a rutura profunda. Obrigá-los a acompanhar a infantaria, é roubar lhes a velocidade, e tornar possível ao inimigo tomar medidas de contra-ataque. O emprego sobre os pontos fracos, de preferência nos flancos do adversário, é o segredo do seu sucesso".



## Uma opinião valiosa

O jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos autorizados órgãos da Imprensa Brasileira, publicou a nota que, com os nossos mais cordiais agradecimentos, reproduzimos a seguir:

— “Cada vez se torna mais importante, nas atividades de homem moderno, a função das publicações técnicas. É, mesmo, hoje, através das revistas especializadas, que são veículos renovadores acessíveis e atuais, que os técnicos se podem manter em dia com os conhecimentos novos e os contínuos avanços de suas especialidades, notadamente no setor militar. É por intermédio dessas publicações, de diversas origens ou procedência, que nos informamos sobre o que aparece de novo na técnica e tática postas em ação pelos exércitos que guerreiam, como, também, pelo testemunho dos combatentes, conjunto que forma a célula informativa consubstanciada na revista militar.

O elevado nível profissional do nosso brilhante corpo de oficiais determina uma enorme e interessada curiosidade, por parte deles, com relação a essas leituras, pois que a nossa oficialidade pôde considerar-se das mais aparelhadas, intelectualmente, vindo de longa data sua familiaridade com a melhor bibliografia militar do mundo.

Já nos abeberamos em todas as fontes, mas, agora, instalado nos Estados Unidos o maior e mais avançado núcleo de preparação militar do Universo e dada a nossa posição geográfica e a nossa condição moral, devida através de uma esclarecida política internacional, o centro de nosso interesse deslocou-se e é de grande país aliado que recebemos tôda a bibliografia militar, através da qual estamos acompanhando o incessante desenvolvimento dos métodos de combate, das novas armas e dos demais meios postos, cada dia, a rudes provas. Acontece, porém, que a diferença das línguas, produzindo uma reduzida cir-



culação das publicações americanas, as dificuldades atuais de transportes e outros óbices já são por isso obstáculos limitadores, em extremo, da difusão desses conhecimentos. O proveito diréto da bibliografia estrangeira só estará, pois, ao alcance, por largo tempo, de uma pequena minoria.

Compreendendo essa lacuna, não hoje, mas com uma supervisão que recua três décadas, um grupo de oficiais do nosso Exército, retornando, então, de profícuo curso de estudos teóricos e de prática, em países do Velho Mundo, organizou a "Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual" "A Defesa Nacional", que não tem finalidades comerciais ou de lucro, mas, com a sua própria denominação indica, contribuir para o aperfeiçoamento da cultura geral e dos conhecimentos profissionais dos nossos militares em geral. Como órgão por excelência dêsse trabalho de cooperação intelectual, além da sua editora de livros, a organização possui "A Defesa Nacional", fundada e dirigida pelos valores mais representativos da classe e que tem, em luta brava, superado tôdas as dificuldades materiais, transposto óbices sem conta, oriundos de incompreensões, de vaidade ou de interêsses contrariados, mas intransigentemente fiel ao supremo objetivo de servir o Exército e elevar o nível de cultura da sua oficialidade.

Não é, pois, "A Defesa Nacional, simplesmente um órgão do jornalismo periódico e ao entrar no seu trigésimo ano de profícuo atividade não se assinala, apenas, uma data da imprensa, mas regista-se um acontecimento que diz de perto com o preparo do país para a guerra, nestas horas em que, mais do que nunca, para se viver em paz se deve estar preparado para a guerra, "si vis pacem, para bellum".

À tarefa que se impuseram os oficiais que a fundaram e a que vêm realizando os elementos de elite escolhidos, sucessivamente para dirigi-la, exige deles um esforço ingente. As compensações morais, porém, não são poucas e "A Defesa Nacional", tem obtido todo o prestígio das altas autoridades da Guerra e separando-se o joio do trigo, ainda que outras publicações dignas de respeito circulam no país, ei-la funcionando em localização adrede preparada, por determinação do emi-



nente Ministro Eurico Gaspar Dutra, na própria séde do Quartel General, ao levantar-se o majestoso edifício da Praça da República, na capital do país.

Explica-se, pois e justifica-se, plenamente, que os seus atuais diretores escrevem com ufania: “podemos dizer, com orgulho, que as nossas páginas são as únicas em que os quadros do Exército Brasileiro encontram, atualmente, verdadeiros elementos de aperfeiçoamento, profissional porque não só, desde o início da guerra, vulgarizamos, através de traduções idôneas, trabalhos de todas as origens, sob a condição de que sejam realmente interessantes, como frequentemente os fazemos acompanhar de comentários esclarecedores, de sorte que o leitor tome conhecimento do novo assunto, do novo problema, já relacionado com as nossas idéias anteriores, com as nossas possibilidades e interesses”.

Sem se limitar a um tecnicismo ferrenho, por mais absorventes que sejam as solicitações estritamente militares da hora presente, a esplêndida publicação do Exército abre sempre espaço para estudos de história, de geografia, economia, pedagogia, matérias que constituem, por sua natureza, a estrutura mesma da ciência militar. Por isso mesmo, atingindo já a uma soma de leitores superior a 50.000, esforça-se, agora, por obter elementos que lhe permitam ampliar essa alta cifra, dando-lhe muito maior valor publicitário e continuando a servir à inteligência do Exército Brasileiro, programa que vem realizando desde o remoto 10 de Outubro de 1913, integrando-se, de forma indissolúvel, ao próprio destino do Exército.

Trienalmente, a Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intellectual elege a sua diretoria. Compõe-na, atualmente, o Coronel Renato Batista Nunes e os Tenente-Coronéis Lima Figueiredo, Djalma Dias Ribeiro e Batista Gonçalves. Esta pleiade de incansáveis batalhadores, pelas medidas que vem pondo em execução, vai inscrever seus nomes, em letras de ouro, nos fastos da história de “A Defesa Nacional”, em suas lutas pela grandeza do Exército Brasileiro”.



# O MAIOR LOUVOR

Caminhando para seu terceiro ano de governo, à frente dos destinos da terra de Piratininga, o sr. Fernando Costa pode apresentar ao exame dos observadores, uma obra administrativa das mais expressivas.

Identificado plenamente com todos os problemas de seu Estado natal, estudioso dos mais ardorosos, com uma longa pratica na arte de administrar, facil foi ao atual Interventor paulista traçar um programa de realizações magnas e, com a solidariedade irrestrita de todas as classes bandeirantes, lançar-se ao cometimento de realizá-lo integralmente.

Hoje, graças a essa decisão e amor ao trabalho que tanto personalizam o sr. Fernando Costa, São Paulo encontra-se mergulhado numa fase de trabalho intenso, valendo-se de todas as suas forças para atender à palavra de ordem do Presidente Getulio Vargas, que é produzir muito, produzir o máximo.

No comercio, na indústria, na lavoura, — desde a capital ao mais recondito pedaço da terra fecunda do café — o trabalho é produtivo, intenso, magnifico, numa exteriorização de quanto podem o patriotismo e a capacidade de realização dos filhos de São Paulo.

Por seu turno, o governo multiplica-se no afan de manter permanentemente calmo e propicio esse ambiente de segurança que, desde sua investidura, ha dois anos e meio, tem sido o cenário esplêndido que se desenha aos olhares de quantos visitam a gleba do "ouro verde". E tendo colimado, cêdo, esse objetivo, poude a administração do sr. Fernando



Costa realizar obras do mais alto alcance para grandeza do Estado líder da Federação. No mesmo ritmo extraordinário das iniciativas particulares, correram e estão correndo os trabalhos governamentais, numa afirmação de que na figura do ex-titular da pasta da Agricultura, São Paulo encontrou o homem de governo capaz de despertar-lhe todas as energias e aproveitar-lhe todos os recursos, que verdadeiramente são imensos.

Não precisamos fazer estatística para pôr em relevo a tarefa vencida pelo Interventor Federal em São Paulo. Todavia, entre outras notáveis iniciativas, podemos citar o Plano Rodoviário, o extraordinário surto verificado no ensino, os moldes novos adotados para a administração bandeirante, o espraiamento que se verificou nos serviços de saúde e assistência social, com a criação de novos estabelecimentos modelos, notadamente aqueles destinados a proteger os atacados da peste branca.

Tudo isso foi feito sem que o Estado prosseguisse na moda antiga dos "deficits", que, não poucas vezes, atingiram cifras astronômicas. Ao contrário, sob a administração Fernando Costa, o Estado conseguiu melhorar grandemente suas finanças, equilibrando-as. E isso de tal modo que, ao chegar ao fim do exercício de 1943, mesmo com a cifra que o orçamento recebeu para o aumento do funcionalismo, desenha-se esse quasi milagre de um "superavit" apreciável, — fato que, por si só, basta para fazer o elogio de um administrador.

Mas a tantos méritos, credenciando o ilustre homem que governa São Paulo, junta-se o galardão de ter sido ele o feliz harmonizador de toda a família paulista. Delegado do Presidente Getulio Vargas, fiel aos postulados do Estado Nacional, o sr. Fernando Costa conseguiu, sem demora, con-



gregar todos os espíritos bandeirantes numa só bandeira, que é trabalhar e lutar pela grandeza do Brasil. Sob seu governo tiveram fim as dissensões, diluíram-se ressentimentos, desapareceram queixas e, numa irmandade emocionante, formando um só bloco, todos os filhos de São Paulo lançaram-se à mais significativa obra de harmonização que se pode apontar como exemplo de brasilidade.

Foi por tudo isso, de certo, que, falando aos homens que cultuam a terra, o Presidente da Republica, referindo-se ao emérito administrador, afirmou:

— “Trouxe-vos para a administração do Estado um homem que saíu da vossa classe, o ruralista e agrônomo, que tem a vossa simpatia e a minha confiança. Trabalhador da terra, como vós, e criador de entusiasmos pelo esforço contínuo, será para nós um precioso auxiliar”.

Esse louvor, que honra e emociona, junto à admiração do povo de sua terra, é o maior prêmio que poderia desejar esse homem sem ambições que é o atual chefe do Executivo paulista.



---

---



**IMPERMEAVEL**

**IREM**  
SINCE 1908

# Calosol

**O PAPEL TRANSPARENTE QUE VESTE UM PRODUTO**  
FABRICAÇÃO NACIONAL  
**PARA BALAS, BONBONS, CHOCOLATES, CONFEITOS ETC.**  
**DE 30 - 45 E 60 GRAMAS POR M<sup>2</sup>**  
**BRANCO - DE CÔR - IMPRESSO**  
EM FOLHAS PLANAS: DE 90 x 100 cm OU DE QUALQUER  
OUTRO FORMATO — EM BOBINAS DE QUALQUER LARGURA  
**S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO**  
PRÉDIO CONDE MATARAZZO - PR. DO PATRIARCA - TEL. 3-5151 - TELEGR. "MATARAZZO" - C. P. 86 - S. PAULO  
FILIAIS E AGENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO BRASIL

---

---



*Eu lhe pedi*  
**AGUA TONICA,**  
*porém da*



**ANTARCTICA**



# NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

## ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

De 20 de Novembro a 20 de Dezembro de 1943

### AFASTAMENTO DE OFICIAIS E PRAÇAS — (alteração de Aviso)

— O afastamento, temporário ou definitivo, de oficiais e praças do território da Região em que servem dependerá de autorização do ministro da Guerra, a qual será solicitada expressamente para cada caso. Fica, por esta forma, alterado o aviso n. 308, de 3 de fevereiro do corrente ano.

(Aviso n. 2893, de 27 — D. O. de 30—11—943).

### APARELHO “SEMIOCARDIOFONO — (adoção)

Em vista da informação do autor em cumprimento ao despacho anterior, é aprovada a adoção do aparelho “Semiocardiôfona”, da invenção do capitão Dr. Moacir Carlos Barroso, lonvando-o pelo espírito de iniciativa e cooperação demonstrado.

(Despacho de 26 de — D. O. de 29—11—943).

### AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (concessão)

— As Companhias dos 7.º e 14.º Batalhões de Engenhos passam a ter autonomia administrativas, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251 de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.897, de 29—11— D. O. de 1—12—943).

— O Quartel General do Comando da Guarnição do Rio Grande passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.918, de 1.º — D. O. de 3—12—943).

— O Hospital Militar de Fernando de Noronha passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.977, de 6 — D. O. de 9—12—943).

### AVISOS SEM EFEITO — (ficaram)

— Com a expedição do aviso número 2.443, de 5 de outubro último, ficaram sem efeito os avisos ns. 1.036 e 1.386, de 20 de abril e 3 de junho do corrente ano, respectivamente.

(Aviso n. 2904, de 27 — D. O. de 30—11—943).

### BATALHÃO DE CAÇADORES — (tipo)

— Em virtude de se achar funcionando um N. P. O. R. no 28.º B. C. (Araucária), e atendendo as ponderações apresentadas pelo comando do 6.ª R. M., passa o referido B. C. do tipo B para o tipo A (Bol. Ex. n. 17 de 23—10—1942).

(Aviso n. 3.061, de 15 — D. O. de 17—12—943).

### BATALHÃO DE GUARDAS — (Banda de música).

— Tendo em vista o aumento experimentado em seu efetivo, fica o Batalhão de Guardas com a sua Banda de Musica constituída a partir de janeiro de 1944, como se vê do quadro publicado no D. O. de 29-11-943.

(Aviso n. 2.868, de 26 — D. O. de 29—11—943).



## Uma administração dinâmica e realizadora

Já quando de sua gestão anterior à frente do Estado do Pará, o coronel Magalhães Barata conseguira dar um novo surto de realizações magnificas à grande terra nordestina. Seu patriotismo e sua honestidade, aliados à sua natural capacidade de trabalho, conseguiram abrir novas perspectivas à administração paraense, notando-se um progresso seguro e incessante em todos os setores da vida nacional.

De tal maneira conduziu-se o brilhante militar à frente do governo do Pará que, sem discrepância, sua passagem pela administração ficou como lembrança permanente e simpática no espirito de todos os bons paraenses, pois o soldado e cidadão se revelára realmente um grande reformador.

Correram os anos. E um dia, com entusiasmo incontido, os paraenses tiveram a ventura de receber, novamente, o coronel Magalhães Barata como governante do Estado que, hoje, pela situação criada pelo fantasma da guerra, desempenha papel da maior importância em prol da vitória das Nações Unidas.

Com mais alguns anos na sua vida toda dedicada ao progresso da pátria, o dedicado administrador e correto militar voltou às funções de governo com maior dóse de conhecimentos apuradas mais ainda suas virtudes de homem público.

Depressa, deu o coronel Magalhães Barata exemplos os mais significativos de que o estagio na tropa não lhe diminuiu os conhecimentos profundos sobre os problemas nacionais e, em particular, do Estado que, atualmente, recompõe-se e cresce sob seu correto e dinamico controle. Ao contrario, o coronel Magalhães Barata, dir-se-á, lançou-se ao trabalho de estudar mais atentamente quais as diretrizes mais apropriadas e efficientes para, como é seu desejo, colocar o Estado do Pará no posto que lhe cabe, por todos os títulos, entre as grandes unidades da Federação Brasileiro.

Seu primeiro cuidado, ao retomar às responsabilidades de chefe do Excutivo paraense, foi iniciar um nobre movimento

(Continua na pág. 129)



## CENTRO D INSTRUÇÃO DE DEFESA ANTE-AÉREA — (instruções)

— O ministro de Estado da Guerra resolve aprovar as Instruções, para “Matrícula no Centro de Instrução de Defesa Anti-Aérea”, em 1944.  
(Portaria n. 5.610, de 24 — D. O. de 25—11—943).

## CENTRO DE INSTRUÇÃO DE ESPECIALIZAÇÃO — (pronuncia)

— Atendendo a que se torna imperativa a necessidade de formar os especialistas de que está encarregado o Centro de Instrução Especializada, com prioridade sôbre todos os demais, resolvo:

a) que não sejam admitidas novas turmas para cursos normais nas Escolas de Transmissões e Moto-Mecanização;

b) que sejam tomadas as providências capazes de abreviar a terminação dos cursos ora em funcionamento, especialmente os da Escola de Transmissões;

c) que todos os alunos oficiais e praças que concluírem os cursos com aproveitamento nessas Escolas, sejam postos à disposição do Diretor do C. I. E.

(Nota n. 1.366, de 6 — D. O. de 8—12—943).

— São distribuídos do modo infra os oficiais dos Serviços do Centro de Instrução Especializada:

Tesoureiro — um capitão

Almojarife — um 1.<sup>o</sup> tenente

Aprovisionador — um 2.<sup>o</sup> tenente.

(Aviso n. 3.043, de 14 — D. O. de 16-12-943)

— O ministro de Estado da Guerra resolve alterar do seguinte modo a redação da alínea a, dos ns. 10 e 11 das Diretrizes aprovadas por portaria n. 5.203, de 11 de agosto do corrente ano, para a Organização e Funcionamento do “Centro de Instrução Especializada”.

N. 10 — Alínea a — “Um subdiretor de Ensino, coronel ou tenente-coronel, com o curso de Estado Maior, que será também o subcomandante.

N. 11 — Alínea d — “Um fiscal administrativo, major do quadro das armas.

(Portaria n. 5.709, de 20 — D. O. de 21-12-943).

## C. P. O. R. e N. P. O. R. — (frequência de aulas)

Tendo em vista facilitar a frequência às aulas aos alunos de escolas superiores quando matriculados nos centros ou núcleos de Preparação de Oficiais de Reserva, resolvo estabelecer para estes últimos estabelecimentos sediados na Primeira Região Militar, o seguinte calendário:

Primeiro período: janeiro a abril;

Segundo período: maio até 15 de agosto.

O período de acampamento deverá ser obrigatoriamente, entre 20 e 30 de junho.

Os dias de 1 a 15 de julho, ficarão à disposição dos alunos.

(Aviso n. 2.816, de 19 — D. O. de 22-11-943).

— Torna extensivo às 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> Região Militar, o calendário fixado pelo Aviso n. 2.816, de 19 de novembro de 1943, para os Centros e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva da 1.<sup>a</sup> Região Militar.

Ficam essas Regiões autorizadas a realizar as adaptações necessárias e de modo sucessivo, para adoção desse calendário, sem prejuízo dos programas de instruções previamente estabelecidos.

(Aviso n. 2.899, de 29 — 11 — D. O. de 1-12-943)



no sentido de dar maior expansão às relações comerciais e culturais entre o Pará e as Guianas, como também com os chamados países amazônicos. Nesse propósito, o brilhante soldado tem desenvolvido os maiores esforços, tendo, felizmente, conseguido já os primeiros e mais significativos resultados.

Fora de dúvida é que desse intercambio comercial, economico e cultural, de que o coronel Barata se fez o propugnador ardoroso e incansavel, resultará, em futuro próximo, proventos extraordinários para o Estado, — resultados esses que, já agora, dão seus primeiros frutos.

Acelerando a produção e o progresso de todos os municipios paraenses, notadamente os fronteiriços, afim de torná-los capazes de participar desse intercambio, o coronel Magalhães Barata os tem visitado amiúde, animando, com sua presença e com suas explanações verbais, os prefeitos e os representantes das classes conservadoras locais a trabalharem com ardor e dedicação para o engrandecimento comum. Nessa peregrinação, que vai de um a outro extremo do Estado, o dinamico administrador tem sido feliz, pois a solução de problemas que demandaria estudo demorado, caso ele se quedasse em Belem, — é resolvida de pronto, com a decisão, clarividencia e presteza, que a administração moderna, num momento, como o atual, impõe e requer.

Por outro lado, na capital, o coronel Magalhães Barata traça outras diretrizes, elabora planos, moderniza os serviços administrativos, afim de emprestar ao mecanismo do Estado o ritmo vertiginoso que a hora impõe, ritmo que ele já conseguiu, quando de sua anterior administração, à custa de não pequenos esforços, de grande dóse de energia pessoal.

Tem sido esta, intensa e fecunda, a tarefa administrativa do Interventor Federal paraense desde que, por designação do ilustre Presidente Getulio Vargas, voltou ao posto que tanto soube honrar. Ajudam-no a vencer tão ingente quanto importante batalha, todas as forças vivas do Pará, simbolizadas em seu ordeiro e laborioso povo e em suas disciplinadas Classes Conservadoras.



**CERTIFICADO DE QUITAÇÃO DO SERVIÇO MILITAR — (concessão)**

— Para a concessão de certificado de quitação ou isenção do serviço militar a brasileiro residente no estrangeiro, o interessado é obrigado:

- 1) a fornecer:
  - a) certidão de nascimento ou certificado de inscrição consular, mencionando filiação data e lugar de nascimento (município e Estado);
  - b) três fotografias de frente, 3x4;
  - c) sinais característicos individuais (identificação);
- 2) a pagar as multas e taxa militar em que haja incorrido.

Quando a Chefia da Circunscrição de Recrutamento verificar que o interessado incorreu em multa e taxa militar, ou nos crimes de insubmissão ou deserção, limitar-se-á a restituir os processos, fazendo menção de tais circunstâncias.

Organizados os certificados de quitação ou isenção do serviço militar, os chefes de Circunscrição de Recrutamento remeterão os mesmos à Diretoria de Recrutamento, desacompanhados das fichas documentárias.

(Aviso n. 2.863, de 25 — D. O. de 27-11-943)

**CERTIFICADOS DE RESERVISTA — (estrangeiros)**

Considerando que os naturais de países estrangeiros, possuidores de certificado de reservista emitido à vista do título de eleitor, na vigência do Aviso n. 1, de 4 de abril de 1936 (Bol. do Exército n. 20, de 10-4-36), devem provar a aquisição da nacionalidade brasileira, determinar:

- 1 — que sejam apreendidos os certificados nas condições acima, de todos aqueles que não exibirem o título declaratório de nacionalidade brasileira ou o decreto de naturalização;
- 2 — que essa apreensão seja feita na primeira oportunidade que se oferecer à autoridade militar.

3 — que seja concedido aos portadores dos referidos certificados, o prazo de sessenta dias, a contar da data da apreensão para que seja exibida a prova a que se refere o item 1;

— que sejam anulados os registros e certificados de reservistas dos que, decorrido o prazo fixado no item anterior, não fizerem a citada prova.

(Aviso n. 3.014, de 14 — D. O. de 16-12-943)

**CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO — (chefia de secção)**

O chefe do estabelecimento de Fundos da Quarta Região Militar em officio n. 31, de 17 de julho do corrente ano, ao sub-diretor de Fundos do Exército, consulta se a chefia da Primeira Secção das Circunscrições de Recrutamento pode ser exercida por oficial da reserva e se essa função é privativa de oficial com o posto de capitão.

Em solução declaro, que o cargo de chefe da Primeira Secção das Circunscrições de Recrutamento deve ser exercido por oficial da ativa com o posto de capitão, ou, eventualmente, por major ou capitão, ou, eventualmente, por major ou capitão da reserva de primeira classe.

(Aviso n. 2.784, de 17 — D. O. de 22-11-943)

— Passa a ser de onze o número de adjuntos da Oitava Circunscrição de Recrutamento.

(Aviso n. 2.805, de 17 — D. O. de 22-11-943)

**COMISSÃO CENTRAL DE REQUISIÇÕES — (processos)**

Compete ao Presidente da Comissão Central de Requisições, nos termos do decreto-lei n. 5.451, de 30 de abril de 1943, a execução dos dispositivos do decreto-lei n. 5.034, de 4 de dezembro de 1942, do número III do artigo 4.º do decreto-lei n. 4.750, de 28 de setembro de 1942 e do decreto-lei n. 4.599, de 20 de agosto de 1942, podendo, entretanto, o pro-



---

---

Curso de Conferências  
sôbre

# “Problemas de Após-Guerra”

*“Prêmio Ministro João Alberto”*

## Julgamento final

A Comissão designada para julgar os trabalhos que concorrem ao “Prêmio Ministro João Alberto”, havendo apreciado as seis memórias apresentadas, chegou à conclusão de que nenhuma delas pode merecer o prêmio ou menção honrosa a que se referem os itens 10 e 13 do Regulamento, visto nenhuma satisfazer aos requisitos estabelecidos no referido regulamento.

Nessas condições, a comissão sugere que seja aberta novo concurso, com prazo mais longo, afim de permitir a apresentação de teses mais completas e compatíveis com o objetivo do prêmio.

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1944.

Departamento de Educação dos  
**Serviços Hollerith S. A.**

Av. Graça Aranha, 182 - 5.º

RIO DE JANEIRO

---

---



cesso de requisição ser instruído, preliminarmente, pelas entidades que os referidos decretos-leis enumeram.

— Em face dos artigos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º, combinados com o art. 15 do decreto-lei n. 4.812, de 8 de outubro de 1942, está sujeito à requisição tudo aquilo que, a juízo do Governo, for útil ao esforço de guerra do país ou ao esforço econômico decorrente do estado de guerra.

(Dec.-lei n. 5.999, de 18 — D. O. de 20-11-943)

#### COMISSÃO DE CONSTRUÇÕES DA E. M. DE REZENDE — (diária)

I — Tendo em vista a extensão e a natureza dos serviços afetos à Comissão de Construção da Nova Escola Militar de Resende, que exigem continuados trabalhos de campo, os quais se assemelham aos referidos na letra b do art. 126, do C. V. V. M. E., árbitro, de acordo com o artigo 127 do mesmo Código, aos oficiais que servem na referida comissão, as seguintes diárias *pro-labore*, constantes da tabela E, do Código, sem limite do número de dias e a partir de 1 do corrente mês:

Oficiais gerais .....	Cr\$ 50,00
Oficiais superiores .....	Cr\$ 40,00
Capitães .....	Cr\$ 35,00
Subalternos .....	Cr\$ 30,00

II. As diárias em apreço serão pagas pela Caixa de Diárias da Diretoria de Engenharia, com os recursos provenientes da parcela Administração dos orçamentos das obras.

III. As referidas diárias não poderão ser acumuladas com quaisquer outras, só devendo ser abonadas nos dias de efetiva permanência dos oficiais nos canteiros de trabalho.

(Aviso n. 3.064, de 16 — D. O. de 18-12-943).

#### COMISSÁRIOS DE RÊDE — (remessa de folhas)

Declara em aditamento ao Aviso n. 1.951, de 4 publicado no Diário Oficial de 6, tudo de agosto do corrente ano, que os Comissários de Rêde providenciarão no sentido de serem, pelas Estradas de Ferro, remetidas diretamente aos Estabelecimentos de Fundos Regionais, as folhas de que trata o n. 1.º devendo esses Estabelecimentos proceder de acordo com os ns. 2.º e 3.º, tudo do mesmo Aviso.

Nessas condições, deixarão de ser feitas as remessas das folhas em questão, aos Serviços de Intendência Regionais.

(Aviso n. 2.976, de 6 — D. 6. de 8 — 8-12-943)

#### COMPETENCIA DE DIRETORIAS — (solução)

Ao Sr. diretor das Armas.

Referência ao ofício n. 1.286 Gab., de 2 do corrente mês, declaro que por conveniência da administração e do serviço deve ser mantida a orientação atual sobre a jurisdição e competência dessa Diretoria e das de Serviço sobre os militares em trânsito.

A decisão final sobre o assunto será concretizada na lei de movimento de Quadros, ora em revisão, nas seguintes bases gerais:

1.ª R. M.:

Militares das Armas — Diretoria das Armas.

Idem de Saúde — Diretoria de Saúde do Exército.

Demais Regiões:

Militares de qualquer arma ou serviço — Comandantes de Regiões, não só na parte disciplinar, como quanto às providências constantes da letra p, do art. 15, do decreto número 10.998, de 3 de dezembro de 1942, enquanto permanecerem no território sob seu respectivo comando.

(Nota n. 1.394, de 15 — D. O. de 17-12-943)



**IRFM**  
1914 HONOR TALEN

**IMPERMEAVEL**

**Celosul**

**O PAPEL TRANSPARENTE QUE VESTE UM PRODUTO**  
FABRICAÇÃO NACIONAL

**PARA PRODUTOS ALIMENTICIOS EM GERAL**  
**DE 30 - 45 E 60 GRAMAS POR M<sup>2</sup>**  
**BRANCO - DE CÔR - IMPRESSO**  
EM FOLHAS PLANAS: DE 90 x 100 cm OU DE QUALQUER  
OUTRO FORMATO — EM BOBINAS DE QUALQUER LARGURA

**S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO**  
PRÉDIO CONDE MATARAZZO - PR. DO PATRIARCA - TEL. 3-5151 - TELEGR. "MATARAZZO" - C. P. 06 - S. PAULO  
FILIAIS E AGENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO BRASIL



**CONCURRENCIAS ADMINISTRATIVAS — (normas)**

Aprova as normas reguladoras das concorrências administrativas para fornecimentos no ano de 1944.

(Aviso n. 2.905, de 29 — 11 — D. O. de 1-12-943).

**CONSCRITOS — (licenciamento)**

Devem ser licenciados do serviço ativo os conscritos que contem um ano ou mais de serviço e pertençam ao quadro ou sejam extrarumerários das Fábricas, Arsenais ou estabelecimentos do Exército.

(Aviso n. 3.021, de 11 — D. O. de 14-12-943)

**CONVOCADOS — (exames)**

Os comandantes de Região Militar ficam autorizados, mediante entendimento com os diretores das escolas superiores e por intermédio dos reitores onde houver Universidade:

a) a marcar épocas nas quais os convocados possam ser dispensados, total ou parcialmente do serviço, afim de realizarem provas parciais e exames a que estejam obrigados nas referidas escolas;

b) a dar permissão aos alunos convocados que sirvam em localidades onde não existam escolas para que possam fazer seus exames nos estabelecimentos de ensino mais próximos, nas condições previstas na alínea a deste aviso.

As dispensas e permissões constantes nas letras a e b não deverão exceder de 10 dias, incluído o tempo gasto em viagens de ida e volta, se for o caso, nem implicarão na concessão de passagens.

(Aviso n. 2.813, de 19 — D. O. de 22-11-943)

**CRIME — (julgamento)**

Os artigos 5.º e 6.º do decreto-lei n. 3.038, de 10 de fevereiro de 1941, passam a ter a seguinte redação

Art. 5.º Não sendo o crime julgado no Fôro Militar, a indignidade, ou incompatibilidade será declarada ou não pelo Supremo Tribunal Militar, segundo as circunstâncias em que tenha ocorrido o fato, mediante representação do Procurador Geral da Justiça Militar, instruída com os autos do processo em original, requisitados para êsse fim, depois de transitada em julgado a sentença condenatória”.

Art. 6.º — A representação de que cogita, o artigo antecedente será distribuída aos ministros relator e revisor, sendo êste militar, ouvindo-se o acusado, por si ou por procurador constituído, dentro do prazo improrrogável de dez dias, efetuando-se o julgamento pelo Supremo Tribunal Militar.

§ 1.º Não haverá no julgamento debate oral entre as partes.

§ 2.º Os autos do processo em original serão restituídos ao juízo de onde vieram, depois de julgada a representação”.

Êste decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação, aplicando-se aos casos pendentes, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 5.997, de 18 — D. O. de 20-11-943)

**CURSO DE ARMEIROS E MECANICOS — (criação)**

Fica criado no Arsenal de Guerra do Rio, um Curso de Armeiros e Mecânicos, com a duração de dez semanas, e início de funcionamento ainda êste ano, destinado à formação de instrutores e monitores dessas especialidades.

Sua direção ficará a cargo de um oficial do Q. T. A., engenheiro de Armamento, pertencente ao Arsenal, o qual será auxiliado pelo pessoal dêsse estabelecimento, mediante entendimento com o respectivo diretor e proposta do C. I. E.



# JACARÉPAGUA

**Sua chácara às portas da cidade!**

VENDE-SE, a partir de Cr\$ 3,00 por met.<sup>2</sup> servidos por boas estradas, bond e ônibus; chácaras, sítios e lotes desmembrados das antigas fazendas da Taquara, Engenho da Serra e nas proximidades da estrada Três Rios - Grajaú

Procure informar-se das vantagens e preços na

**Cia. de Expansão Territorial S. A.**

**Rua do Carmo, 62**

*(Dias úteis)* Tel. 23-2180

*(Domingos e feriados)* Jacarépagua 673

## A "A Defesa Nacional"

é do Exército

Trabalhar para ela

é t r a b a l h a r  
para o Exército

O material será fornecido pelo C. I. E. e o número de alunos será de 7 (sete) oficiais e 9 (nove) sargentos.

(Aviso n. 3.00, de 11 — D. O. de 14-12-943)

**CURSO REGIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS** — (funcionamento)

Autorizo o funcionamento na Sétima Região Militar do Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargentos da Arma de Engenharia, de acôrdo com o que preceitua o aviso n. 996, de 17 de abril do corrente ano, devendo o efetivo de alunos ser fixado pelo comandante da referida Região.

(Aviso n. 2.806, de 19 — D. O. de 22-11-943).

**DELEGADOS DO SERVIÇO DE RECRUTAMENTO** — (numero)

E' de sete e não de oito, como consta do aviso n. 3.223 — Rex. 28, de 29 de outubro de 1941, o número máximo de oficiais da reserva que podem ser nomeados delegados do serviço de Regulamento da 24.<sup>a</sup> Circunscrição.

(Aviso n. 2.869, de 26 — D. O. de 22-11-943)

— E' fixado em nove o número de adjuntos da 22.<sup>a</sup> Circunscrição de Recrutamento e em sete, no máximo, o de Oficiais da Reserva, não convocados, que podem ser nomeados Delegados do Serviço de Recrutamento da mesma Circunscrição.

(Aviso n. 3.005, de 8 — D. O. de 10-12-943).

**DESTACAMENTO MISTO DE FERNANDO DE NORONHA** — (mensalista)

Fica a Tabela Numerica de Mensalista do Destacamento Misto de Fernando de Noronha, transferindo-se de conformidade com a relação anexa, para a Tabela de Mensalista do Estabelecimento de Subsistência da 7.<sup>a</sup> Região Militar, a furção de amanuense, referência XXI, pela existente, e que continuará exercida pelo mesmo ocupante.

(Decreto n. 14.179, de 6 — D. O. de 8-12-943).

**DIRETORIA DE TRANSMISSÕES** — (contingente)

Fica aumentado de um cabo e quatro soldados o efetivo do Contingente da Diretoria de Transmissões.

(Aviso n. 3.075, de 16 — D. O. de 18-12-943).

**DIRETORIA DE CURSO** — solução de consulta)

O comandante da 7.<sup>a</sup> Região Militar encaminhou à solução ministerial a consulta feita pelo comandante da Fôrça Policial do Estado de Pernambuco, sôbre o uso dos distintivos aprovados pelo Aviso n. 3.886, de 30 de dezembro de 1941, pelos oficiais e sargentos daquela Corporação, possuidores de Cursos de Educação Física, feitos nos cursos regulamentares do Exército.

Em solução, declaro não ser permitido o uso dos citados distintivos pelos oficiais e sargentos das Fôrças Policiais Estaduais, em face do que preceitua o art. 70 do decreto n. 10.205, de 10 de agosto de 1942.

(Aviso n. 3.018, de 11 — D. O. de 14-12-943).

**DISTRITO DE DEFESA DE COSTA** — (voluntariado)

Autorizo a abertura do voluntariado, nesta Capital, com destino às unidades do Distrito de Defesa de Costa.

Os candidatos poderão ser reservistas ou não, mas deverão ser alfabetizados e satisfazer às condições estabelecidas nas letras a, b, c, d e g do artigo 85 da Lei do Serviço Militar.

(Aviso n. 2.823, de 19 — D. O. de 25-11-943).

**ENFERMARIA** — (tipo)

N. 3.023 — Fica considerada como sendo do tipo "B" a enfermaria do II/18.<sup>o</sup> Regimento de Infantaria.

(Aviso n. 3.023, de 11 — D. O. de 14-12-943).



# A PUBLICIDADE

NA

## A Defesa Nacional

COMUNICAMOS AO PÚBLICO, EM GERAL, AO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DO PAÍS E AOS NOSSOS ANUNCIANTES DO RIO DE JANEIRO E DOS ESTADOS, EM PARTICULAR, QUE TODO O SERVIÇO DE PUBLICIDADE DESTA REVISTA ESTÁ A CARGO, DESTA DATA EM DEANTE, DO

### Bureau Interestadoal de Imprensa

com escritórios à

Praça Mauá, 7 - 13.º andar

TELEFONES: 43-9918, 23-1451 E OFICIAL 2-515  
CAIXA POSTAL, 365 — END. TELEGR.: "BUREAU"

### SUCURSAIS:

SÃO PAULO: R. M. Garrido, Praça da Sé 23, 1.º andar  
telefone 3-3252

CURITIBA: Percival Loyola, Rua 15 de Novembro 573

PORTO ALEGRE: Arthur Batista Gonçalves, Rua  
Shuller 44



## ENFERMARIA DA RESERVA DO EXERCITO — (Quadro)

Fica criado no Serviço de Saúde do Exército o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército.

(Decreto-Lei n. 6.097, de 13 — D. O. de 15—12—943).

Fica aprovado o Regulamento que com êste baixa, assinado pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Estado da Guerra, para o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército.

## REGULAMENTO PARA O QUADRO DE ENFERMEIRAS DA RESERVA DO EXÉRCITO

Art. 1.º O Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército, criado por decreto-lei n. 6.097 de 13 de dezembro de 1943, será constituído por brasileiras que hajam terminado, com aproveitamento, o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército.

Parágrafo único. Fica o Ministro da Guerra autorizado a mandar organizar o Curso referido neste artigo, cujo funcionamento será regulado de acôrdo com as instruções baixadas pelo Diretor de Saúde do Exército e aprovadas por aquela autoridade.

Art. 2.º A matrícula no Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva far-se-á mediante requerimento da candidata ao Diretor de Saúde do Exército.

Parágrafo único. São condições de matrícula no referido Curso:

- a) ser brasileira nata;
- b) ser solteira ou viuva sem filhos;
- c) ter no mínimo 20 anos e no máximo 40 anos de idade;
- d) possuir diploma de enfermeira ou certificado de curso de samaritana ou de voluntária socorrista, expedidos por escola de reconhecida idoneidade, ou ser enfermeira de profissão, portadora de atestado fornecido pelo Estabelecimento em que serve;
- e) ter comprovada idoneidade moral;
- f) reconhecer, mediante compromisso escrito, a obrigação de prestar serviço militar, como enfermeira, em qualquer Formação ou Organização mobilizada de Saúde do Exército, para emprêgo dentro ou fora do país;
- g) ter aptidão física comprovada em inspeção de saúde.

Art. 3.º O ingresso no Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército (art. 1.º) far-se-á por nomeação de enfermeira de 3.ª Classe, por ato do Ministro da Guerra e mediante proposta do Diretor de Saúde do Exército.

§ 1.º A enfermeira incluída no referido Quadro fica pertencendo à Reserva do Exército, até a idade de 44 anos, inclusive.

§ 2.º Enquanto pertencer à Reserva do Exército e quando em serviço ativo, por efeito de convocação, fica a enfermeira sujeita à legislação militar em vigor, no que lhe for applicavel.

Art. 4.º Será excluída do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército a Enfermeira que vier a contrair matrimonio.

Art.º 5.º A convocação para o serviço ativo de enfermeira do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército far-se-á pelos órgãos normais investidos dessa atribuição e de conformidade com instruções baixadas pelo Diretor de Saúde do Exército.

Art. 6.º A enfermeira do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército poderá ser promovida a enfermeira de 2.ª Classe e enfermeira de 1.ª Classe.



BIBLIOTECA DE "A DEFESA NACIONAL"

LIVROS À VENDA

	CR\$
A Concepção da Vitória entre os Grandes Generais — Cap. F. Mindêlo . . . . .	21,00
A Compreensão da Guerra — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	30,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes . . . . .	16,00
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klinger . . . . .	13,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga . . . . .	7,50
Dispersão do Tiro — Cel. Arnaldo Morgado da Hora . . . . .	12,00
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horacio Garcia	13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha . . . . .	13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos . . . . .	3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assumpção . . . . .	11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos . . . . .	3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Aires de Miranda . . . . .	10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota . . . . .	8,00
Emprêgo Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolívar Teixeira . . . . .	17,00
Exercício de Combate de Campanha — Major Alcebíades Tamcio . . . . .	18,00
Estratégia do Terror — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	15,00
Exterior e julgamento dos Equídeos — Walter Jardim . . . . .	30,00
Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles . . . . .	5,00
Formulário Processual — Major Niso Viana Montezuma . . . . .	7,00
Guia para Instrução Militar — Major Rui Santiago . . . . .	17,00
Guerra da Secessão — Ten.-Cel. Artur Carnaúba . . . . .	5,00
História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gen. Tasso Fragoso . . . . .	100,00
História do Duque de Caxias (ilustrada) — Cap. Frederico Trota . . . . .	5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	13,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga . . . . .	2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos . . . . .	13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva . . . . .	5,00
Instrução na Cavalaria — Major José Horacio Garcia . . . . .	5,00
Instruções de Transmissões — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo . . . . .	16,00
Instrução na Cavalaria — Major João de Deus Mena Barreto	11,00
Instrução de Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves . . . . .	9,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	3,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet . . . . .	21,00
Pedagogia de Educação Física — J. B. Aquino . . . . .	16,00
Regt. de Educação Física, 1.ª Parte, n.º 7 . . . . .	25,00
3 Anos de Ortografia Simplificada — Gen. B. Klinger . . . . .	16,00
Idem, para os assinantes . . . . .	12,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. F. Josette N. Dias . . . . .	13,00



Parágrafo único. São condições para promoção à classe imediata:

1.º) Em tempo de paz:

- a) ter a enfermeira feito com aproveitamento estágios periódicos realizados de acôrdo com instruções baixadas pelo Diretor de Saúde do Exército e aprovadas pelo Ministro da Guerra;
- b) existir claro na classe imediata, em Organização Hospitalar, Formação ou Unidade do Serviço de Saúde de mobilização prevista.

2.º) Em tempo de guerra:

- a) exercer a enfermeira, com desembaraço e eficiência, as missões inerentes à sua função, em Organização Hospitalar, Formação ou Unidade mobilizada do Serviço de Saúde em que estiver servindo;
- b) existir claro da classe imediata, em Organização Hospitalar, Formação ou Unidade mobilizada do Serviço de Saúde em que convenha aproveitar a enfermeira.

Art. 7.º As enfermeiras da Reserva do Exército, quando convocadas para o serviço ativo, perceberão os vencimentos de Cr\$ 700,00, 600,00 e 520,000, desde que sejam, respectivamente, de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes.

Art. 8.º A promoção referida no artigo 6.º é de competência:

1.º) Em tempo de paz:

Do Diretor de Saúde do Exército — da enfermeira incluída no respectivo Quadro.

2.º) Em tempo de guerra:

- a) do Comando de Teatro de Operações ou do Comando da Fôrça Nacional em operações de guerra — da enfermeira convocada e incluída em Organização Hospitalar, Formação ou Unidade do Serviço de Saúde subordinada àquele Comando;
- b) do Diretor de Saúde do Exército — da enfermeira convocada e incluída em Organização Hospitalar, Formação ou Unidade do Serviço de Saúde de emprêgo em local ou zona do Território Nacional, fora da jurisdição do Comando de Teatro de Operações.

Art. 9.º Os uniformes de enfermeira do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército, obrigatoriamente usados quando em serviço ativo ou em ocasiões outras previstas pelas disposições em vigor, serão estabelecidas por ato do Ministro da Guerra.

Art. 10. Os casos omissos no presente Regulamento serão resolvidos pelo Ministro da Guerra.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1943. — *Eurico G. Dutra*.

(Decreto n. 14.257, de 13 — D. O. de 15—12—943).

#### ESCOLA DE ESTADO MAIOR — (instrutores)

Fixo em 20 o número de instrutores e auxiliares de instrutores para a Escola de Estado Maior, para o ano letivo de 1944, com a seguinte distribuição por Arma:

Ten. Cel de qualquer Arma . . . . .	2
Majores de qualquer Arma . . . . .	4
Majores de Infantaria . . . . .	2
Majores de Artilharia . . . . .	4
Majores de Cavalaria . . . . .	4
Majores de Cavalaria . . . . .	4
Majores de Engenharia . . . . .	2
Majores de Eng. (Esp. em Transmissões) . . . . .	2

Em consequência o comando o E. E. M. deverá providenciar sobre o reajustamento do quadro de instrutores e auxiliares, na conformidade deste Aviso, de acôrdo e por intermédio do E. M. E.



# SERVIÇO de REEMBOLSO POSTAL

---

---

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros — militares ou não — à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua **Secção de Publicações**, o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO**.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da encomenda.

As despesas relativas ao **SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO**, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.



*Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.*

Em...../...../.....

Sr. Diretor de Publicações

de "A DEFESA NACIONAL"

CAIXA POSTAL 32  
Ministério da Guerra  
RIO DE JANEIRO

Solicito enviar-me, pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL, os seguintes livros:

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Nome .....

Unidade ou rua.....

Cidade .....

Estado .....



---

---

O representante  
em São Paulo

do

**Bureau Interestadoal  
de Imprensa**

passou a ser o Snr.

**Mário Herédia**

**Rua Barão de Paranápiacaba, 61 - 4.º and.**

**Telefone 2-5841**

Os oficiais designados para a E. E. M. ou os que lá permanecerem, por efeito d'êste reajustamento, não poderão exercer nenhuma outra função estranha às atividades escolares, ainda que seja sem prejuízo do serviço.

(Aviso n. 3.019, de 11 — D. O. de 14—12—943).

#### ESCOLA MILITAR — (inscrição)

Autorizo a inscrição de civis no concurso de admissão à Escola Militar, no ano de 1944, desde que satisfaçam as condições exigidas pelas Instruções baixadas com a portaria n. 5.347, de 16 de setembro de 1943, sejam reservistas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> categorias e não estejam inscritos para admissão em outra escola.

Os candidatos inscritos em consequência desta autorização, que não lograrem matrículas na Escola Militar, poderão ser aproveitados em uma das Escolas Preparatórias, no Curso de Revisão, se satisfizerem as exigências de idade e não tiverem obtido grau inferior a três em nenhuma prova do concurso.

Os requerimentos deverão dar entrada na Secretaria da Escola Militar até 30 de dezembro do corrente ano.

(Aviso n. 2.789, de 17 — D. O. de 23—11—943).

#### ESCOLA MILITAR DE REZENDE — (criação)

E' criada a Escola Militar de Rezende, a ser instalada em 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1944, no edificio que, para êsse fim, está sendo construído na cidade de Rezende, Estado do Rio de Janeiro, destinado à formação de oficiais combatentes do Exército.

Fica extinto, a 31 de dezembro de 1944, a atual Escola Militar com sede em Realengo.

Na Escola Militar de Rezende, durante o período letivo de 1944, funcionará apenas o 1.<sup>o</sup> ano do respectivo curso, continuando os demais na sede da atual Escola Militar do Realengo.

O Ministro da Guerra baixará instruções especiais para o funcionamento do 1.<sup>o</sup> ano na Escola Militar de Rezende, até que se baixe o Regulamento definitivo.

O corpo docente, o pessoal da administração e o material serão transferidos para a Escola Militar de Rezende, de acôrdo com as necessidades e a juízo do Ministro da Guerra, que tomará as providências complementares necessárias à execução do presente decreto-lei.

(Decreto-Lei n. 6.012, d 19 — D. O. de 22—11—943).

#### ESCOLA DE MOTO-MECANISAÇÃO — (tropa á disposição)

I. — São mandados pôr à disposição da Escola de Moto-Mecanização e 3.<sup>o</sup> Batalhão de Carros de Combate, devendo ser aproveitados em funções de instrutor e de comando de elementos moto-mecanizados (núcleos formadores de novas unidades), oficiais de Cavalaria possuidores do curso de especialidade de moto-mecanização, na proporção abaixo:

E. M. M.:

1 major

2 capitães

4 subalternos;

3.<sup>o</sup> B. C. C.:

1 major

2 capitães

4 capitães

4 subalternos.

II — Os oficiais de que trata o presente aviso serão considerados adidos a E. M. M. e ao 3.<sup>o</sup> B. C. C. como se efetivos fôsem.



## ● NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

III — A D. A. deverá providenciar, com urgência sobre a apresentação dos oficiais, na proporção aqui estabelecida, à E. M. M. e ao 3.º B. C. C.

(Aviso n. 2.818, de 20 — D. O. de 23—11—943).

— São mandados pôr à disposição da Escola de Moto-Mecanização e 3.º B. C. C., onde permanecerão adidos, praças de qualquer arma, pertencentes aos corpos das 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 9.ª Regiões Militares, num total de 700 (setecentas), a serem fornecidas segundo o quadro abaixo:

Para a E. M. M.:		
Sargentos (segundos ou terceiros)	30	
Cabos	50	
Soldados	320	400
Para o 3.º B. C. C.:		
Sargentos (segundo ou terceiros)	30	
Cabos	45	
Soldados	225	300
Total.....		700

II — Os sargentos deverão satisfazer às condições do art. 56 do decreto n. 5.131, de 15 de janeiro de 1940, executada a da letra g do citado artigo.

III — Os cabos e soldados deverão satisfazer às condições de idade, conduta, saúde e robustez física estabelecidas no art. 56 do Regulamento da Escola de Moto-Mecanização (dec. n. 5.131 citado) relativamente a sargentos e devem ter, no mínimo, instrução primária completa.

Essas praças deverão ser escolhidas, de preferência, entre as que tenham exercido as profissões de electricista, mecânico, ferreiro, maquinista, bombeiro hidráulico, encanador e latoeiro.

IV — A D. A. deverá providenciar sobre o critério a ser estabelecido para o fornecimento das praças pelas regiões interessadas, na conformidade do que acima ficou dito, e para que, no mais curto prazo, estejam os respectivos contingentes nesta capital, prontos e apresentados às unidades de destino.

(Aviso n. 2.829, de 24 — D. O. de 26—11—943).

### ESCOLAS PREPARATORIAS DE CADETES — (exames)

Tendo em vista as dificuldades atuais de transportes e despesas decorrentes dos mesmos, resolve:

a) que os exames intelectual e de saúde para admissão às Escolas Preparatórias sejam realizadas:

1 — Em Recife, para os candidatos à E. P. de Fortaleza, oriundos das Sextas e Setima Regiões Militares.

2 — Nesta Capital, para os residentes no Distrito Federal, Estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiaz e que se destinem à matrícula na E. P. de Porto Alegre.

b) que realizadas as provas, sejam em seguida lacradas e remetidas às Escolas Preparatórias onde serão julgadas conjuntamente com as dos demais candidatos;

c) que a Diretoria do Ensino tome as providências que se fizerem necessárias à execução dêste Aviso.

(Aviso n. 3.004, de 8 — D. O. de 10—12—943)



**ESCOLA DE SAÚDE DO EXERCITO — (matriculados)**

E' fixado da maneira abaixo discriminada o número de matriculadas nos Cursos da Escola de Saúde do Exército, em 1944:

Curso de Formação de Médicos .....	40
Curso de Formação de Enfermeiros .....	15
Curso de Formação de Manipuladores de Radiologia .....	15
Curso de Formação de Manipuladores de Farmácia .....	20

(Aviso n. 2.947, de 4 — D. O. de 7—12—943).

**ESCOLA TÉCNICA DO EXERCITO (Instruções)**

O ministro de Estado da Guerra resolve aprovar as Instruções para o "Concurso de Admissão aos Cursos Especializados na Escola Técnica do Exército, em 1944".

**ESTABELECIMENTOS MILITARES DE ENSINO — (docentes)**

O ministro de Estado da Guerra, resolve aprovar as instruções, para as provas a que serão submetidos os candidatos ao preenchimento dos cargos de docentes nos Estabelecimentos Militares de Ensino.

(Portaria n. 5.658, de 7 — D. O. de 9—12—943).

**ESTATUA DO DUQUE DE CAXIAS — (Comissão)**

O ministro de Estado da Guerra resolve nomear o general de Divisão Maurício José Cardoso, general interendente Emílio Fernandes de Sousa Doca e o tenente coronel Francisco Afonso de Carvalho para elaborarem o projeto de ereção da estátua ao Duque de Caxias, na Capital Federal.

Portaria n. 5.642, de 1.º — D. O. de 2—12—943).

**FILHO DE PRAÇA ASILADA — (etapa)**

Consulta o chefe do estabelecimento da 1.ª Região Militar, se o pagamento da etapa a que tem direito o filho mais velho da praça asilada, persiste no caso do falecimento da praça.

Em solução declara que o filho mais velho da praça asilada continua a receber a etapa, nas condições do art. 175, § 2.º, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, mesmo depois do falecimento do genitor, só perdendo a mesma ao completar 16 anos de idade, quando a vantagem passará, nas mesmas condições, ao irmão que lhe estiver abaixo.

(Aviso n. 3.033, de 13 — D. O. de 15—12—943).

**FUNCIONARIOS E EXTRANUMERARIOS — (inspeção de saúde)**

Os comandantes de unidade, chefes de estabelecimento e diretores de repartição devem, de acôrdo com o disposto no art. 1.º do decreto-lei n. 5.848, de 3 de setembro último, encaminhar à Secretaria Geral do Ministério da Guerra todos os servidores civis (funcionários e extranumerários) que tiverem de submeter-se a inspeção de saúde, para efeito de aposentadoria.

(Aviso n. 2.971, de — 6 D. O. de 8—12—943).

**GRATIFICAÇÕES — (alteração)**

Tendo em vista as alterações ocorridas em face do decreto-lei n. 5.976, de 10—11—43, que maiorou os vencimentos civis e militares, declaro que as gratificações estipuladas pelo aviso n. 1.166, de 11—5—43, passam a ser:

- caso percebam vantagens até Cr\$ 2.300,00 (dois mil e trezentos cruzeiros), inclusive, à diferença entre essas vantagens e Cr\$ 2.600,00 (dois mil e seiscentos cruzeiros), que correspondem aos vencimentos civis congêneres;



- b) quando as vantagens percebidas pelo nomeado excedam de Cr\$ .. 2.300,00 (dois mil e trezentos cruzeiros), será abonada uma gratificação fixa, mensal, de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros).  
(Aviso n. 3.044, de 14 — D. O. de 16—12—943).

#### HOSPITAL MILITAR — (contingente)

Fica criado na 4.<sup>a</sup> Região Militar, a título precário, o Contingente do Hospital Militar de 4.<sup>a</sup> classe, em Teófilo Otoni, Estado de Minas Gerais, assim coistituído:

Primeiro Sargento Enfermeiro .....	1
Segundo Sargento Enfermeiro .....	1
Terceiros Sargentos Enfermeiros .....	2
Terceiro Sargento Manip. Radiologia .....	1
Terceiro Sargento Manip. Farmácia .....	1
Terceiro Sargento (qualquer arma) .....	1
Cabos (qualquer arma) .....	2

(Aviso n. 2.973, de 6 — D. O. de 8—12—943).

E' criado um Hospital Militar de 4.<sup>a</sup> classe, com sede em Santiago do Boqueirão, Estado do Rio Grande do Sul.

(Decreto n. 6.090, de 10 — D. O. de 13—12—943).

#### INSUBMISSOS INDULTADOS — (reservistas)

1. Os insubmissos indultados de acôrdo com o decreto-lei n. 4.223, de 2 de abril de 1942, residentes na 1.<sup>a</sup> Zona Militar, que não foram incorporados até 31 de outubro do corrente ano, por falta de claros a preencher, são considerados reservistas de 3.<sup>a</sup> categoria, após essa data.

2. Êsses mesmos insubmissos indultados, residentes nas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Zonas Militares, ficarão considerados reservistas de 3.<sup>a</sup> categoria, nas datas da primeira incorporação oficial (1.<sup>o</sup> dia útil de março e 1.<sup>o</sup> de fevereiro, respectivamente) do ano de 1944, se até êsses dias não forem incorporados por falta de claros a preencher.

(Aviso n. 2.862, de 25 — D. O. de 27—11—943).

#### LICENCIAMENTO DE PRAÇAS — (suspensão)

Fica suspensa a execução do aviso n. 3.022, de 11 do corrente mês.

Os comandantes de Região Militar e do Distrito de Defesa de Costa e o diretor das Armas informem, com urgência, o número de soldados e cabos que contêm três anos de serviço sem interrupção de praça, e hajam permanecido nas fileiras em virtude da suspensão do licenciamento das praças do Exército.

Igual informação deve ser fornecida por aquelas autoridades com referência aos que já contem 4 ou mais nas mesmas condições.

(Aviso n. 3.057, de 15 — D. O. de 17—12—943).

#### LICENCIAMENTO DE SARGENTOS — (prazo)

Devem ser licenciados do serviço ativo do Exército, dentro do prazo de noventa dias, a contar da data da publicação dêste aviso, os terceiros sargentos que, não podendo reengajar por fôrça do artigo 143 da Lei do Serviço Militar, hajam permanecido nas fileiras em virtude da suspensão do licenciamento das praças.

Ficam excluídos dêste licenciamento os seguintes terceiros sargentos: dos Quadros de Radiotelegrafistas do Exército e do Serviço de Identificação do Exército; especialistas mecânicos (com o curso da categoria E. Nc.); enfermeiros, manipuladores de farmácia e de radiologia com o curso da E. S. E.

(Aviso n. 2.827, de 19 — D. O. de 25—11—943).



**LICENCIAMENTO DO SERVIÇO ATIVO — (determinação)**

Devem ser licenciados do serviço ativo os soldados e cabos que contem 36 meses ou mais de serviços, sem interrupção de praça, e hajam permanecido nas fileiras em virtude da suspensão do licenciamento das praças do Exército.

O licenciamento ora determinado deve ser feito dentro do prazo máximo de 30 dias, a contar da data da publicação deste Aviso.

(Aviso n. 3.022, de 11 — D. O. de 14—12—943).

**MAJORAÇÃO DE ETAPA — (tropa acampada)**

Fica majorada de Cr\$ 0,50, a etapa das praças que integram a tropa acampada no "Campo de Instrução de Aldéia", afim de, atender também ao pagamento das despesas com a distribuição de cigarros, fosforos e sabão às referidas praças.

(Aviso n. 3.034, de 13 — D. O. de 17—12—943).

**MAPA DE CONTINGENTE — (aprovação)**

Aprovo o mapa do contingente a ser fornecido pelos Estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, para incorporação em fevereiro de 1945, enviado pela Diretoria de Recrutamento com o officio n. 625, de 16 de outubro último, e segundo o qual os referidos Estados deverão fornecer o número total de 46.999 conscritos.

(Aviso n. 2.867, de 26 — D. O. de 29—11—943).

**MEDICOS VETERINARIOS — (estagio)**

Os médicos e veterinários poderão ser aceitos para estágio, conforme o disposto no art. 2.º, letra c, do decreto-lei n. 4.271, de 17 de abril de 1942, mediante prova de terminação dos respectivos cursos, nas Escolas ou Universidades.

Ficarão, no entanto, obrigados à apresentação do respectivo diploma com certificado de registo, nos termos do art. 4.º parágrafo único, n.º 1, do referido decreto-lei, para os efeitos de nomeação no posto de segundo tenente da reserva de segunda classe.

(Aviso n. 2.815, de 19 — D. O. de 22—11—943).

**N. P. O. R. — (matrícula)**

Fixo em 35 o número de alunos do N. P. O. R. anexa ao 1.º Batalhão de Pontoneiros, para o corrente ano de instrução.

(Aviso n. 2.881, de 19 — D. O. de 25—11—943).

— Fixa em 60 (sessenta) o número de matrículas no N. P. O. R. anexo ao 3.º Batalhão de Caçadores, no ano letivo 1943-1944.

(Aviso n. 2.891, de 26 — D. O. de 29—11—943).

**OFICIAIS GENERAIS — (comissões)**

— Por Decreto de 17—12—943, foram nomeados:

Chefe do Estado Maior do Exército, o General de Divisão Mauricio José Cardoso.

Nomeados por necessidade do serviço:

Comandante da 1.ª Região Militar o General de Divisão Valentim Benício da Silva.

O General de Brigada Mário José Pinto Guedes para exercer o cargo de Diretor de Ensino, do Exército.

O General de Brigada Salvador César Obino, para exercer, interinamente, o cargo de Comandante da 3.ª Região Militar.

Por decreto da mesma data foram exonerados:

O General de Brigada Mário José Pinto Guedes, do cargo de Secretário Geral do Ministério da Guerra, visto ter tido outra comissão.

O General de Divisão Mauricio José Cardoso, do cargo de Comandante da 1.ª Região Militar, visto ter tido outra comissão.



O General de Divisão Pedro Aurélio de Góes Monteiro, do cargo de Chefe do Estado Maior do Exército, visto ter tido outra comissão.

O General de Brigada Salvador César Obino, do cargo de Diretor de Ensino do Exército, visto ter tido outra comissão.

O General de Divisão Valentim Benício da Silva, do cargo de Comandante da 3.<sup>a</sup> Região Militar, visto ter tido outra comissão.  
 ("Diário Oficial" de 20-12-943).

**OPERÁRIOS TÉCNICOS ESPECIALISADOS — (sorteados).**

— Consulta o diretor do Material Bélico como proceder com os operários especialistas que trabalham nos estabelecimentos considerados de interesse militar e que sejam sorteados convocados para o serviço do Exército. Em solução declara que os sorteados convocados para o serviço do Exército que trabalhem em estabelecimentos considerados de interesse militar (decreto-lei n. 4.937, de 9-11 de 1942) e sejam operários técnicos especializados ficam com a incorporação adiada até a terminação do tempo de serviço dos demais sorteados incorporados da mesma convocação, quando então serão consideradas reservistas de 3.<sup>a</sup> categoria com a declaração das especialidades em que deverão ser aproveitados.

Para que os operários em causa possam gozar da prerrogativa constante deste aviso é imprescindível que os respectivos estabelecimentos enviem, até três meses antes do dia da primeira incorporação oficial, às respectivas Circunscrições de Recrutamento, as relações de tais operários, discriminando nome, filiação, data de nascimento (dia, mês e ano), lugar de nascimento (município e Estado) e residência.

(Aviso n. 3.040, de 14 — D. O. de 16—12—943).

**PENSIONISTAS DO MONTEPIO — (averiguações).**

— Em officio n. 151, de 19-8-1943, consulta o chefe do estabelecimento de Fundos da Primeira Região Militar, em face do que prescreve o art. 1.<sup>o</sup> do decreto-lei n. 312, de 3 de março de 1938, e tendo em vista o caráter provisório da habilitação ali processada, se é possível continuar averbando do nome, filiação, data de nascimento (dia, mês e ano), lugar de nasci- as consignações para desconto em fôlha, por parte dos pensionistas do montepio e meio soldo.

Em solução declaro — que não devem ser averbados os pedidos de consi- gnação em fôlha por parte dos que, neste Ministério, recebem pensões pro- visórias, não possuindo, assim, a qualidade pròpriamente dita de pensio- nista, que só alcançarão depois da habilitação definitiva, no Ministério da Fazenda.

(Aviso n. 2.803, de 19. — D. O. de 22-11-943).

**PLANO DE DISTRIBUIÇÃO DE CASAS — (alterações).**

O Plano de Distribuição de Casas para a 7.<sup>a</sup> Região, aprovado pela nota numero 330, de 13 de março de 1942, fica aumentado das seguintes resi- dências, construídas no corrente ano:

14.<sup>o</sup> R. I. (V. M. Marechal Floriano)

Comandantes de Companhias . . . . .	2
Subalternos . . . . .	5
Sub-tercentes e sargentos . . . . .	2

(Nota n. 1.386, de 13 — D. O. de 17-12-943).

**PREFEITURA MILITAR — (Telefones).**

— Passa a ser feito pela Prefeitura Militar o serviço de conservação e ex- ploração da rêde interna de telefones automáticos da Guarnição da Vila Militar e Deodoro.

(Aviso n. 2.804, de 19 — D. O. de 23-11-943).



**PREVIDÊNCIA DOS SUB-TENENTES E SARGENTOS — (horário).**

O Sr. ministro aprovou o seguinte horário para o expediente da Previdência dos sub-tenentes e sargentos do Exército: 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> feira — 12 as 18 horas; sábado — das 10 às 13 horas.

(Despacho de 7 — D. O. de 9-12-943).

**QUADRO DE ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO — (modificação).**

O artigo 39 do Regulamento para o Quadro de Estado Maior do Exército (decreto-lei n. 5.190, de 14 de janeiro de 1943) passa a ter a redação seguinte, revogadas as disposições em contrário:

“Artigo 39. O oficial que for indicado para comissário ou adjunto de Comissão de Rede, fará um estágio de dois a quatro meses na 4.<sup>a</sup> Secção do Estado Maior do Exército, em condições análogas às prescritas no artigo 38. § 1.<sup>o</sup> Ficam dispensados desse estágio os oficiais que já o fizeram em virtude de disposições anteriores ao presente Regulamento.

§ 2.<sup>o</sup> Os oficiais que fizerem o estágio previsto no artigo 24 deste Regulamento, bem assim os que o tenham feito na forma do artigo 14 do Regulamento anterior, devem completá-lo naquela Secção com os conhecimentos técnicos indispensáveis, quando indicados para comissão de Rede.

§ 3.<sup>o</sup> Ao oficial em serviço na 4.<sup>a</sup> Secção do Estado Maior do Exército poderá ser permitido fazer o estágio de que trata este artigo, sem prejuízo de suas funções, a critério do Chefe do Estado Maior do Exército.”

(Decreto-Lei n. 6.031, de 24 — D. O. de 26-11-943).

**RÁDIOS-OPERADORES — (solução de consulta).**

— Consulta o Sr. General Comandante da 7.<sup>a</sup> D. I. se aos rádios-operadores que servem na rede daquela D. I. e que não pertencem ao quadro de Rádios do Exército cabem as vantagens previstas no art. 132 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Em solução declara que aos rádio-operadores que exercem as mesmas funções dos que pertencem ao Q. R. E. assiste direito às vantagens previstas na letra b do art. 132 do citado Código.

(Aviso n. 2.975, de 6 — D. O. de 8-12-943).

**REGIMENTO DE OBUZES AUTO-REBOCADO — (criação).**

E' criado, para instalação imediata, com sede em São Paulo (Capital), o 2.<sup>o</sup> Regimento de Obuzes Auto-Rebocado.

(Decreto-Lei n. 6.070, de 6 — D. O. de 8-12-943).

**SALÁRIO-FAMÍLIA — (concessão)**

— O “Diário Oficial” n. 273 — (pág. 17.276), de 25 — publica, na íntegra, o Decreto-Lei n. 6.022, de 23-11-943, que dispõe sobre a concessão do salário-família instituído pelo Decreto-Lei n. 5.976, de 10-11-943, e dá outras providências.

**SARGENTOS INATIVOS — (consignação).**

— Consulta o chefe da 8.<sup>a</sup> Circunscrição de Recrutamento se aos sargentos inativos, empregados nas C. R., deve ser facultado consignar para Institutos, Caixas Econômicas, e Previdência dos sub-tenentes e sargentos do Exército, até o limite dos vencimentos que percebem, quando na situação de empregados ou somente no das vantagens da inatividade.

Em solução declara que o limite consignável estabelecido para os militares que se encontram na inatividade, deve ser calculado na base dos vencimentos e proventos da inatividade que efetivamente percebem nessa situação, não se devendo levar em conta outras vantagens que eventualmente venham a perceber.

(Aviso n. 2.896, de 29-11 — D. O. de 1-12-943).



**SÉDE DE I. D. — (instalação).**

— E' mandado transferir para sua séde definitiva na cidade de Ponta Grossa (Estado do Paraná), instalando-se, imediatamente, no prédio para tal construído, o Quartel General da Infantaria Divisionária da 5.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria (I. D./5).

(Aviso n. 2.889, de 26 — D. O. de 29-11-943).

**SERVIÇO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO — (material ótico).**

— Esclarecendo o Aviso n. 2.763, de 13 de novembro de 1943, declaro que o recolhimento de material ótico ao Serviço Geográfico do Exército, que o mesmo se refere, se entende apenas com o material daquela natureza "em uso", como diz o mencionado Aviso, isto é, material inservível descarregado, e visa o possível aproveitamento de elementos óticos ou mecânicos em aparelhos daquele próprio Serviço.

O provimento de material topográfico e de observação pelos corpos de tropa, bem assim a reparação ou recuperação do mesmo material, pertencente à carga dos referidos corpos, continuam como atribuição da Diretoria do Material Bélico, na forma do disposto no art. 24 do decreto-lei n. 5.312 de 12 de abril de 1943 (lei de organização dos quadros e efetivos do Exército) e no art. 26, Cap. III, do decreto-lei n. 6.757, de 29 de janeiro de 1941 (que aprovou o Regulamento da Diretoria do Material Bélico).  
(Aviso n. 2.917, de 30-11 — D. O. de 2-12-943).

**SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO DO EXÉRCITO — (merecimento).**

— Aprova a ficha para apreciação do merecimento dos sargentos do Quadro do Serviço de Identificação do Exército, para fins de promoção.

(Aviso n. 3.076, de 1 — D. O. de 18-12-943).

**SERVIÇO DE MATERIAL AUTOMÓVEL DO EXÉRCITO — (Regulamento).**

— O "Diário Oficial" n. 275, de 27, publica na íntegra o Decreto n. 14.000 de 25-11-943, que aprova o Regulamento para o Serviço de Material Automóvel do Exército (publica o Regulamento).

**TABELA DE FIXAÇÃO DE ETAPA — (valôr).**

— O "Diário Oficial" n. 291, de 16-12-943, publica na íntegra a Tabela Geral de Fixação dos valores de etapas, a vigorar no 1.<sup>o</sup> Semestre de 1944, organizada de acôrdo com o disposto no artigo 99 do Regulamento para Estabelecimentos de Subsistência Militar, e aprovada pelo Sr. Ministro da Guerra em Aviso n. 3.035, de 14-12-943.

**TIRO DE GEURRA E E. I. M. — (matricula).**

— Os T. G. e E. I. M. de 4.<sup>a</sup> classe sediados na 1.<sup>a</sup> Zona Militar poderão aceitar matrículas de candidatos maiores de 19 anos e 8 meses, sem apresentação de certificado de alistamento.

Essas matrículas ficarão sem efeito no caso de não apresentação do respectivo certificado um mês após o início do alistamento na referida Zona Militar.

(Aviso n. 2.970, de 6 — D. O. de 8-12-943).

**VANTAGENS — (concessão).**

Fazem jús, com as limitações do art. 2.<sup>o</sup> dêste decreto, à vantagem prevista no art. 73 do decreto-lei n. 2.186, de 13 de maio de 1940 (Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército), os militares da ativa convocados para o serviço ativo pertencentes às guarnições dos Estados da Baía e Sergipe.

O militar que ocupe próprio nacional, como residência, perde, em benefício do Estado, a metade da vantagem concedida pelo artigo anterior.



À idêntica redução fica sujeito o militar que, em virtude do Plano de Distribuição de Casas, tenha direito a proprio nacional para residência e, por conveniência pessoal, não o ocupe.

(Decreto n. 13.346, de 9-9-943 — D. O. de 1-12-943).

#### VENCIMENTOS DE ARTIGOS — (Solução de consulta).

— Consulta o comandante da 2.<sup>a</sup> R. M. se, para fins de vencimentos, devem ser contemplados nas respectivas categorias os artifices pertencentes ao efetivo orgânico do 6.<sup>o</sup> R. 1., no exercício de suas funções normais, que em face da transformação operada no efetivo desse Regimento ficaram excedentes.

Em solução, declara o Sr. Ministro :

1. Aos especialistas em aprêço, no desempenho de suas funções normais, cabe os vencimentos correspondentes as suas categorias.
2. Os comandantes de Região, neste como em casos análogos, deverão providenciar sobre as transferências dessas praças para outros corpos de sua jurisdição, onde exista vaga, com a brevidade possível. No caso de não haver vaga na Região esse aproveitamento se fará por outras: por intermédio dos órgãos competentes, mediante comunicação a respeito.

(Aviso n. 3.062, de 15 — D. O. de 17-12-943).

#### ZONAS DE RECRUTAMENTO — (Grupamento).

— De acôrdo com o disposto no art. 48 do Regulamento de Serviço Militar (decreto n. 15.934, de 22 de janeiro de 1923) ficam grupados em Zonas de Recrutamento os seguintes Municípios do Estado do Rio Grande do Sul: Novo Hamburgo e São Leopoldo; Garibaldi e Montenegro; Osório e Torres; Flores da Cunha e Antônio Prado; General Câmara e Taquari; São Lourenço e Camaquã; Pelotas e Pinheiro Machado; Jaguarão e Herval; Rio Grande e Santa Vitória.

(Aviso n. 2.972, de — D. O. de 8-12-943).

#### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A "A DEFESA NACIONAL" recebeu, no periodo de 20 de Novembro a 20 de Dezembro de 1943, as seguintes publicações :

- 1 — TRADIÇÃO — r. 34-35 — Julho de 1943 — Recife — Pernambuco.
- 2 — MEMORIAL DEL EJERCITO DE CHILE — n. 187 — Agosto de 1943 — Chile.
- 3 — REVISTA MILITAR E NAVAL — n. 1 — Agosto de 1943 — Uruguai.
- 4 — ANAIS DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE CAVALOS CRIoulos — n. 11 — Julho de 1943 — Rio Grande do Sul.
- 5 — REVISTA DE CABALLERIA — n.º 81-82 — Maio e Junho de 1943 — Chile.
- 6 — VISÃO BRASILEIRA — n. 64 — Novembro de 1943 — Rio.
- 7 — LIGA MARITIMA BRASILEIRA — n. 435 — Setembro de 1943 — Rio.
- 8 — NACÃO ARMADA — n. 48 — Novembro de 1943 — Rio.
- 9 — COLUMBA — n. 9 — Setembro de 1943 — Rio.
- 10 — CULTURA POLITICA — n. 34 — Novembro de 1943 — Rio.
- 11 — REVISTA DE CABALLERIA — n. 83-84 — Julho e Agosto de 1943 — Chile.
- 12 — REVISTA DE INTENDENCIA — n. 11 — Setembro e Outubro de 1943 — Rio.



## A DEFESA NACIONAL

- 13 — REVISTA GENEALOGICA BRASILEIRA — n. 6 — Setembro 1943 — São Paulo.
- 14 — REVISTA DEL SUBOFICIAL — n. 296 — Outubro de 1943 Argentina.
- 15 — ASPIRAÇÃO — n. 1 — Outubro e Novembro de 1943 — Coleção Militar — Rio.
- 16 — NAÇÃO ARMADA — n. 49 — Dezembro de 1943 — Rio.
- 17 — CULTURA POLITICA — n. 35 — Dezembro de 1943 — Rio.
- 18 — TRADIÇÃO — n. 36-37 — Outubro de 1943 — Recife — Pernambuco.
- 19 — TIRO NACIONAL DEL PERU' — n. 132-133 — Maio a Junho 1943 — Perú.
- 20 — REVISTA DE LA ESCUELA MILITAR DE CHORILLOS — n. 2 — Julho de 1943 — Perú.
- 21 — ANAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE FILOSOFIA — n. 3 1942-1943 — Rio.
- 22 — REVISTA DE MEDICINA MILITAR — n. 1 — Julho a Setembro de 1943 — Rio.
- 23 — REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA — n. 3 — Julho 1943 — Rio.
- 24 — REVISTA MILITAR — n. 4 — Outubro de 1943 — Argentina.

## Biblioteca de "A Defesa Nacional"

### Livros à venda :

História do Duque de Caxias (ilustrada) — Cap. Frederico Trota . . . . .	Cr\$ 5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	Cr\$ 13,00
Instrução na Cavalaria — Maj. João de Deus Mena Barreto . . . . .	Cr\$ 11,00
Instrução na Cavalaria — Maj José Horacio Garcia . . . . .	Cr\$ 5,00
Instrução de Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves . . . . .	Cr\$ 9,00
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo . . . . .	Cr\$ 11,00
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamim R. Galhardo . . . . .	Cr\$ 16,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira . . . . .	Cr\$ 19,00
Manual de Serviço em Campanha da Cavalaria — Trad. Major José Horacio Garcia . . . . .	Cr\$ 15,00
Mais uma Carga, Camaradas! — Gen. Benício da Silva . . . . .	Cr\$ 21,00
Manobras de Nicac — Gen. Bertoldo Klinger . . . . .	Cr\$ 5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes . . . . .	Cr\$ 11,00
Morteiro — Cap. Guttenberg Ayres de Miranda . . . . .	Cr\$ 10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa contra Engenhos) — Cap. Hugo de Mattos Moura . . . . .	Cr\$ 4,50
Notas de Tática de Cavalaria — Cap. Alvaro L. de Areas . . . . .	Cr\$ 11,00



# LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

## Biografias do Barão do Rio Branco

Pelo Capitão UMBERTO PEREGRINO

### II

CEL. F. PAULA CIDADE e TEN.-CEL. JONAS CORREIA —  
Barão do Rio Branco — Ed. D. I. P.

*O volume assinado pelos Coroneis F. Paula Cidade e Jonas Correia é de proporções reduzidas e encerra orientação diferente das que vimos apreciando.*

*Da parte do Cel. Cidade trata-se do elogio de Rio Branco, seu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. O Cel. Jonas Correia escreve à margem desse estudo. Foi uma solução engenhosa diante da prescrição regulamentar, daquela instituição, que manda debater as conferências. Positivamente não tem cabimento discutir o elogio de um patrono. Seria uma tremenda contradição. E assim o Cel. Jonas limitou-se a explanar alguns aspectos da personalidade de Rio Branco, partindo do trabalho do Cel. Cidade.*

*Aliás, quanto ao nome de Rio Branco como patrono de uma das cadeiras do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, há uma observação de efeitos, nesta altura, meio embaraçosos... José Maria da Silva Paranhos não foi jamais cadete.*

*O Cel. Cidade dando-o, embora, como matriculado na Escola Militar, aos 16 anos, adverte que no Arquivo do Exército não “existem quaisquer documentos que permitam fazer luz sobre a passagem do cadete José Maria da Silva Paranhos, mais tarde Barão do Rio Branco, pelas nossas Escolas Militares”. Contudo, aventa a esperanzada hipótese de que “nada foi encontrado, talvez porque, com a transferência da Escola Central, em 1874, para o Ministério do Império, tenham*



ficado naquela Escola Nacional de Engenharia, todos os livros de matrículas e de outras alterações". (p. 13) O Cel. Jonas Correia, louvando-se em Max Fleiuss, também acredita na passagem de Rio Branco pela nossa Escola Militar, mas não entra no exame da questão. No entanto, era um ponto que se prestava a interessante debate, sem desprimor, sem afetar o tom encomiástico da reunião.

O Cap. De Paranhos Antunes não menciona, sequer, essa suposta es.ªção do jovem Juca Paranhos na carreira das armas, o que deve ser tomado como um voto.

E nas "Reminiscências" de Raul do Rio Branco vem um tópico que, somado à ausência de documentos confessada pelo Cel. Cidade, encerra definitivamente a controversia, até esclarecendo sobre a provável origem da versão rechaçada: "Na biografia escrita pelo General Liberato Bittencourt, achei uma referencia discordante das que tenho sobre meu Pai. É a relativa à sua passagem pelo Colégio Militar, passagem a que ele nunca fez alusão. Apaixonado como era pelas cousas militares, não a teria certamente omitido, se verdadeira. Deve ter havido confusão com meu Avô, o Visconde, que tinha o mesmo nome". (p. 27)

Pelo que toca ao Instituto julgo que a conclusão não deve importar em transtorno. Tendo sido Rio Branco o que foi, e ainda um dos maiores, dos mais apaixonados, e mais idoneos estudiosos da nossa Geografia e História Militares, devemos mesmo felicitar-nos pelo ensejo da homenagem excepcional, consubstanciada na exceção única do patrono não militar.

O Cel. Paula Cidade dá-nos um estudo agudíssimo. Não se apega à crônica biográfica, senão na medida do essencial. Seu esforço é de análise, de compreensão, de definição de certos aspectos da personalidade de Rio Branco. Assim, situa-o no quadro dos nossos historiadores, quando afirma que "pelo arquivo que nos legou e pela documentação citada em suas obras, pode ser considerado, sem exageros, como sendo quem no Brasil deu maior extensão a esse ramo de estudos históricos, que é a eurística". (p. 41) Mas lembra que Rio Branco, "depois de ter vindo cautelosamente pela história documentária, entra vitoriosamente nos domínios da história analítica. Ao deparar-se-lhe a oportunidade, o historiador brasileiro, sem precisar de quem partiu a afirmativa deformada, desprezando mesmo a arremetida malevola, responde pela simples apresentação de elementos irretorquiveis, que são os dados colhidos nos arquivos e nas fontes insuspeitas. O seu método caracteriza-se então pelo processo subjetivo de deixar ao leitor o cuidado de tirar as conclusões que nos são favoráveis, que se tornam evidentes". (p. 47).

Sobre as "Efemerides" olhem só que ajustados conceitos críticos: "encontram-se, nas poucas linhas em geral destinadas a cada fato,



pontos de partida, rumos definitivos, indicações que nos balizam a jornada, no estudo da vida brasileira, dos primórdios da nacionalidade até o dia de hontem. No seu método, até certo ponto original, de apegar-se às folhas do calendário, para registrar dia por dia os acontecimentos marcantes da nacionalidade, amarra os vertices essenciais de sua narrativa por meio de três coordenadas: o tempo, o espaço e o sentido de predestinação que ele vê no povo". (p. 46)

O segredo da segurança de Rio Branco como cultor da nossa história Militar está denunciado nestas linhas: "Na execução de sua pesada tarefa podem-se ver duas linhas paralelas de atividades pessoais: a pesquisa sobre as passadas guerras, e o estudo da tecnologia militar. E' este último um campo em que a miude erram os que descrevem batalhas, marchas e concentrações de tropas, mas em que o Barão do Rio Branco penetrou muito à vontade". (48)

E com respeito à obra do Chanceler creio que não é possível dizer coisas mais inteligentes nem mais justas: "O traço característico dos tratados assinados pelo Barão do Rio Branco e das sentenças arbitrais minutadas praticamente por ele, é a feição conciliadora que inegavelmente revestem. Não deixam feridas abertas, nem mesmo cicatrizes". — "Não nos legou uma herança que se houvesse de guardar de armas em punho". (ps. 20, 21) Eis aí. Já agora está feita a definição da obra diplomática de Rio Branco.

Ao lado, porém, dessa precisão explicativa, desse poder de ir ao substancial, dessa serena capacidade de compreensão, espalham-se pelo estudo do Cel. Cidade repetidos afloramentos de uma rica sensibilidade, pôlida pela cultura, aguçada pela inteligência lucida e larga. Bastará citar o capítulo "a casa residêncial", do qual destacarei o trecho relativo à casa em que nasceu Rio Branco, repleto de emoção e beleza, um quando de artista:

"A casa senhoril não pode manter-se e desce de residência aristocrática à casa de cômodos, à casa de pensão, com as partes térreas alugadas para mercearias. As linhas nobres da construção secular adquirem formas senis, o ar grave, que era o signo do conjunto arquitetônico, declina, num arremedo de arlequim, ao passo que das janelas em que outrora saíam sons de lindos minuetos arpejados, mais tarde irradiam os compassos africanizados dos sambas, em que os furtos melódicos se casam com os insultos à gramática e ao sentimento artístico... Depois... E' a picareta da Municipalidade, ou a vista gananciosa dos construtores de arranha-céus... São as lataredas purificadoras dos incêndios bem arranjados, que põem fim à vida trágica dos velhos prédios aristocráticos."

"A casa em que nasceu Rio Branco não escapou ao seu destino... Morre aos poucos, andrajosa, cheia de buracos, a dois passos da Praça da República. E' um sobrado do tipo daqueles que Debret pintou, ca-



# Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate

Pelo Major OLÍMPIO MOURÃO FILHO

I — Aos que estão seguindo com atenção a campanha atual do Cáucaso, não deve ter escapado seu aspecto particularmente interessante, em relação ao emprego dos Carros.

O noticiário abundante dos jornais, os relatos de batalhas e combates, dos correspondentes e sobretudo os comunicados oficiais, demonstram com eloquência o emprego do material em apoio e acompanhamento:

- “Nossa infantaria, fortemente apoiada pelos Carros, tomou uma importante casamata inimiga”.
- “Um Batalhão ,acompanhado de 50 Carros, penetrou na aldeia P e ocupou-a, apesar da resistência encarniçada do inimigo”.
- “Nossas tropas combateram em toda a frente contra o inimigo. Na frente de Stalingrado, destruimos 23 tanques e capturamos 120 canhões, além de grande quantidade de caminhões e munições”.
- “Depois de intensa preparação de artilharia, um Batalhão nazista atacou, acompanhado por 48 carros. Nossa infantaria, com vivo fogo de metralhadoras, *conseguiu isolar a infantaria inimiga dos carros*; destes, alvos dos tiros certos de nossa artilharia e canhões anti-tanques, foram incendiados 39 e os outros puseram-se em fuga. Uma companhia inteira de alemães foi dizimada, entretanto outra foi feita prisioneira”.

Na atual fase da campanha, já não foi mais possível o emprego em massa de Grandes Unidades Couraçadas.

A evolução dos dispositivos de defesa, à base de uma trama de fogos anti-carros, combinada com uma rede complexa de obstáculos anti-tanques, e de profundidades cada vez maiores, tornando impossível



a irrupção até mesmo pelos espaços vazios, pela impossibilidade de manter comunicações através de vários núcleos de resistência organizados com vida independente, obrigou o atacante ao trabalho insano e desgastador de reduzir metódica e sistematicamente cada *porco-espinho* (em geral cidades ou localidades organizadas com recursos locais, ocupando áreas enormes, de 70 x 20 quilômetros e mais), em lugar de pretender mascará-los e penetrar a fundo, pelos intervalos, com pontas de lança.

E nestas operações de minúncia, consideradas no quadro geral estratégico, não há positivamente lugar para as manobras de envergadura apreciadas na Polônia, na França e no início da campanha da Rússia.

Para um Exército, como o francês, mobilizado em todo o país e *canalizado* para uma determinada região de batalha, o furo de sua frente estratégica por uma ou mais pontas de lança de Grandes Unidades, significa o envolvimento inevitável, a formação de bolsões facilmente redutíveis porque foram *formados sob imposição inimiga, sem recursos e colocação apropriada no terreno para a resistência indefinida ou a longo prazo.*

A primeira e mais importante influência do emprego moderno das Grandes Unidades Couraçadas, sobre a concepção de defesa, foi aproveitada pela Rússia: todo o território do país é organizado em núcleos isolados de defesa, poderosamente armados e capazes de resistência a longo prazo. Deste modo, sob o ponto de vista de defesa, o território de uma Nação, oferece o aspecto de uma grande rede de redutos, ainda mesmo que entre eles, haja *espaços vazios por onde o inimigo possa penetrar.*

Como, porem, eles são em grande número e independente, as unidades que se arriscassem pelos intervalos, ficariam em condições perigosíssimas em caso de contra-ataques partidos dos redutos.

De modo que, para sermos mais claros: cada reduto tem vida própria e sua função é fixar o inimigo ao longo do seu perímetro; desde que seja possível, no caso em que o inimigo *mascara* e avançou pelo espaço entre dois redutos, estará em más condições para repelir contra-ataques que partirão, então, dos redutos. Sendo estes numerosos, é lógico que o Exército que ousasse penetrar em semelhante labirinto, estaria fadado à destruição.



Ora, a organização destes redutos é à base de *mobilização local em cada região*, de tal sorte que tropas mobilizadas e organizadas para a formação de um determinado reduto, o são na *própria região*. Vemos, pois, que o emprego das unidades couraçadas e da aviação moderna, acarretou uma nova concepção de mobilização, isto é:

- para a defesa do país — mobilização de tropas e recursos locais, *com transportes complementares reduzidos*, dentro de cada zona de defesa;
- formação dos Exércitos de ofensiva — preparação e mobilização geral a que concorrem, além dos contingentes de defesa local, todas as zonas do país.

Se deste conjunto, tomarmos uma faixa de grande profundidade, ao longo da fronteira, teremos a *zona estratégica de cobertura*, onde a mobilização é puramente local, em cada região de redutos. À retaguarda desta faixa é que se mobilizam, organizam-se e equipam-se os Exércitos de ofensiva que, quando propício, iniciam a contra-ofensiva, no caso em que o inimigo tenha tomado a iniciativa das operações.

Esta é a grande revolução na concepção da cobertura. O esquema anexo, explica com mais clareza o que vimos tentando expôr.

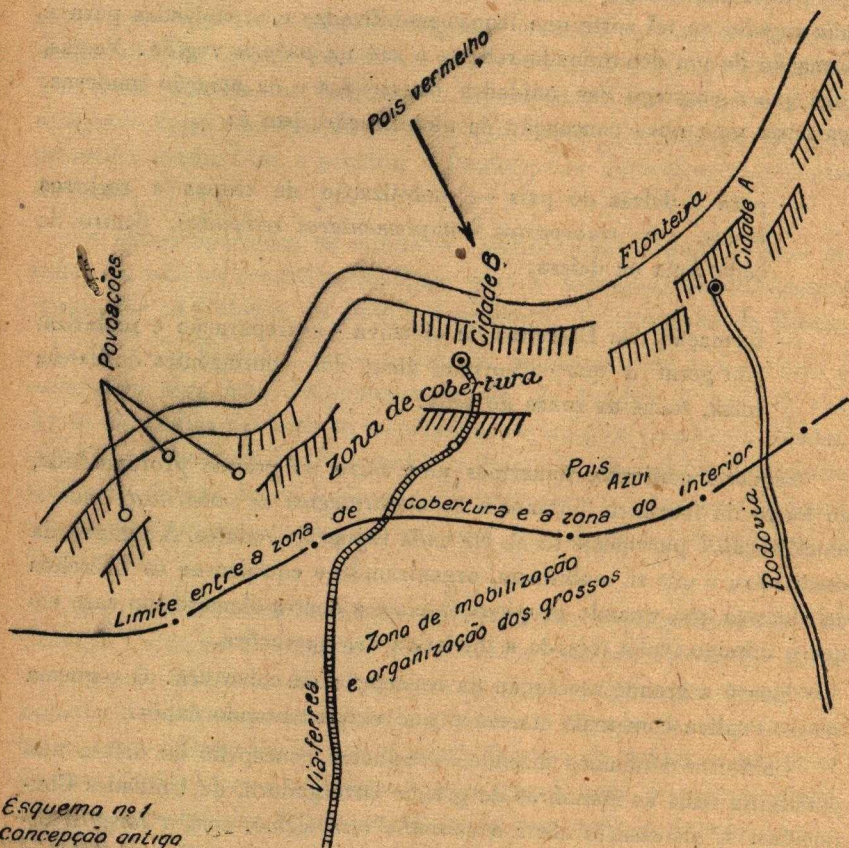
Conforme vínhamos dizendo, semelhante concepção de defesa não possibilita mais as manobras de grande envergadura, de Unidades Couraçadas. É necessário abrir o *caminho estratégico, com a largura indispensável para a segurança do mesmo*, exigindo trabalho metódico e de minúcia de redução de vários núcleos de resistência, mascaramentos de alguns poucos, mascaramentos que devem ser em pequeno número, devido à grande quantidade de efetivos que eles absorvem.

Sendo assim, voltamos às operações táticas clássicas da grande guerra, isto é, ataques apoiados fortemente por Artilharia, Aviação e Carros, isto é, Carros apoiando a Infantaria nas suas operações.

Ora, os sistemas deste *apoio*, únicos possíveis, são:

- a) — Carros na frente, *infantaria colada a eles*, avançando sob a proteção do seu fogo — verdadeiras bases móveis que são;





Esquema nº 1  
concepção antiga  
de cobertura

- b) — Carros na frente, atingindo isolados da infantaria, linhas próximas, *marcadas pelo Cmt. do Regimento*, preparando o avanço dela até à linha já atingida por ele;
- c) — Carros na frente, atingindo, isolados, *linhas marcadas pela Divisão*, em operações locais, preparando o avanço da infantaria e carros de menor raio de ação, numa das duas modalidades acima estabelecidas.



Convenção



Nucleo de resistencia

Pais azul

Flonreira

Vermelho

Pais

Zona Geral de reduto de cobertura

Via-ferrée

zona de cobertura e a zona

Rodovia

Zona 1

Zona 4

Zona 2

Reduto

interior

Limite entre a zona de mobilisação do Exército de ofensiva



Em termos táticos, teremos:

A) — Missão de apoio imediato ou missão de acompanhamento.

Constituição de Grupos Mixtos — Infantaria — Carros — Grupos Regimentais.

B) — Missão de apoio direto ou de conjunto.

Constituição dos Grupos de Conjunto ou Divisionários.

1.<sup>a</sup> modalidade — infantaria colada aos Carros.

Neste caso, os Carros agem sob comando direto do chefe da unidade apoiada (em geral, Batalhão).

2.<sup>a</sup> modalidade — articulação de linhas a serem atingidas alternadamente pelos carros e depois infantaria apoiada. Neste caso, a operação é regulada pelo Comandante do Grupo Mixto (em geral o Cmt. do R.I. apoiado) e os Batalhões se conformam com o traçado geral estabelecido pelo Coronel; isto significa que o Cmt. de Btl. não dá ordens aos Carros que apoiam: faz, porem, pedidos, em caso de necessidade.

*Modalidade única:* articulação de linhas marcadas pela Divisão, em função do apoio que pode ser fornecido pela Artilharia, a serem atingidas pelos Carros e depois pela Infantaria ou pelos Grupos Mixtos, conforme o caso.

Quando, porem, que é o caso hoje normal, é necessário atravessar, para abordar a posição, uma faixa coberta pela rede de defesa passiva (obstáculos, minas, etc.), infantes, sapadores e especialistas, devidamente protegidos pelo fogo de todas as armas e precedidos de preparação conveniente da artilharia terão que preparar a passagem dos carros. Poder-se-ia chamar ao dito pessoal — a vanguarda técnica.



A preparação de Artilharia ajuda imenso na tarefa de preparar a passagem dos carros, porque ela pode abrir brechas nos campos de minas e, em alguns casos particulares, destruir rampas ou taludes. De outro lado, há necessidade em escolher com cuidado a natureza dos tiros a empregar, afim de evitar que o chão fique semeado de buracos de obuses que acarretam grandes dificuldades aos Carros.

O tiro contra campos de minas, afim de provocar sua explosão, deve ser, sempre que possível, granada explosiva, instantânea.

De tudo que acima foi exposto, resulta claro, mais uma vez, que não há doutrina francesa, nem alemã, nem russa. A doutrina é *ur et ab initio*. O que houve foi a primazia dada, em cada país, antes da guerra, à organização das unidades visando ora um ora outro dos empregos.

Deste modo, vimos, por exemplo, na Alemanha, a organização das Grandes unidades preocuparem mais o Estado Maior, do que a de unidades destinadas ao apoio, porque o E.M. Alemão estava convencido de que o emprego estratégico é o mais importante, no que está ainda com a razão, enquanto ele é possível, ao passo que o E.M. Francês preocupava-se mais com o material destinado ao apoio. Mas, nem a França negava a possibilidade e utilidade do emprego de Grandes Unidades, nem a Alemanha, rechassava o emprego tático — ou o de carro em apoio.

E' bem verdade que o Exército Francês, obsedado pela influência da Cavalaria, creou as Divisões Mecanizadas Leves, destinadas às operações de envergadura.

Ora, Carro Leve e operações desta natureza são cousas que *hur- lent de se trouver ensemble*, repelem-se.

Aconteceu, nesta guerra, o que era de se esperar, isto é, a princípio o emprego das Grandes Unidades contra organizações defensivas à base de fogos e obstáculos contra a Infantaria, produziu a ruptura geral; a manobra em retirada de tropas não moto-mecanizadas, diante de forças couraçadas acompanhadas de forças motorizadas, tornou-se impossível; daí o cerco e liquidação total de Exércitos inteiros; houve um momento em que parecia que a razão estava completamente do lado dos técnicos alemães e que era impossível lutar contra Grandes Unidades Couraçadas: a guerra daí em diante seria exclusivamente de movimento.



Mas, a Rússia que já tinha uma visão parcial da solução do problema (vejam-se os Regulamentos Russos de 1939), na luta dos processos, encontrou a solução para fazer os alemães voltarem à guerra de posição, bem como conseguiu executar com mestria, retiradas estratégicas em grande estilo como as do início do verão deste ano, no Cáucaso.

E na velha luta entre o ataque e a defesa, esta conseguiu, se não vencer, pelo menos diminuir o formidável desequilíbrio verificado de 1939 a 1941.

Deste modo, a guerra atual demonstrou:

- a) — a excelência da manobra das Grandes Unidades Couraçadas, quando a mesma é possível;
- b) — que o emprego dos Carros, em apoio, isto é, colaborando com outras armas, não só é efficientíssimo, como também indispensável.

Falamos em Grandes Unidades e a propósito citamos o material leve francês. Este é um ponto interessante e que convem explorar um pouco mais a fundo.

Ouve-se falar e escrevem-se a cada passo expressões como esta “Carros Leves”, “Carros Médios”, “Carros Pesados” e “Carros Pesadíssimos”.

Como defini-los? Pelo peso? Mas, como já ouvi um professor dizer em aula, com muita proficiência, o que é Carro Médio hoje, pode ser leve amanhã, de tal modo a técnica progride.

E' como se se procurasse definir trem de ferro: trem rápido, trem de percurso médio, trem de alta velocidade.

Qual a base? No caso dos Carros, se a base for o peso do veículo, o conceito de leve, médio e pesado, variará de um país a outro. (1)

Tomemos um exemplo: dois países A e B, fabricam carros. Em A, o carro mais pesado, adotado, é de 20 T., o menos pesado é de 6 T.,

---

1) No Extremo-Oriente as vias de comunicações ditaram a escolha dos vários tipos de carros, de sorte que um carro de 18 Ton. — a carga máxima para as obras darte da região — é considerado **pesado** (Nota do L.F.).



havendo um tipo intermediário de 10 T. Neste país; é evidente, que pelo critério do peso, teríamos:

Carro Pesado .. .. .	o de 20 T.
” Médio .. .. .	o de 10 T.
” Leve .. .. .	o de 6 T.

Em B, os tipos obtidos e adotados foram: um de 35 T., um de 20 T. e um de 12 T.

Classificação decorrente:

Carro Pesado .. .. .	35 T.
” Médio .. .. .	20 T.
” Leve .. .. .	12 T.

Conclusão: o Carro Médio de B tem o mesmo peso que o Pesado de A e os Carros Médios e Leves de A não teem classificação em B.

E' lógico, pois, que, em termos táticos, as expressões Leve, Médio e Pesado, não podem ficar adstritas a Peso em Toneladas, porque, do contrário, os princípios de tática estavam sujeitos à variação de um país a outro, o que não é possível, já que tratamos de *Princípios*.

A classificação deve ser à base de dois elementos:

- raio de ação — elemento substantivo;
- armamento — elemento adjetivo.

O peso — terceiro elemento — é, ou *pode ser*, consequência dos outros dois.

E' evidente que o armamento é consequência do raio de ação. Ninguém equiparia Carros com raio de ação de 200 km., somente com armas automáticas e os reuniria numa unidade, porque, para agir somente com metralhadoras, uma unidade não precisaria de grande raio de ação.

Tampouco a ninguém lembraria crear um tipo de carro de *grande raio de ação e com a couraça vulneravel aos tiros de armas automáticas*, do mesmo modo não seria lógico dotar um carro de raio curto de ação, de uma couraça à prova de *qualquer calibre*.



Concluimos, pois, que o raio de ação tomado como base, condiciona o armamento e a couraça.

Logo, ele é o elemento primacial na classificação.

Poder-se-ia, pois, segundo o critério tático, para *um tipo de carro*, adotar a seguinte classificação:

- Carro de grande raio de ação;
- Carro de raio médio de ação;
- Carro de pequeno raio de ação.

É claro que o armamento *básico*, seu *orgão de fogo*, deve condizer com o raio de ação e a espessura da couraça variará com a *potência provável das armas inimigas que ele vai enfrentar* dentro dos limites do raio de ação.

Outro sistema aceitável de classificação, seria pelo armamento principal do Carro.

Teríamos, então, por exemplo:

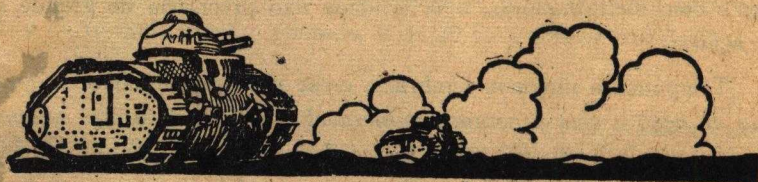
Carro Leve — Armas automáticas até calibre 30;

Carro Médio — Canhão 37 a 47;

Carro Pesado — Canhão 75 a 80;

Carro Super-Pesado — Portador de maiores calibres.

É lógico que o armamento condiciona, por sua vez, o raio de ação e a couraça e esta condiciona, combinada com o motor, o peso do veículo.





# LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

## Biografias do Barão do Rio Branco

Pelo Capitão UMBERTO PEREGRINO

### II

CEL. F. PAULA CIDADE e TEN.-CEL. JONAS CORREIA —  
Barão do Rio Branco — Ed. D. I. P.

*O volume assinado pelos Coroneis F. Paula Cidade e Jonas Correia é de proporções reduzidas e encerra orientação diferente das que vimos apreciando.*

*Da parte do Cel. Cidade trata-se do elogio de Rio Branco, seu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. O Cel. Jonas Correia escreve à margem desse estudo. Foi uma solução engenhosa diante da prescrição regulamentar, daquela instituição, que manda debater as conferências. Positivamente não tem cabimento discutir o elogio de um patrono. Seria uma tremenda contradição. E assim o Cel. Jonas limitou-se a explanar alguns aspectos da personalidade de Rio Branco, partindo do trabalho do Cel. Cidade.*

*Aliás, quanto ao nome de Rio Branco como patrono de uma das cadeiras do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, há uma observação de efeitos, nesta altura, meio embaraçosos... José Maria da Silva Paranhos não foi jamais cadete.*

*O Cel. Cidade dando-o, embora, como matriculado na Escola Militar, aos 16 anos, adverte que no Arquivo do Exército não "existem quaisquer documentos que permitam fazer luz sobre a passagem do cadete José Maria da Silva Paranhos, mais tarde Barão do Rio Branco, pelas nossas Escolas Militares". Contudo, aventa a esperanças hipotese de que "nada foi encontrado, talvez porque, com a transferencia da Escola Central, em 1874, para o Ministério do Império, tenham*



ficado naquela Escola Nacional de Engenharia, todos os livros de matrículas e de outras alterações". (p. 13) O Cel. Jonas Correia, louvando-se em Max Fleiuss, também acredita na passagem de Rio Branco pela nossa Escola Militar, mas não entra no exame da questão. No entanto, era um ponto que se prestava a interessante debate, sem desprezível, sem afetar o tom encomiástico da reunião.

O Cap. De Paranhos Antunes não menciona, sequer, essa suposta <sup>est</sup>oação do jovem Juca Paranhos na carreira das armas, o que deve ser tomado como um voto.

E nas "Reminiscências" de Raul do Rio Branco vem um tópico que, somado à ausência de documentos confessada pelo Cel. Cidade, encerra definitivamente a controversia, até esclarecendo sobre a provável origem da versão rechaçada: "Na biografia escrita pelo General Liberato Bittencourt, achei uma referencia discordante das que tenho sobre meu Pai. É a relativa à sua passagem pelo Colégio Militar, passagem a que ele nunca fez alusão. Apaixonado como era pelas cousas militares, não a teria certamente omitido, se verdadeira. Deveria ter havido confusão com meu Avô, o Visconde, que tinha o mesmo nome". (p. 27)

Pelo que toca ao Instituto julgo que a conclusão não deve importar em transtorno. Tendo sido Rio Branco o que foi, e ainda um dos maiores, dos mais apaixonados, e mais idoneos estudiosos da nossa Geografia e História Militares, devemos mesmo felicitar-nos pelo ensejo da homenagem excepcional, consubstanciada na excepção única do patrocínio não militar.

O Cel. Paula Cidade dá-nos um estudo agudíssimo. Não se apega à crônica biográfica, senão na medida do essencial. Seu esforço é de análise, de compreensão, de definição de certos aspectos da personalidade de Rio Branco. Assim, situa-o no quadro dos nossos historiadores, quando afirma que "pelo arquivo que nos legou e pela documentação citada em suas obras, pode ser considerado, sem exageros, como sendo quem no Brasil deu maior extensão a esse ramo de estudos históricos, que é a eurística". (p. 41) Mas lembra que Rio Branco, "depois de ter vindo cautelosamente pela história documentária, entra vitoriosamente nos domínios da história analítica. Ao deparar-se-lhe a oportunidade, o historiador brasileiro, sem precisar de quem partiu a afirmativa deformada, desprezando mesmo a arremetida malevola, responde pela simples apresentação de elementos irretorquiveis, que são os dados colhidos nos arquivos e nas fontes insuspeitas. O seu método caracteriza-se então pelo processo subjetivo de deixar ao leitor o cuidado de tirar as conclusões que nos são favoráveis, que se tornam evidentes". (p. 47).

Sobre as "Efemerides" olhem só que ajustados conceitos criticos: "encontram-se, nas poucas linhas em geral destinadas a cada fato,



pontos de partida, rumos definitivos, indicações que nos balizam a jornada, no estudo da vida brasileira, dos primórdios da nacionalidade até o dia de hontem. No seu método, até certo ponto original, de apegar-se às folhas do calendário, para registrar dia por dia os acontecimentos marcantes da nacionalidade, amarra os vertices essenciais de sua narrativa por meio de três coordenadas: o tempo, o espaço e o sentido de predestinação que ele vê no povo". (p. 46)

O segredo da segurança de Rio Branco como cultor da nossa história Militar está denunciado nestas linhas: "Na execução de sua pesada tarefa podem-se ver duas linhas paralelas de atividades pessoais: a pesquisa sobre as passadas guerras, e o estudo da tecnologia militar. E' este último um campo em que a miude erram os que descrevem batalhas, marchas e concentrações de tropas, mas em que o Barão do Rio Branco penetrou muito à vontade". (48)

E com respeito à obra do Chanceler creio que não é possível dizer coisas mais inteligentes nem mais justas: "O traço característico dos tratados assinados pelo Barão do Rio Branco e das sentenças arbitrais minutadas praticamente por ele, é a feição conciliadora que inegavelmente revestem. Não deixam feridas abertas, nem mesmo cicatrizes". — "Não nos legou uma herança que se houvesse de guardar de armas em punho". (ps. 20, 21) Eis aí. Já agora está feita a definição da obra diplomática de Rio Branco.

Ao lado, porém, dessa precisão explicativa, desse poder de ir ao substancial, dessa serena capacidade de compreensão, espalham-se pelo estudo do Cel. Cidade repetidos afloramentos de uma rica sensibilidade, pólida pela cultura, aguçada pela inteligência lucida e larga. Bastará citar o capítulo "a casa residencial", do qual destacarei o trecho relativo à casa em que nasceu Rio Branco, repleto de emoção e beleza, um quando de artista:

"A casa senhoril não pode manter-se e desce de residência aristocrática à casa de cômodos, à casa de pensão, com as partes térreas alugadas para mercearias. As linhas nobres da construção secular adquirem formas senis, o ar grave, que era o signo do conjunto arquitetônico, declina, num arremedo de arlequim, ao passo que das janelas em que outrora saíam sons de lindos minuets arpejados, mais tarde irradiam os compassos africanizados dos sambas, em que os furtos melódicos se casam com os insultos à gramática e ao sentimento artístico... Depois... E' a picareta da Municipalidade, ou a vista gananciosa dos construtores de arranha-céus... São as labaredas purificadoras dos incêndios bem arranjados, que põem fim à vida trágica dos velhos prédios aristocráticos."

"A casa em que nasceu Rio Branco não escapou ao seu destino... Morre aos poucos, andrajosa, cheia de buracos, a dois passos da Praça da República. E' um sobrado do tipo daqueles que Debret pintou, ca-



racterístico do primeiro reinado, muito parecido com algumas casas velhas que se vêem ainda em S. João Del-Rei e noutras ciúades mineiras.”

E sei é que essa voz sincera e comovida não ecoou em vão. A esta hora a casa de Rio Branco já mereceu a atenção municipal, que nela mandou instalar o Centro Carioca.

Na página 21 surge a seguinte referênciã:

“Sabia-se geralmente que a saude não era boa” (21).

Sobre o assunto já procurei estabelecer a verdade, contrária, como se viu, a essa versão.

“A atuação de Rio Branco no plano militar e diplomático” é o título sob o qual o Cel. Cidade estuda a obra do Barão como Chancellor. “Quando o grande brasileiro assumiu a direção dos negócios exteriores do Brasil — diz o conferencista do Instituto de Geografia e História Militar — as nossas forças armadas não possuíam o mínimo indispensavel ao desempenho de sua função garantidora da integridade territorial do país. A Marinha achava-se reduzida a meia dúzia de barcos velhos, inúteis em face dos progressos na construção naval de guerra; o Exército achava-se tecnicamente pelos moldes de 1870, com a agravante de que a massa dos officiaes perdera, mercê de uma cultura científica e filosófica nem sempre bem compreendida, o ardor e o orgulho dos velhos lidadores do Paraguai”. (p. 57). Rio Branco apreendeu prontamente a situação, e dentro da sua viril fórmula — “ser forte para ser pacífico” — pôs todo o seu prestígio e popularidade ao serviço “de uma grande reorganização militar do país”. Dai acusarem-no de belicoso, de aticador de fogueiras, e que o Cel. Cidade desmente com segurança, demonstrando que “o grande brasileiro não era um estadista de tendências brutais, enamorado das violências e dos gritos de guerra; era, porem, um homem convencido de que na vida dos povos não é a razão que compete a última palavra, mas aos instintos apoiados pela força” (p. 69). E eu conheço, através de Medeiros e Albuquerque, um episódio que arreda quaisquer sobrevivências da intriga em que se tentou envolver Rio Branco, apresentando-o como agitador internacional, cobiçador de territórios, militarista, e quejandas coisas perigosas... Pois bem, Medeiros e Albuquerque revela que o Equador nos ofereceu, certa vez, um porto na Pacífico. “Fez isso — conta ele — em longo documento escrito. O Barão me referiu que o Equador, não confinando nessa época com o Brasil, nós teriamos de conquistar território peruano. E o memorial do Equador previa como simples, natural e até quasi desejavel essa ocorrência. As últimas palavras desse memorial eram estas: “Y la guerra estallarã”. A serenidade com que o Equador chegava a essa conclusão divertia o Barão”. (“Minha Vida”, 3.ª ed., p. 295). E’ essa, por ventura, uma atitude de expansionista ?



Rio Branco continuará inspirando livros e livros... Contamos que venha o grande estudo sobre ele (1). Aquele que lhe festeje a glória, mas não oculte o homem, não sonegue a pura e intensa humanidade que havia em Rio Branco. Queremo-lo como foi visto e sentido pelos seus contemporâneos: fazendo escândalo nas ruas do Rio, ao percorrê-las em carro descoberto, o que até então era "só reservado às mulheres da vida galante"; assíduo conviva de certo restaurante, cujos fregueses se punham em mangas de camisa para melhor saborearem as poemáticas peixadas; o trabalhador prodigioso e prodigiosamente anárquico, que usava no quarto onde vivia, no Itamarati, imensas mesas constituídas por tábuas sobre dois cavaletes, e nas quais os papéis iam-se acumulando por tal forma que o Barão acabava expulso e fazia montar outra, chegando a possuir três, sob cujos papéis se descobriram, após a sua morte, "nada menos de 17 relógios e várias dúzias de lenços" (2); o homem preocupado com as menores coisas do Itamarati, que inspecionava pessoalmente a organização de cada banquete, fazendo deslocar vasos de flores, pratos e até sobrescritando, do próprio punho, convites, que quando morreu Lavasseur telegrafou à nossa legação mandando colocar uma coroa sobre o féretro e indicando onde adquiri-la, preço, côr, inscrições, tudo, tudo; o homem que se recusava a entrar em elevadores, por considerá-los perigosíssimos;

1) Ao que consta o Sr. Alvaro Lins, conhecido ensaista e crítico literário, está incumbido, pelo Itamarati, de escrever uma biografia de Rio Branco. Tem para isso um subsídio e arquivos à disposição.

2) "Minha Vida", Medeiros e Albuquerque, p. 278. Medeiros depõe ainda sobre o feitio anárquico de Rio Branco: "Ninguém sabia, no Ministério, onde estava qualquer papel: podia sempre estar com o Barão, que ora abria o expediente recém-chegado, ora tomava qualquer trabalho sobre a mesa deste ou daquele empregado, com um grande desejo de tudo ver, de fazer tudo, mas que tinha às vezes inconvenientes graves. Um dia, por exemplo, Fontoura Xavier, que era ministro na Espanha, pediu-lhe uma providência urgente. A Espanha ia votar uma lei sobre emigração um pouco injuriosa para o Brasil e a Argentina. O ministro argentino protestou logo. Fontoura quis fazer o mesmo. Era uma providência a ser tomada em 24 horas. O Barão só abriu o telegrama seis meses depois!"

Rodrigo Otavio conta da comunicação da Academia de Letras a Rio Branco, quando esta o chamou ao seu seio em 1898 (ele estava na Europa) e que ficou sem resposta. Entretanto, o Barão mostrou-lhe em Berlim, quatro anos depois, o ofício recebido e a resposta imediatamente minutada, porem nunca remetida...

Raul do Rio Branco, sem o querer, confirma a apreçoada desordem do seu pai, quando a justifica (*Reminiscências*, p. 192), dizendo que a acusação é "sem base, inspirada, principalmente, pela observação superficial de seu gabinete de trabalho", e fazendo o elogio da sua extraordinária memória como explicação de tudo.



o homem que sendo um dominador absoluto em sua época, temia enormemente a imprensa, sofrendo muito com qualquer ataque à sua pessoa; o homem honestíssimo, que até dispendeu no serviço público muito do patrimônio que o Congresso Nacional lhe votara ao tornar-se vencedor da questão da Guiana; o amigo de Pedro II que pensou em abandonar o serviço público e entregar-se à vida rural quando veio a República ("Reminiscências", p. 106); o homem que não consentiu em ser Presidente da República, alegando razões que valem como um dos mais expressivos documentos psicológicos fornecidos pelo próprio Rio Branco: "Candidato a presidente, estaria nas ondas da política militante, e envolto na voragem das paixões e interesses humanos. Seria discutido, atacado, diminuído, desautorizado pelo choque das ambições bravias, e não teria, como Presidente, a força que hoje tenho como Ministro, para dirigir as relações exteriores".

Tudo isso foi Rio Branco. Medeiros e Albuquerque definiu-o assim: "Um extraordinário patriota. A sua singularidade estava no fato de ser um ministro que viveu cerca de 10 anos, inteiramente, completamente, exclusivamente para o serviço nacional. Não tinha preocupações de família, não cogitava de política interna: era ministro, ministro, acordado ou dormindo, a todas as horas do dia e da noite. De certo, se ele pudesse realizar um ideal, queria ser o Bismarck do Brasil".

Não há nome nacional com uma glória mais alta, nem mais completa, nem mais espontânea que a de Rio Branco. A História consagrou-o, o Brasil deve-lhe territórios e prestígio internacional, o Exército tem-no como um grande amigo e alguém que soube compreender a missão das forças armadas, o povo respeita-o e admira-o. Saia-se pelo Brasil em fora: em cada cidade, em cada lugarejo a rua principal chama-se "Rio Branco". O herói da terra batiza outra rua. Isto é um símbolo.

#### LIVROS RECEBIDOS:

*Tiro e Emprego do Armamento da Infantaria* — Major Pavel. — Bib. de "A Defesa Nacional" — 2.<sup>a</sup> ed.

*Memento do Artilheiro* — Cap. Amyr Borges Fortes — Bib. de "A Defesa Nacional".

*Luiz de Albuquerque* (Fronteiro Insigne) — Virgílio Correia Filho — Imprensa Nacional.

*O Instituto Histórico* — sua obra científica nos Congressos — Virgílio Correia Filho — Imprensa Nacional.



# NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

## DAQUÍ E DALÍ...



A 13 de janeiro de 1932 faleceu o General de Divisão *Alfredo Malan d'Angrongne*, após longos sofrimentos, oriundos de um abalo moral experimentado em pleno exercício de suas funções de Chefe do Estado Maior do Exército. Sei de tudo como se passou, porem ainda é cedo para fazer-se luz sobre as páginas da História, pois a sua terá que ser escrita, mercê dos serviços extraordinários por ele prestados ao Exército e ao Brasil.

Brilhou em todas as comissões que lhe foram afetas, aqui e no estrangeiro, e fez, no desempenho delas, amigos verdadei-

ros que até hoje e jamais conformar-se-ão com sua ausência.

Repousa no Cemitério de S. João Batista, num singelo jazigo de granito, bem próximo do monumento das vítimas gloriosas de 27 de novembro de 1935. Lá irei depositar flores, pelo transcurso do 11.º aniversário de sua morte e dizer-lhe: "General Malan, meu guia espiritual, aqui estou como amigo que nunca se esquece dos amigos."

L. F.



### “SEIS GRANDES HOMENS DO BRASIL”

*Publicado nos Estados Unidos um novo livro da escritora VERA KELSEY, sobre o nosso país.*

Já é grandemente conhecido do público brasileiro o nome da jornalista e escritora norte-americana Vera Kelsey, que se vem dedicando com especial carinho à obra de difusão de assuntos brasileiros nos Estados Unidos.

Antiga militante da imprensa internacional, tendo trabalhado em Tóquio, em Changai, em vários Estados dos Estados Unidos e em diversos países do continente americano, o que lhe permitiu escrever, entre outros livros — “Seven Keys to Brazil”, e “Brazil in Capitals”, ambos representando um ótimo serviço de divulgação de assuntos e coisas brasileiras.

No livro de sua autoria sobre o nosso país, vem agora de ser publicado em Boston, pela casa editora D. C. Hear and Company, na série “New World Neighbors”, especialmente destinada à difusão, entre o público infantil, dos aspectos característicos dos diferentes países da América do Sul.

“Six Great Men of Brazil”, contem, como o título indica, as biografias de seis grandes homens do Brasil, todas elas vasadas em estilo simples e acessível às crianças a que o livro é destinado. O volume é dividido em outros tantos capítulos, a saber:

- 1) Pedro II. O bom Imperador;
- 2) O general Caxias — soldado, estadista e herói;
- 3) Barão de Mauá — o pai da industria brasileira;
- 4) Carlos Gomes, eminente compositor brasileiro;
- 5) Santos Dumont — pioneiro da aviação;
- 6) General Rondon, o protetor dos índios.

O livro é ilustrado por Stephen J. Voorhies, trazendo um prefácio de M. Bergstrom Lourenço Filho, do Instituto Nacional de Educação.

Para se aquilatar do interesse que os assuntos brasileiros despertam atualmente nos Estados Unidos, e dos resultados que se podem esperar da difusão desse livro, basta dizer que a sua 1.<sup>a</sup> edição, que fora projetada para a tiragem de 6.000 exemplares, foi aumentada, antes ainda de ser a obra entregue à venda, para 30.000 exemplares, somente tendo em vista os pedidos recebidos por antecipação.

Vera Kelsey, que se dedica com real empenho à obra de aproximação brasileiro-americana, e que dentro em breve deverá voltar ao Brasil, está presentemente entregue à tradução dos romances que compõem a série do “Ciclo da Cana de Açúcar” do escritor José Lins do Rego.

### MENSAGEM DA ESCRITORA URUGUAIA ADELA MAGGIA, ENTREGUE POR ELA PESSOALMENTE NO PALACIO DO GOVERNO

Tradução livre e interpretativa do Cel. A. Botelho de Magalhães

Exmo. Sr. Presidente dos Estados Unidos do Brasil — Dr. Getulio Vargas

Excelencia:

Um dia, que não vai longe, a América Indigenista se regosijou ao saber que havieis procurado o contacto com o espírito e o coração da nossa raça, privando-vos do conforto do vosso palacio presidencial, para ir em pessoa conviver com



os índios, para vê-los e observá-los em suas próprias e rústicas tabas, e assim preparar-lhes com exação um futuro ameno que compense as torturas sofridas através de séculos de dor e de opressão! Despertastes a mais viva simpatia dos homens americanos com o vosso gesto, porque cada povo da América ama ao Índio e o encara como um Símbolo da própria América! Percebemos a encarração e a influencia da raça em nossos sentimentos e em nossas emoções estéticas ante a Natureza, na qual nos descobrimos a nós mesmos! Ao conjuuro dos numes indígenas, os caciques que acorreram ao chamado, sentiram despertar generosos ideais de fraternidade continental, e desde o Amazonas ao Paraná, ao Paraguai, ao Prata; desde as montanhas andinas, do Orizoco ao Madalena, ao largo Tezcuco, até às montanhas Rochosas — será uma única senda de paz, de harmonia, porque é uma só a raça que simboliza a tradição do continente. O Inca-imperador não foi mais que o Charrua, o Tupi, o Guarani, e Araucano e o fiel Pele Vermelha — no fundo sentir da alma indigenista. Civilizações fortes, grandiosas, tr-se am sustentado no continente, se a evolução social não nos houvera imposto as guerras de conquista! O Eldorado existiu, sem dúyida na portentosa riqueza, mas houve tambem o Eldorado do espírito; do Maia, do Inca, do Azteca, nos haviam de ter vindo a ética e a estética da América. O continente poderia ter prescindido perfeitamente da conquista, porque a América possui individualidade inconfundível de espírito, tal como a Grécia, que sobrevive a todas as catástrofes.

O Brasil, tão imenso, tão caro para nós que nascemos no Continente Americano, é a esperança do futuro harmonioso da América. Todas as mulheres, todas as mães, pedimos a Deus sua proteção para este país de suma importância continental. Em cada movimento de cultura brasileira, vemos um caminho aberto ao porvir. Todas as exaltações ao aborígine constituem idéias de elevado civismo e todo o assunto de patriotismo profundo desperta admiração dos povos vigorosos. Não havia gesto mais simpático para a América Indigenista que a vossa visita aos Índios e a idéia que partira do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, lançada pelo grande historiador Dr. Romário Martins, de render homenagem ao Índio Brasileiro. Tão pouco poderemos esquecer a ação fervorosamente cívica do escritor Paulo Tacla, na homenagem ao cacique Guairacá, em que aquela se consubstancia. Desde o poético Paraná, levou ele bem longe o nome de sua gloriosa pátria, em suas brilhantes páginas literárias.

Guairacá, nas lides harmoniosas do sonho, formará com Tabaré, Caupolicán e Atanálpa, o grupo plástico que vela pelo futuro da América, nas noites americanas; nos plenilúnios, quando o horizonte se confunde com a terra a distâncias imensas; quando o condor pousa augusto sobre a montanha; quando se escuta o eco de "quenias" e de "bambucos"; quando a esplendorosa aurora da América evoca o hino ao sol dos Inca, estarão vibrantes os espíritos de vosso Índios imortais e da epopéia como que tecida de luz e de sombras, de crepúsculos e auroras, do continente; o Brasil nos oferece o exemplo de beleza de uma alma de soldado que não é menos gloriosa que Washington, Bolívar, San Martín, O'Higgins e Artigas — porque sua batalha é ainda superior às de cunho essencialmente bélico e seu triunfo é imensamente humano e a ele o devem todos os povos civilizados a homenagem mais elevada do espírito! — *Candido Mariano da Silva Rondon* — nome de indescritíveis sugestões no sentido filosófico da vida e da liberdade do homem! Rondon — General Rondon — Onde será que este nome não desperte veneração? Em que país, em que Instituto Histórico, em que colégio do mundo não se venera a este brasileiro que sobre o ouro de seus lauréis lançou o próprio brilho de sol e cuja espada de general civilizado está galvanizada com a promessa de redenção de uma raça esquecida?

Rondon que dedicou sua juventude ao deserto, ao Índio, às esperanças terríveis da vida nos campos abrutos e nas selvas perigosas, que enfrentara as pestes, que se saíra da Escola Militar jovem, garboso, renunciando a todas as tentações da



metrópole, oferecendo o sacrifício de um sonho sem precedentes na história do Novo Mundo — Rondon, cujo nome projeta o lampejo dos gestos imortais, augura a homenagem ao Índio Brasileiro, para a qual todas as instituições mais importantes da cultura do Brasil, hoje aqui representadas perante V. Excia., auspiciam o mais simpático dos movimentos cívicos partido do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, com o duplo e significativo escopo de fixar no bronze a advertência enérgica de Guairacá: “ESTA TERRA TEM DONO !” a sua figura máscula de patriota !

Para além do Brasil ecoou a notícia traçada pela aurea pena de Raquel Prado, brasileira, que, como Gabriela Mistral e Juana de Itarbouru, tão cara ao continente !

Raquel Prado, irmã do poeta que cantara o Índio de minha Pátria, interpretou brilhantemente, perante a Raça indigna esta homenagem do Brasil, illustre Presidente Vargas, à qual, com alma, saberia agradecer somente a voz sublime de Juan Zorrilla de San Martin, que assim se exprimira:

“O povo altivo que na idade sem nome,

“Era por acaso o cérebro

“Do continente morto

“Já submergiu no abismo atlântico,

“Que, não tendo em si, para o cadaver

“Daquele colosso, espaço...

“Deixou assomar, sobre a vasta tumba —

“— Membro insepulto — o Mundo Americano !...”.

Recebei, Sr. Presidente, em nome de todos os que em minha pátria rendem culto à tradição da América, a mais viva e sincera admiração, pelos notáveis acontecimentos que esta mensagem regista.

(a) ADELA MAGGIA

**DEPÓSITO DE PÃO E BOTEQUIM SÃO JORGE** — Variado sortimento de Líquidos e Comestíveis finos. Pães, Biscoutos, Balas, Doces, Manteiga, Queijos, etc. — Preços Reduzidos — João Ferreira — Rua Francisca Meyer, 91 — Engenho de Dentro.

**ARMAZEM SANTO ANTONIO** — Generos de Primeira Qualidade Nacionais e Estrangeiros — Especialidade em Vinhos e Aguardente — Preços sem Competidor — J. Lôbo — Rua Silveira Lôbo, 78 — Telefone, 29-4319 — (Esquina Vaz Caminha) — Engenho Novo — Rio de Janeiro.

**ARMAZEM E BAR SANTA CRUZ** — O mais Barateiro do Bairro — Líquidos e Comestíveis Finos. Vendas a Dinheiro — J. Pereira Bento — Rua Dias da Cruz, 763 — Telefone 29-1076 — Engenho de Dentro — Rio de Janeiro.

**ARMAZEM VICTORIA** — Casa especial, em líquidos e comestíveis finos nacionais e estrangeiros — Vendas só à Dinheiro — Manoel S. Ribeiro — Rua Cachamby, 21 — Meyer — Telefone 29-3506 — Rio de Janeiro.

**BAR SANTA TEREZINHA** — O mais bem sortido do suburbio — Fernando dos Santos Fernandes — Rua Aquidaban, 335-B — Meyer — DISTRITO FEDERAL.



## ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

### De 20 de Novembro a 20 de Dezembro de 1942

#### AJUDA DE CUSTO (funcionários).

— A importância da gratificação de função será acrescida ao vencimento ou remuneração do respectivo ocupante para efeito exclusivo da concessão de ajuda de custo.

Considerar-se-ão, na aplicação do disposto neste artigo, os padrões alfabéticos da tabela do decreto n. 6.541, de 23 de novembro de 1940, para os funcionários a que o mesmo se refere.

(Dec.-lei n. 5.049, de 7 — D.O. de 9-12-942).

#### AMAPÁ E BRASÍLIA (guarnições).

— As guarnições de Brasília e Amapá são consideradas, na forma do disposto no art. 19 do decreto-lei n. 3.752, de 23 de outubro de 1941, guarnições especiais.

(Dec.-lei n. 5.029, de 4 — D.O. de 7-12-942).

#### APRESENTAÇÃO DE RESERVISTAS (apresentação).

— Deve ser concedido o prazo de sessenta dias para a apresentação dos reservistas convocados que forem chefes de firma ou dono de casa comercial.

(Aviso n. 3.141, de 1.º — D.O. de 3-12-942).

#### AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (concessão).

— A Diretoria das Armas, criada pelo Decreto-Lei n. 5.013, de 30 de novembro findo, passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 3.213, de 5 — D.O. de 8-12-942).

— Fica sem efeito o Aviso n. 2.240, de 31 de agosto último, que concedeu autonomia administrativa à 1.ª Bateria de Projétores do Distrito de Defesa de Costa.

(Aviso n. 3.318, de 15 — D.O. de 17-12-942).

— Fica sem efeito o Aviso n. 3.211, de 5 do corrente mês, na parte que concedeu autonomia administrativa à 1.ª Companhia de Vigilância do Ar, que ficará adida ao I/1.º Regimento de Artilharia Anti-Aérea.

(Aviso n. 3.325, de 17 — D.O. de 19-12-942).

— A A.D. -14 passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 3.034, de 20 — D.O. de 24-11-942).

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, baixado com o decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao Quartel General da Infantaria Divisionária da 1.ª D.I. (I.D.-14).

(Aviso n. 3.134, de 1.º — D.O. de 3-12-942).

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, baixado com o decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao Quartel General da Artilharia da 7.ª Região Militar.

(Aviso n. 3.133, de 1.º — D.O. de 3-12-942).

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, baixado com o decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao Quartel General da 14.ª Divisão de Infantaria.

(Aviso n. 3.132 de 1.º — D.O. de 3-12-942).



— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, baixado com o decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao Quartel General da Infantaria Divisionária da 7.<sup>a</sup> D.I. (I.D.-7).

(Aviso n. 3.135, de 1.<sup>o</sup> — D.O. de 3-12-942).

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, baixado com o decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao Quartel General da 7.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria.

(Aviso n. 3.131, de 1.<sup>o</sup> — D.O. de 3-12-942).

— A 1.<sup>a</sup> Companhia de Vigilância do Ar, o 2.<sup>o</sup> Batalhão de Carros de Combate e o III/20.<sup>o</sup> Regimento de Infantaria passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 3.211, de 5 — D.O. de 8-12-942).

#### CABOS ENFERMEIROS E VETERINÁRIOS (concessão).

— Fica extensivo aos cabos enfermeiros e veterinários do Exército o disposto no decreto n. 11.008, de 4 de dezembro do corrente ano.

(Dec. n. 11.095, de 11 — D.O. de 14-12-942).

#### CABOS FERRADORES (reengajamento).

— Os cabos ferradores do Exército ficam dispensados, para fins de reengajamento, do requisito de estarem aptos ao acesso à graduação superior.

(Dec. n. 11.008, de 4 — D.O. de 7-12-942).

#### CAPOTE DE PRAÇA (fornecimento).

— Em Aviso n. 55, de 30 de agosto de 1938, foi permitido aos sargentos dos corpos de tropa e formações de serviço, quando exclusivamente em exercícios coletivos, serviço em campanha, manobras e serviços internos, o uso do capote de praça, os quais sejam fornecidos, uma vez existentes em carga, para pagamento em 10 prestações, dando-se disso conhecimento, para fins de manutenção de estoque, ao Estabelecimento de Material de Intendência provedor e a que seriam recolhidas as importâncias descontadas.

Torna extensivo aos sargentos reservistas, convocados, as mesmas disposições, sendo que a indenização se fará em quatro prestações, em vez de dez.

(Aviso n. 3.252, de 11 — D.O. de 12-12-942).

#### CARGA E ABONOS (desconto).

— Para controle da efetivação de descontos referentes a cargas impostas e a abonos concedidos ao pessoal do Ministério da Guerra, deverão ser observadas as seguintes prescrições:

- a) Os S.F.R. manterão contas correntes individuais de todas as importâncias relativas a cargas impostas e abonos concedidos;
- b) tais contas correntes assentarão nas comunicações feitas, obrigatoriamente, em officio, pelas unidades administrativas, bem como nas respectivas folhas de vencimentos;
- c) por ocasião dos exames das prestações de contas de pessoal pelos S.F.R., será verificada a regularidade e continuidade dos descontos em questão;
- d) quando pelas observações das folhas de vencimentos o S.F.R. verificar a transferência do militar ou civil, sujeito a desconto, para unidade administrativa paga por outro S.F.R., remeterá a este cópia da conta corrente de que trata a alínea "a".

(Aviso n. 3.121, de 28-11 — D.O. de 1-12-942).



## CARTEIRA DE IDENTIDADE (funcionamento).

— E' autorizado o Serviço de Identificação do Exército, pela sua Chefia e Gabinete Regionais, a fornecer carteira de identidade às pessoas da família:

a) dos oficiais (da ativa, da Reserva de 1.<sup>a</sup> classe, reformados, de 2.<sup>a</sup> linha contribuintes do montepio militar e da Reserva de 2.<sup>a</sup> classe, convocados para o serviço ativo;

b) dos sub-tenentes, sargentos e músicos — da ativa, da reserva remunerada, reformados e asilados;

c) dos funcionários civis do Ministério da Guerra (mesmo aposentados) contribuintes do montepio militar ou civil.

Consideram-se pessoas da família do militar, desde que vivam às suas expensas e em sua companhia e cujos nomes contem de seus assentamentos (art. 231, § 3.<sup>o</sup> do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército):

a) esposa;

b) filhas legítimas ou legitimadas, enteados, sobrinhos e irmãs solteiras ou viúvas;

c) filhos legítimos ou legitimados, enteados, sobrinhos e irmãos menores ou invalidos;

d) mãe viúva ou desquitada, enquanto se conservar neste estado;

e) avós e pais, quando inválidos;

f) netos, orfãos menores ou inválidos.

Alem das pessoas acima mencionadas, tem direito à carteira de identidade as irmãs desquitadas dos oficiais, sub-tenentes, sargentos, músicos e funcionários civis do Ministério da Guerra contribuintes do montepio militar ou civil, enquanto se conservarem nesse estado.

A carteira de identidade será fornecida mediante indenização, a requerimento do oficial, sub-tenente, sargento, músico ou funcionário civil, ou das pessoas constantes do item anterior, dirigido à Diretoria de Recrutamento, ou, nos Estados, ao comandante da respectiva Região Militar e instruído com o documento ou documentos e informações que comprovem a situação prevista no item II.

Embora falecido, o oficial, sub-tenente, sargento, músico ou funcionário civil, as pessoas de sua família, constantes do item II, poderão obter carteira de identidade de acordo com o disposto no presente aviso.

Os documentos serão restituídos aos interessados, depois de despachado o requerimento pela Diretoria de Recrutamento, quando também será feita a entrega da carteira de identidade.

Ficam sem efeito todos os avisos anteriormente referentes ao assunto.

(Aviso n. 3.262, de 11 — D.O. de 14-12-942).

## CASAS DO ESTADO (solução de consulta).

— Consulta o comandante da 9.<sup>a</sup> Região Militar:

a) se o chefe do Serviço de Fundos Regional, conquanto pertença a uma Unidade Administrativa à parte, deve concorrer ao direito de residir em casas do Estado destinadas aos chefes de Serviços Regionais;

b) se os oficiais transferidos para a Unidade Administrativa ou nela classificados podem candidatar-se a residir em casas do Ministério da Guerra antes de se apresentarem a destino.

Em solução, declarou o Sr. Ministro:

quanto à alínea a): sendo o Serviço de Fundos Regional um órgão integrante do Quartel General, não obstante possuir autonomia administrativa, deve o respectivo chefe concorrer ao direito mencionado;



quanto à alínea b): para qualquer oficial contemplado no Plano de Distribuição de Casas, somente após a sua apresentação no Quartel General, corpo ou estabelecimento a que pertence será levado em conta o seu direito de residir em próprio nacional.

(Aviso n. 3.056, de 24 — D.O. de 30-11-942).

#### CENTRO DE INSTRUÇÃO DE D.A.Ae. (matrícula).

— São fixadas as seguintes matrículas no Centro de Instrução de Defesa Anti-Aérea:

*Curso Categoria B:*

Artilharia:

5 capitães e 15 primeiros tenentes, que sirvam nas 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> R.M.

*Curso Categoria D:*

Artilharia:

60 sargentos ou cabos das 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> R.M.

Os referidos Cursos terão a duração de seis (6) meses, inclusive exames.

O ano letivo terá início a 1 de fevereiro.

(Aviso n. 3.165, de 2 — D.O. de 4-12-942).

#### CAROS DE SARGENTOS E CABOS (autorização).

— E' autorizado o Comando da 7.<sup>a</sup> Região Militar a manter nos corpos de tropa da referida Região um excesso em soldados correspondente ao número de claros de sargentos e cabos ora existentes nos referidos corpos, devendo esse excesso desaparecer logo após o término dos cursos de formação regimentais de uma e outra categoria de graduados.

(Aviso n. 3.275, de 12 — D.O. de 15-12-942).

#### COLÉGIO MILITAR (certificado).

— Conceder-se-á certificado de licença ginásial aos alunos do Colégio Militar adaptados no corrente ano à 4.<sup>a</sup> série do curso ginásial, uma vez que a conclua com observância do regime dos exames de suficiência relativos às três primeiras séries, ficando revogados os itens c, d, e, f e g do aviso n. 2.736, publicado no *Diário Oficial* de 22 de outubro de 1942.

2. Aos alunos habilitados na 4.<sup>a</sup> série do curso fundamental assegurar-se-á, a partir de 1943, o direito de matrícula na primeira série do curso científico.

(Aviso n. 3.268, de 11 — D.O. de 14-12-942).

#### COMISSÃO BRASILEIRA DE LIMITES (contingente).

— Fica reduzido do seguinte modo o efetivo do Contingente Especial à disposição da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites:

1 — 2.<sup>o</sup> sargento.

20 — soldados.

(Aviso n. 3.332, de 17 — D.O. de 19-12-942).

#### COMISSÃO DE CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS (sargentos).

— I — Para facilidade do complemento dos claros de sargentos e melhor rendimento dos trabalhos afetos à Comissão de Estudos para a Construção da Rodovia Estado de São Paulo-Cuiabá e Comissão de Construção de Estradas de Rodagem para os Estados do Paraná-Santa Catarina, fica adotado o seguinte escalonamento nas graduações:

Comissão de Estudos para a Construção da Rodovia Estado de São Paulo-Cuiabá:

Primeiros sargentos de engenharia . . . . .	3
Segundos sargentos de engenharia . . . . .	3
Terceiros sargentos de engenharia . . . . .	2

Comissão de Construção de Estradas de Rodagem para os Estados do Paraná-Santa Catarina:



Primeiros sargentos de engenharia.. . . . .	3
Segundos sargentos de engenharia.. . . . .	3

II — Esse escalonamento permitirá o acesso dos sargentos, dentro das Comissões, desde que caiba aos interessados a vez de promoção, conforme a seleção procedida entre os sargentos da arma que satisfaçam aos requisitos regulamentares (aviso n. 1.777, de 7-7-942), evitando-se, dessa maneira, a inclusão nas mesmas de elementos sem o imprescindível tirocinio. (Aviso n. 3.040, de 21 — D.O. de 24-11-942).

**COMISSÃO CONSTRUTORA DE E. DE FERRO (contingente).**

— Fica criado o contingente da Comissão Construtora de Estradas de Ferro do Sul do País, com o seguinte efetivo:

Primeiros sargentos.. . . . .	2
Segundos sargentos.. . . . .	2
Terceiros sargentos . . . . .	2
Cabos . . . . .	2
Soldados ordenanças. . . . .	5
	—
Soma . . . . .	11

(Aviso n. 3.026, de 19 — D.O. de 21-11-942).

**COMISSÕES DE ESCOLHA DE TERRENOS (avaliação).**

— Em aditamento ao aviso n. 224, — Imov. 1, de 26 de janeiro do corrente ano, fica estabelecido que as avaliações de imóveis a serem feitas pelas Comissões de Escolha de Terrenos deverão atender ao seguinte:

- a) estimação dos bens para efeitos fiscais, se a propriedade estiver sujeita ao imposto predial, o seu valor não será inferior a 10, nem superior a 20 vezes o valor locativo, deduzida previamente a importância do imposto, e tendo por base esse mesmo imposto, lançado no ano anterior;
- b) preço de aquisição e interesse que deles auferir o proprietário;
- c) situação, estado de conservação e segurança;
- d) valor venal dos da mesma espécie, nos últimos cinco anos;
- e) valorização ou depreciação da área, remanescente, do mesmo proprietário.

(Aviso n. 3.147, de 1.º — D.O. de 3-12-942).

**COMISSÃO DE ORÇAMENTO DO M.G. (instruções).**

— Aprovo as Instruções para regular a execução dos trabalhos da Comissão de Orçamento do Ministério da Guerra, criada pelo aviso n. 3.827, de 12 de outubro de 1942.

(Aviso n. 3.244, de 11 — D.O. de 12-12-942).

**COMISSÃO DE ORÇAMENTO (avisos).**

— Declaro que os avisos (ostensivos e sigilosos), preparados pela Comissão de Orçamento, serão numerados e expedidos por ela, a partir de 1.º de janeiro de 1943, observadas as prescrições vigentes.

Os números dos avisos terão, à direita, as iniciais C. O., à semelhança dos que são preparados na Secretaria do Conselho Superior de Economia da Guerra.

(Aviso n. 3.330, de 17 — D.O. de 19-12-942).

**CIA. DE GUARDA DO Q. G. M. G. (corneteiro).**

— Fica acrescido de um cabo corneteiro o efetivo da banda da Companhia de Guarda do Quartel General do Ministério da Guerra.

(Aviso n. 3.331, de 17 — D.O. de 19-12-942).

**CONSCRITOS (incorporação).**

— E' autorizado o Comando da 8.ª Região Militar a incorporar, no 35.º Batalhão de Caçadores (Bragança), os conscritos do contingente de 1942-



1943 (1.<sup>a</sup> chamada) dos Municípios, sedes da Região e do Batalhão, ficando ao seu critério fixar a data de apresentação dos sorteados sujeitos à incorporação de que trata o presente aviso.

(Aviso n. 3.173, de 2 — D.O. de 4-12-942).

#### CORPOS DE TROPA (instalação).

— A 5.<sup>a</sup> Cia. M. Trans. é mandada instalar, nesta Capital, no Quartel da Cia. Escola de Engenharia, com destino à 9.<sup>a</sup> Região Militar.

(Aviso n. 3.060, de 24 — D.O. de 26-11-942).

— A 5.<sup>o</sup> Cia. M. Trans. tem o efetivo e organização idênticos aos da 1.<sup>a</sup> Cia. M. Trans. (Santiago do Boqueirão).

(Aviso n. 3.063, de 24 — D.O. de 26-11-942).

— O Quartel General da Artilharia da 7.<sup>a</sup> Região Militar é idêntico ao da Artilharia Divisionária da 1.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria.

— O Quartel General da Artilharia da 7.<sup>a</sup> Região Militar é mandado instalar no Quartel General da respectiva Região.

(Avisos ns. 3.061 e 3.062, de 24 — D.O. de 26-11-942).

— E' criado, para instalação a partir de 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1943, com sede na Capital Federal, o 2.<sup>o</sup> Batalhão de Carros de Combate, com organização e efetivo idênticos aos do 1.<sup>o</sup> Batalhão de Carros de Combate Leves, o qual passa a denominar-se 1.<sup>o</sup> Batalhão de Carros de Combate, (Dec.-Lei n. 5.007, de 27 — D.O. de 30-11-942).

— E' criada para instalação imediata, com sede no Rio de Janeiro, a 1.<sup>a</sup> Companhia de Vigilância do Ar, com organização e efetivo a serem fixados, oportunamente, por ato do Ministro de Estado da Guerra.

(Dec.-Lei n. 5.004, de 27 — D.O. de 30-11-942).

— A 1.<sup>a</sup> Companhia de Vigilância do Ar, criada por decreto-lei n. 5.004, de 27 de novembro último, é mandada instalar no quartel do I/1.<sup>o</sup> R.A. Aé., adida ao referido Grupo.

(Aviso n. 3.162, de 2 — D.O. de 4-11-942).

— O 4.<sup>o</sup> G.M.A.C., em instalação no quartel do 1.<sup>o</sup> G.O. (São Cristóvão), deverá ocupar, a partir de 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1943, o quartel de madeira ora em construção no Joquei-Clube, anexo aos edifícios Mallet, até a sua instalação em seu quartel definitivo mandado edificar nesta Capital.

(Aviso n. 3.160, de 2 — D.O. de 4-12-942).

#### CURSO DE FORMAÇÃO DE GRADUADOS (instalação).

— E', por extensão, mandado criar, instalar e pôr em funcionamento, desde já:

Para a *arma de cavalaria*, nas sedes dos Comandos das 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> Regiões Militares e das três Divisões de Cavalaria; e

Para a *arma de artilharia*, nas sedes dos Comandos das 3.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> Regiões, o Curso Regional de Formação de Graduados (sargentos e cabos) e soldados, de fileira e especialistas, análogo ao instituído por aviso n.2.201, de 26 de agosto último, para a arma de infantaria.

(Aviso n. 3.159, de 2 — D.O. de 4-12-942).

#### CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (matrícula).

— Os sorteados possuidores de certificado do Curso Secundário serão, compulsoriamente, matriculados nos C.P.O.R. ou N.P.O.R., independentemente da prova de habilitação que se exige para os candidatos a esses órgãos de formação de oficiais da reserva.

(Aviso n. 3.053, de 23 — D.O. de 25-11-942).

— Os reservistas convocados que fizeram a prova de seleção nos C.P.O.R. ou N.P.O.R. concorrerão às vagas para matrícula nas condições dos demais candidatos civis, obedecendo-se rigorosamente à classificação geral pelo grau



obtido nas referidas provas. Continuarão nos corpos como excedentes fazendo todo o serviço interno.

(Aviso n. 3.055, de 24 — D.O. de 26-11-942).

— O efeito do Corpo de Alunos do C.P.O.R. do Rio (1.<sup>a</sup> R.M.), em 1943, será o seguinte: Infantaria, 700; Cavalaria, 350; Artilharia, 250; Engenharia, 130; Intendência, 100.

(Aviso 3.072, de 25 — D.O. de 23-11-942).

— O corpo d'alunos do C.P.O.R. da 6.<sup>a</sup> Região Militar terá, em 1943, o seguinte efetivo: Infantaria, 400; Artilharia, 100; Intendência, 100.

(Aviso n. 3.106, de 27 — D.O. de 30-11-942).

#### CURSO DE C. P. O. R. (Curso de Intendência).

— Os candidatos ao Curso de Intendência dos C.P.O.R. possuidores do diploma da escola técnica de comércio: guarda-livro, atuário e cortador, bem como os alunos do Curso Superior de Economia ou Administração / Finanças não precisam apresentar certificados de Curso secundário para inscrição nesses Centros.

(Aviso n. 3.214, de 5 — D.O. de 3-11-942).

#### DEPÓSITO DE MATERIAL DE INTENDÊNCIA (quadro).

— Aprovo o quadro de efetivo do Depósito de Material de Intendência da 8.<sup>o</sup> Região Militar que constará de um 1.<sup>o</sup> tenente, um 2.<sup>o</sup> tenente, dois 2.<sup>os</sup> sargentos, um 3.<sup>o</sup> sargento, dois cabos e oito soldados, no total de dois oficiais e treze praças.

(Aviso n. 3.286, de 14 — D.O. de 16-12-942).

#### DEPÓSITO DE M. S. E. (contingente).

— O efetivo do contingente do Depósito Central de Material Sanitário do Exército fica aumentado das seguintes praças: Segundo sargento, 1; Terceiro sargento, 1; Cabo, 1; Soldados, 2; Soma, 5.

(Aviso n. 3.173, de 2 — D.O. de 4-12-942).

#### DIRETORIA DAS ARMAS (criação).

E criada, para instalação imediata, com sede na Capital Federal, a Diretoria das Armas (D.A.), órgão do Alto Comando Territorial, diretamente subordinado ao Ministro da Guerra, destinado a secundá-lo na sua função coordenadora, administrativa e de fiscalização nas questões atinentes ao pessoal combatente das quatro armas.

Ficam suspensas a execução dos decretos n. 3.603, de 13 de janeiro de 1939; n. 3.606, de 14 de janeiro do mesmo ano, e n. 7.763, de 2 de setembro de 1941, e as disposições contidas no regulamento para o Serviço de Engenharia aprovado por decreto n. 16.631, de 8 de outubro de 1924, que contrariem o presente decreto-lei.

São transferidas para o Estado-Maior do Exército as atribuições das terceiras Divisões das Diretorias de Infantaria, Cavalaria e Artilharia especificadas Armas (D.O.).

O movimento do pessoal pertencente ao Q.T.A., continua a cargo das Diretorias Técnicas correspondentes.

Art. 5.<sup>o</sup> Poderão ser aproveitados nos vários cargos da Diretoria das Armas (D.A.) e das Diretorias Técnicas (Diretorias de Serviços) oficiais da ativa ou da Reserva de 1.<sup>a</sup> classe indiferentemente.

(Dec-lei n. 5.013, de 30-11- D.O. de 2-12-942).

#### DIRETORIA DAS ARMAS (regulamento).

— Por Decreto n. 10.998, de 3, publicado no Diário Oficial de 5-12-942, foi aprovado o Regulamento da Diretoria das Armas.

— Os oficiais e praças e o pessoal civil das Diretorias de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Artilharia de Costa serão considerados adidos à D.A. a partir da data da instalação desta, até que, por ato do Governo ou do



ministro da Guerra, tenham suas comissões ou cargos definidos no âmbito da nova Diretoria.

(Aviso n. 3.158, de 2 — D.O. de 4-12-942).

#### DIRETORIA DE ARTILHARIA DE COSTA (situação).

— Os oficiais e praças e o pessoal civil da Diretoria de Artilharia de Costa continuam na situação que tinham anteriormente ao Aviso n. 3.158, de 2 do corrente mês, até que seja resolvido, em definitivo, acerca do funcionamento da D.A.C. em face do decreto-lei n. 5.013, de 30 de novembro de 1942, que criou a D.A.

(Aviso n. 3.254, de 11 — D.O. de 14-12-942).

#### DISTINTIVO (aprovação).

— Aprovo o distintivo da Escolta da Brigada Mista de Cavalaria, com as seguintes características:

Distintivo de Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria no interior de um losângo com o número da Região na base, 0,045 x 0,030 de eixo.

(Aviso n. 3.223, de 7 — D.O. de 9-12-942).

#### ESCOLAS DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS (candidatos).

— Os alunos do Colégio Militar, das Escolas Preparatórias e as praças do Exército só podem candidatar-se a uma das Escolas de Formação de Oficiais.

(Aviso n. 3.023, de 19 — D.O. de 21-12-942).

#### ESCOLA DE MOTO-MECANIZAÇÃO (matrícula).

— São fixadas as seguintes matrículas na Escola de Moto-mecanização, em 1943:

I — Cursos, cat. M e MM (1os. e 2os. tenentes): Infantaria, 40; Cavalaria, 30; Artilharia, 20; Engenharia, 10.

II — Curso de Praças, cat. EC e EMC (sargentos e cabos): Infantaria, 35; Cavalaria, 30; Artilharia, 15; Engenharia, 10.

III — Duração dos cursos: categoria M quatro meses; categoria MM cinco meses. Curso de praças: cinco meses.

IV — Início do curso: para oficiais 1 de fevereiro; para praças 1 de março.

(Aviso n. 3.231, de 11 — D.O. de 14-12-942).

#### ESCOLA DE SAUDE DO EXÉRCITO (vagas).

— Para matrícula nos diferentes cursos da Escola de Saude do Exército, em 1943, é fixado do seguinte modo o número de vagas: Curso de Formação de Oficiais Médicos, 30; Curso de Formação de Enfermeiros, 40; Curso de Formação de Manipuladores de Farmácia, 30; Curso de Formação de Manipuladores de Radiologia, 20.

(Aviso n. 3.035, de 20 — D.O. de 24-11-942).

#### ESCOLA DE TRANSMISSÕES (curso B 1).

— Fica aumentado para 31 o número de matrículas no Curso B 1 — Infantaria — da Escola de Transmissões, de que trata o aviso n. 2.327, de 9 de setembro último.

(Aviso n. 3.116, de 28-11- D.O. de 1-12-942).

— O corpo de alunos do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Recife, terá, em 1943, o seguinte efetivo: Infantaria, 300; Artilharia, 100; Cavalaria, 50; Engenharia, 50; Intendência, 50.

(Aviso n. 3.240, de 10 — D.O. de 11-12-942).

#### ESTABELECIMENTOS FABRÍIS (interesse militar).

São considerados de interesse militar, para todos os fins do disposto no decreto-lei n. 4.937, de 9 de novembro de 1942, os seguintes estabelecimentos fabris civis: Lindau & Cia., em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Forjas Taurus, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Amadeo Rossi & Cia., em São Leopoldo, Rio Grande do Sul; Indústria Eletro-Aço Plangg



Ltda., em Nova Hamburgo, Rio Grande do Sul; Abramo Eberde & Cia., em Caxias, Rio Grande do Sul; Gazola Travi & Cia., em Caxias, Rio Grande do Sul; Companhia Brasileira de Cartuchos, em Santo André, São Paulo; Laminação Nacional de Metais, em Santo André, São Paulo; Máquinas Ferri Ltda. (Alnorma), em São Paulo; Bromberg & Cia., em São Paulo; Broca & Meireles, em São Paulo; Companhia Nacional Forjagem de Aço Brasileiro "Confab", em Santo André, São Paulo; Companhia Industrial Máquina São Paulo, em Limeira, São Paulo; Eletro-Aço Altona Limitada, em Blumenau, Santa Catarina; Companhia Federal de Fundição, no Distrito Federal; James Magrus & Cia., no Distrito Federal; Carl Zeiss — Sociedade Ótica Limitada, no Distrito Federal; Marvin S.A., no Distrito Federal; e Usina de Volta Redonda (Companhia Siderúrgica Nacional), Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro.  
(Decreto n. 11.087, de 10 — D.O. de 12-12-942).

#### ESTADO MAIOR REGIONAL (tipo).

— O E.M.R. da 10.<sup>a</sup> Região Militar é idêntico ao da 8.<sup>a</sup> Região Militar (tipo 3).

(Aviso n. 3.125, de 30-11- D.O. de 2-12-942).

#### "FORTE DOS ANDRADAS" (denominações).

O Forte de Munduba, na entrada do porto de Santos, denominar-se-á doravante "Forte dos Andradas" em homenagem a José Bonifácio de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Silva, tributo de gratidão que o Exército presta a esses grandes vultos do antigo regime aos quais a Pátria tanto deve.

(Decreto n. 10.971, de 17 — D.O. de 30-12-942).

#### FUNCIONÁRIOS EM COMISSÃO (licença).

— Ao ocupante de cargo provido em comissão não será concedida a licença prevista no item VII do art. 151 do decreto-lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939, cessando, a partir da vigência deste decreto-lei aquelas que estiverem sendo gozadas, no momento.

Os funcionários atingidos pelo disposto no artigo anterior terão o prazo prorogável de 30 dias para reassumir o exercício dos respectivos cargos.

(Dec.-lei n. 5.047, de 5 — D.O. de 8-12-942).

#### GRATIFICAÇÃO A INSTRUTORES (limite).

— É arbitrado em Cr\$ 300,000 (trezentos cruzeiros) o limite máximo das gratificações que poderão ser pagas aos instrutores de centros de formação de reservistas de 2.<sup>a</sup> categoria que tiverem direito a recebê-las, ficando revogado, nesta parte, o aviso n. 3.551-6, de 1.<sup>o</sup> de dezembro de 1941.

(Aviso n. 3.322, de 17 — D.O. de 19-12-942).

#### GUARNIÇÃO DE FERNANDO DE NORONHA (fardamento).

— Autoriza a distribuição anual, às praças que servem em Fernando de Noronha, dadas as condições especiais do meio, de 2 camisas e uma túnica verde oliva, em vez de uma camisa e duas túnicas, que vem sendo distribuídas, conforme as instruções em vigor.

(Aviso n. 3.080, de 25 — D.O. de 22-11-942).

#### GUIAS DE SOCORRIMENTO (identidade).

— Das Guias de Socorrimento das praças transferidas devem constar, obrigatoriamente, o número de registro de identidade e a indicação do Gabinete de Identificação por onde foram identificadas.

(Aviso n. 3.103, de 27 — D.O. de 30-11-942).

#### MAQUINAS DE ESCREVER (recomendação).

— Dada a dificuldade atual de importação, e, conseqüentemente, a falta, no mercado, de máquinas de escrever, somar e calcular e seus acessórios, recomendando o maior cuidado desse material aos seus responsáveis e aos que o ti-



verem sob sua guarda, poupando-o de gastos excessivos e inúteis e esforçando-se pela sua preservação.

Este Ministério não fará doravante qualquer distribuição de recursos para a aquisição de novas máquinas a unidades já instaladas, mas tão somente para sua conservação.

(Aviso n. 3.039, de 21 — D.O. de 24-11-942).

#### MOLHELHA (adoção).

— Atendendo ao que expõe o diretor de Intendência do Exército, em officio n. 1.951, de 23 do mês findo, autoriza a adoção da molhelha de 0,m50x0,m20, alem da de que tratam as "Instruções sobre arreamento de tração para viaturas de um a quatro animais".

(Aviso n. 3.212, de 5 — D.O. de 8-12-942).

#### MUA RES (acréscimo).

— É autorizado o acréscimo de 96 (noventa e seis) muares sobre o efetivo-tipo fixado para os 1.º e 7.º G.A.Do. no Quadro 10, dos Quadros de Org. e Efetivo-tipo, de 16 de dezembro de 1940.

(Aviso n. 3.324, de 17 — D.O. de 19-12-942).

#### OFICIAIS GERAIS (nomeações).

— Foram nomeados:

Os Gerais de Divisão Cristovão de Castro Barcelos representante do Ministério da Guerra na Sub-Comissão Mixta Brasil-Estados Unidos da América.

O General de Brigada Antonio Fernandes Dantas para exercer o cargo de Diretor da Diretoria das Armas.

(Diário Oficial de 9 e 12-12-942).

#### OFICIAIS MÉDICOS (recomendação).

— 1. Os oficiais da Reserva, médicos e farmacêuticos, dos postos de capitão a 2.º tenente, que forem convocados para o serviço ativo, devem ser, preferencialmente, classificados na Diretoria de Saude do Exército, nos Hospitais, Policlínicas, Instituto Militar de Biologia, Depósito Central e Depósitos Regionais de Material Sanitário e Laboratório Químico Farmacêutico Militar.

2. Os oficiais médicos da ativa devem de preferência servir nas Formações Sanitárias Regionais e Regimentais e, bem assim:

a) nas funções de direção ou de caracter técnico militar que exijam tirocinio profissional;

b) nas chefias de serviços técnicos especializados (dos laboratórios, hospitais, etc.) toda vez que houver conveniência em manter profissionais de larga e reconhecida capacidade médica ou cirúrgica.

3. Os comandantes de Região Militar devem indicar à Diretoria de Saude do Exército os nomes dos médicos civis, oficiais da Reserva, necessários para o preenchimento das vagas que existirem ou vierem a existir nos estabelecimentos de saude com sede nos respectivos territórios, afim de que as convocações recaiam sobre profissionais com aptidão especializada para as funções ou cargos que irão desempenhar.

4. A Diretoria de Saude do Exército deve modificar as classificações já feitas que, por acaso, contrariem o disposto nos itens 1 e 2.

(Aviso n. 3.036, de 20 — D.O. de 24-11-942).

— Os médicos e veterinários civis candidatos ao ingresso no quadro de oficiais da Reserva de 2.ª classe devem fazer fardados o estágio de que trata o disposto na letra c do art. 2.º do decreto-lei n. 4.271, de 7 de abril de 1942.

Esta obrigação é restrita ao 5.º uniforme, tipo A.

(Aviso n. 3.076, de 25 — D.O. de 27-11-942).



# SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros - militares ou não - à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua **Secção de Publicações**, o serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da entrega da encomenda.

As despesas relativas ao SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.



*Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.*



"Revista Militar" — n. 79 — Setembro de 1942. Argentina.

"Revista Brasileira de Geografia" — ns. 1-2 — Janeiro a Março e Abril a Junho de 1942. Capital Federal.

"Revista de Intendência" — n. 5 — Setembro e Outubro de 1942. Rio.

"Liga Marítima Brasileira" — n. 423 — Setembro de 1942. Rio.

"Revista Militar" — n. 4 — Outubro de 1942 — Argentina.

"Alerta" — ns. 260-261 — Setembro e Outubro de 1942 — Uruguai.

"El Mauser" — n. 97 — Setembro de 1942 — Miraflores — Perú.

"Nação Armada" — n. 37 — Dezembro de 1942 — Rio de Janeiro.

"Tradição" — n. 29 — Outubro de 1942. Pernambuco.

"Revista de la Escuela Militar" — n. 119 — Julho de 1942 — Chorillos, Perú.

"Revista Militar del Perú" — ns. 7-8 — Julho a Agosto de 1942 — Lima, Perú.

"Revista de Caballería" — ns. 73-74 — Setembro e Outubro de 1942 — Chile.

"Visão Brasileira" — n. 53 — Dezembro de 1942. Rio.

## Livros à venda na Biblioteca de A Defesa Nacional

Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga..	Cr\$ 2,00
Indicador Paranhos até 1935 — Eurico Paranhos ..	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. J. J. Gomes da Silva ..	Cr\$ 5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães ..	Cr\$ 3,00

**ARMAZEM SANTA EFIGENIA**

Secos e molhados

**ANTONIO JOSÉ RODRIGUES TERCE**

Rua Dias da Cruz n.º 623



Redação e Administração:  
**QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO**  
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

## EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.  
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

## SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snrs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sôbre interesses pessoas ou militares.

b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

## SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira  
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

## CORRESPONDENCIA

Tôda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser endereçadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra.

## PREÇOS

Officiais e sub-tenentes .....	}	ano . . . . .	Cr\$ 30,00
		semestre . . . . .	Cr\$ 15,00
Sargentos.....	}	ano . . . . .	Cr\$ 25,00
		semestre . . . . .	Cr\$ 14,00

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, e os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais Cr\$ 2,40 per semestre.

Os officiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de Cr\$ 50,00 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.